

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA

RAMON BOENI

**O *PODCAST* COMO VOZ DA DIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO
LGBTQIA+ NA PODOSFERA A PARTIR DO PROGRAMA “POC DE
CULTURA”**

SÃO BORJA

2020

RAMON BOENI

**O *PODCAST* COMO VOZ DA DIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO
LGBTQIA+ NA PODOSFERA A PARTIR DO PROGRAMA “POC DE
CULTURA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Renata Patrícia Corrêa Coutinho.

São Borja

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B671p Boeni, Ramon

O podcast como voz da diversidade: uma análise da produção
LGBTQIA+ na podosfera a partir do programa Poc de Cultura /
Ramon Boeni.

90 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E
PROPAGANDA, 2021.

"Orientação: Renata Patrícia Corrêa Coutinho".

1. podcast. 2. LGBTQIA+. 3. mídias. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

RAMON BOENI

**O PODCAST COMO VOZ DA DIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO LGBTQIA+ NA PODOSFERA A PARTIR DO PROGRAMA “POC DE CULTURA”.**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04/05/2021

Banca examinadora:

Prof. Dra. Renata Patricia Corrêa Coutinho
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dra. Merli Leal Silva

UNIPAMPA

Prof. Ma. Camila Rodrigues Pereira

UFSM

OBS. Os membros internos signatários certificam que o membro externo acima identificado participou da apresentação pública do TCC e tomou conhecimento do teor deste documento.



Assinado eletronicamente por **RENATA PATRICIA CORREA COUTINHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/05/2021, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MERLI LEAL SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/05/2021, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Camila Rodrigues Pereira, Usuário Externo**, em 28/05/2021, às 18:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0526577** e o código CRC **FE4CF811**.

AGRADECIMENTOS

Eu sempre pensei na graduação como um passo profissional importante na vida de um indivíduo, pouco sabia que ela está sendo um divisor de águas na minha vida como um todo. Foram anos intensos, onde pude me desconstruir e construir, me perder e encontrar diversas vezes, evolui muito mais que meu lado profissional, evolui minha visão de mundo, evolui minha empatia pelas diferenças, foi intenso e bem vivido.

Dito isto, primeiro de tudo preciso agradecer as amizades que fiz, que me mantiveram e permitiram chegar até aqui: Andressa Almeida, Beatriz Alves, Crystian Oliveira, Danyllo Skybrawa, Eduarda Fernandes, Eduarda Perin, Felipe Mendes, Gabriel Prestes, Giulia Junges, Gustavo Emílio, Isabela Palermo, João Victor, Júlia Paz, Karen Rosa, Levi Carvalho, Luana Kasper, Lucas Almeida, Lucas Ribeiro, Mila Vançan, Pedro Cobra, Rafael Ataide, Tais Miranda, Tamires Leal, Thiago Palma, Tifani Lemes e muitas outras ligações que tive durante os anos de graduação. Agradeço também as amizades que marcaram minha infância e adolescência e seguem comigo, mesmo eu estando distante: Carol Haas, Larissa Bohn, Mariana Martini Ruschel, Natália Lermen, Sandy Boeni e Thaís Mossmann.

Também é indispensável agradecer imensamente à minha família, em especial minha mãe Leonice Ludwig Boeni, meu pai Jair Boeni e meu irmão Renan Boeni, que proporcionaram esse privilégio de poder focar esses anos em meus estudos. Agradecer também a meus avós, Blacio Irineu Ludwig, Ermelina Araci Ludwig, Ignês Boeni, Willibaldo Boeni (em memória), que hoje entendo a imensa importância que tem em minha vida.

Agradeço também ao corpo docente do meu curso, que tanto me fizeram aprender, sempre evidenciando o olhar humanizado, o que hoje em dia está tão em falta no mundo... Agradecer à minha orientadora Renata Patrícia Corrêa Coutinho, às professoras que compõem a banca Camila Rodrigues Pereira e Merli Leal Silva. Agradeço também aos técnicos, terceirizados, professores e alunos dos outros cursos e diretoria da universidade, universidade pública, gratuita, de qualidade e que resiste!

RESUMO

Em busca de compreender o papel social do *podcast* como mídia potencializadora de vozes e vivências LGBTQIA + (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais/travestis, *queer*, intersex, assexual e outras sexualidades e identidades), este trabalho foi realizado usando como metodologia a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo (Bardin, 1977), tendo como objeto de estudo os episódios do *podcast* “Poc de Cultura”, produzido por quatro homens gays, Caco Baptista, Filipe Bortolotto, José Melo e Hilário Júnior. No primeiro capítulo conceituamos o ciberespaço e suas possibilidades (Lévy, 1999); o surgimento e conceituação do *podcast*; e por fim evidenciamos o *podcast* como uma micromídia com características de produção simplificada, não centralizada, distribuição, disponibilidade e acesso diferenciados da radiodifusão, interação com audiência, e uma mídia de colaboração mútua entre seus produtores. No segundo capítulo conceituamos a sigla LGBTQIA+ e a história do movimento no Brasil, colocando em discussão considerações acerca da busca por visibilidade e representações da comunidade LGBTQIA+ ao longo dos anos. O terceiro capítulo buscou apresentar à plataforma de streaming *Spotify* e o *podcast* analisado. A análise nos possibilitou um sobrevoo sobre os episódios lançados entre setembro de 2018 e dezembro de 2020, fazendo um recorte dos episódios que tratam diretamente das questões da comunidade LGBTQIA + e posteriormente escolhemos um destes para uma análise mais aprofundada. A análise mostrou que o episódio em específico contribui para um intercâmbio entre as diferentes identidades que constituem a comunidade LGBTQIA+, como um espaço de discussão entre os membros da própria comunidade. Como resultados desta pesquisa temos que o *podcast* pode ser utilizado por diferentes perfis de pessoas para retratar questões da suas vivências, por se tratar de uma mídia com características de produção facilitadas em comparação a outros meios, contribuindo com a produção de histórias de óticas totalmente distintas ao que estamos acostumados a enxergar, ajudando a moldar um mundo aberto às diferenças.

Palavras-chave: *podcast*; LGBTQIA+; mídias.

ABSTRACT

In order to understand the social role of the podcast as a media that enhances voices and experiences LGBTQIA+ (lesbian, gay, bisexual, transsexual / “transvestite”, queer, intersex, asexual and other sexualities and identities), this work was carried out using bibliographic research and content analysis as methodology (Bardin, 1977), with the episodes of the podcast “Poc de Cultura”, produced by four gay men, Caco Baptista, Filipe Bortolotto, José Melo and Hilário Júnior. In the first chapter, we conceptualized cyberspace and its possibilities (Lévy, 1999); the emergence and conceptualization of the podcast; and finally, we highlight the podcast as a micromedia with characteristics of simplified production, not centralized, distribution, availability and access differentiated from broadcasting, interaction with the audience, and a medium of mutual collaboration between its producers. In the second chapter we conceptualize the acronym LGBTQIA+ and the history of the movement in Brazil, putting into question considerations about the search for visibility and representations of the LGBTQIA+ community over the years. The third chapter sought to present the streaming platform Spotify and the podcast analyzed. The analysis made it possible for us to fly over the episodes launched between September 2018 and December 2020, making a cut of the episodes that deal directly with the issues of the LGBTQIA+ community and later we chose one of these for a more in-depth analysis. The analysis showed that the specific episode contributes to an exchange between the different identities that make up the LGBTQIA+ community, as a space for discussion between members of the community itself. As a result of this research we have that the podcast can be used by different profiles of people to portray issues of their experiences, because it is a media with production characteristics facilitated in comparison to other media, contributing to the production of totally different optical stories, to what we are used to seeing, helping to shape a world open to differences.

Keywords: podcast; LGBTQIA+; media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Recorte dos 15 principais interesses e preferências dos ouvintes de <i>podcast</i> brasileiro	10
Figura 2 - Dados referentes à orientação sexual dos produtores de <i>podcast</i> brasileiros	12
Figura 3 - Lâmpião da Esquina Edição 20. Rio de Janeiro: Lâmpião, ano 2, n. 20, jan. 1980	30
Figura 4 - CHANACOMCHANA Edição 10. São Paulo: n. 10, set. 1986	32
Figura 5 - Dados referentes às plataformas preferidas dos ouvintes de <i>podcast</i> brasileiro	37
Figura 6 - <i>Print</i> de um recorte das categorias e subcategorias de <i>podcast</i> do <i>Spotify</i>	41
Figura 7 - Imagem de capa do <i>podcast</i> no <i>Spotify</i> , contendo os integrantes e identidade visual	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre a sigla LGBTQIA+ e as sexualidades e identidades representadas	22
Quadro 2 - Especificação dos critérios de escolha sobre a classificação de conteúdos dos episódios	46
Quadro 3 - Categorias de análise	49
Quadro A-4 - Levantamento dos episódios do <i>podcast</i> “Poc de Cultura”	63
Quadro B-5 - Classificação de conteúdo dos episódios de 2018	80
Quadro B-6 - Classificação de conteúdo dos episódios de 2019	80
Quadro B-7 - Classificação de conteúdo dos episódios de 2020	82

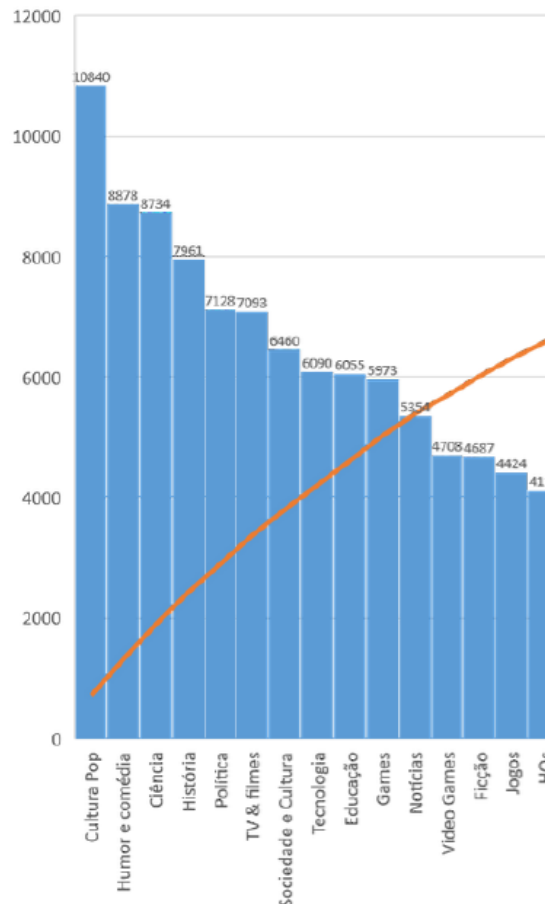
SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 CIBERESPAÇO E PODCAST	16
2.1 ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO E DE SOCIABILIDADE	16
2.2 PODCAST: UMA MICROMÍDIA OU MÍDIA DE NICHOS?	17
3 COMUNIDADE LGBTQIA+ E REPRESENTAÇÃO NAS MÍDIAS	22
3.1 BREVE HISTÓRICO	24
3.2 MÍDIAS ALTERNATIVAS	29
3.2 NOVELAS NACIONAIS	35
4 PODOSFERA LGBTQIA +	37
4.1 SPOTIFY	37
4.2 POC DE CULTURA	42
5 ANÁLISE DE CONTEÚDO	44
5.1 PRÉ ANÁLISE	44
5.2 ANÁLISE	45
5.3 TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
7 REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A - Levantamento dos episódios do podcast “Poc de Cultura”	63
APÊNDICE B - Classificação dos conteúdos dos episódios	80
APÊNDICE C - Depuração Entrevista Episódio 92	84

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vivemos nas últimas décadas um processo acelerado de surgimento de novas tecnologias, as quais ainda permanecem mudando e influenciando nosso modo de vida. Segundo Pierre Lévy (1999, p.11) “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento de jovens ávidos, para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem” fruto deste movimento, de anseio por novas formas de comunicação que não estejam diretamente ligadas às mídias tradicionais, enquadra-se o objeto de estudo desta pesquisa: o *podcast*. Segundo a Podpesquisa 2019, levantamento feito pela Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPod), novos formatos e temas vem se destacando entre os hábitos e preferências dos 16.713 entrevistados: além da cultura pop - tema pioneiro dos *podcasts* brasileiros - ciência, história e política entraram para os cinco assuntos de mais interesse e preferência.

Figura 1 - Recorte dos 15 principais interesses e preferências dos ouvintes de *podcast* brasileiro



Fonte: PodPesquisa 2019 - Associação Brasileira de Podcasts (Adaptação do autor)

A partir daí observa-se que os ouvintes brasileiros de *podcast*, além do entretenimento, também começam a buscar na mídia *podcast* uma maneira de se informar e entender questões

mais complexas, papel tradicionalmente exercido pelas grandes mídias como televisão, rádio e jornais.

Diante desse cenário de novas formas de comunicação Pierre Lévy (1999, p.11) afirma que “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe apenas à nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano”. No evento “*Spotify For Podcasters Summit*”, ocorrido em 2019 na Cinemateca Brasileira em São Paulo, o painel “*Podcast como voz das Minorias*”¹, tratou de discutir esta potencialidade do papel do *podcast* na sociedade atual. O evento contou com a participação de Caco Baptista, do *podcast* “Poc de Cultura” que trouxe à sua percepção como profissional *podcaster* LGBTQIA +² produzindo conteúdo em uma mídia relativamente nova. Segundo Caco, como *podcasters* eles possuem entendimento do que fazem e representam; através de trocas positivas e dos assuntos discutidos nos programas, ele acredita que é possível fazer com que as pessoas se tornem mais próximas dos temas, o que poderá impactar em uma mudança de seus comportamentos.

O “Poc de Cultura” se auto descreve como “um *podcast* sobre as dores e delícias de ser viado”, formado por quatro homens gays, Caco Baptista, Filipe Bortolotto, José Melo e Hilário Júnior, contam histórias representativas que não possuem a mesma ótica de vivência da maioria das pessoas, falando sobre suas experiências, sendo positivas ou negativas como representantes da letra “G” da comunidade LGBTQIA +. Embora o *podcast* em questão não traduza o total da diversidade LGBTQIA +, contribui ao trazer um olhar aberto a entender as diferentes vivências, falando sobre questões e preocupações diárias e o que normalmente acaba passando despercebido pelas mídias tradicionais e conseqüentemente pela maioria das pessoas.

A ABPod realizou em 2020 a PodPesquisa Produtor, voltada para os produtores de *podcast* brasileiro, buscando a identificação de um perfil, de seus hábitos, preferências de plataformas e conteúdos. Como resultado, essa pesquisa aponta que cerca de 14,9% dos *podcasters* se declaram homossexuais ou bissexuais e 3,8% não se declararam hetero, homossexual ou bissexual, provavelmente enquadrando-se em outra nomenclatura que a pesquisa não divulgou. Tendo assim, 18,7% dos produtores de *podcast* não sendo

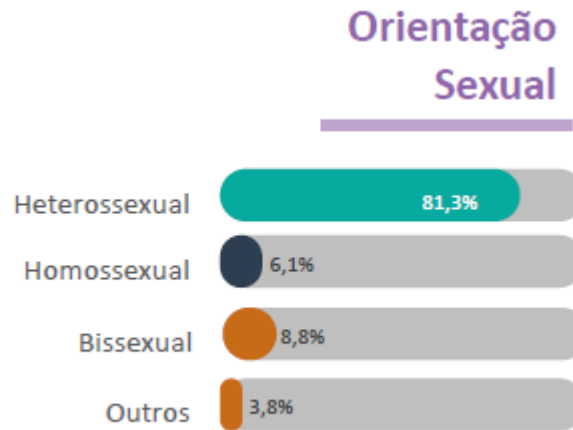
¹ Painel disponível como conteúdo de podcast, através do link:

<https://open.spotify.com/episode/6ALKOBZx5BghmaNGvnk3Dr?si=5oySSBeETD67oZKvNjJ_Aw>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

² Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersex, assexual e de outras orientações sexuais e identidades de gênero

heterossexuais, percentual bem menor dos 81,3% heterossexuais mas de grande relevância visto à emergência desta nova mídia em nosso país.

Figura 2 - Dados referentes à orientação sexual dos produtores de *podcast* brasileiros



Fonte: PodPesquisa Produtor 2020 - Associação Brasileira de *Podcasts*

Diante deste cenário buscamos compreender como o *podcast* pode colocar em discussão vivências da comunidade LGBTQIA+ que não possuem espaço de debate em outras mídias. No decorrer deste trabalho buscamos responder à questão problema: **quais vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ são explicitadas através do *podcast* “Poc de Cultura”?** Assim, essa pesquisa tem como objetivo geral compreender o papel social do *podcast* como mídia potencializadora de vozes e vivências LGBTQIA+. Tendo como objetivos específicos: a) Discutir o conceito LGBTQIA+ e sua representação no *podcast* como mídia; b) Mapear as temáticas trabalhadas pelo *podcast* “Poc de Cultura”, e c) Analisar as vozes e vivências de episódio selecionado do *podcast* “Poc de Cultura”.

A partir de pesquisas preliminares identificamos três ordens de importância que justificam essa pesquisa: ordem científica-teórica, científica-prática e social. Conforme Santaella (2001), a justificativa visa colocar em relevo a importância da pesquisa proposta, quer no campo da teoria, quer no campo da prática para a área do conhecimento em que a pesquisa se desenvolve. No que se refere a justificativa de ordem científica prática, Santaella (2001) afirma que esta está relacionada à busca de uma resposta a um aspecto novo que a realidade apresenta como fruto do desenvolvimento ou quando se tem a intenção de sugerir caminhos para uma determinada aplicação tecnológica. O ano de 2019 foi considerado “ano do *podcast*” pela revista *Veja SP* (2019), pois foi nesse ano que o *podcast* se tornou popular em nível nacional. Segundo a Abpod, em 2018 eram mais de 3 mil projetos de *podcast*, os mais populares chegando a ter um milhão de execuções por episódios. A partir desses dados conseguimos compreender a rápida expansão do formato de mídia *podcast* e justificar a

grande importância de compreendê-lo também como lugar de amplificação de vozes que muitas vezes não são escutadas pelas mídias tradicionais.

A justificativa científica teórica proporciona a construção de uma nova teoria ou auxilia na amplificação do conhecimento teórico já existente, preenchendo lacunas detectadas no conhecimento da área (SANTAELLA, 2001, p.173). A partir dessa definição, o trabalho se justifica por amplificar o entendimento do conceito de *podcast*, buscando analisar as suas características. Para a realização deste trabalho realizamos um levantamento em torno de trabalhos que pudessem agregar a nossa pesquisa. Ao buscarmos por trabalhos acadêmicos que tratassem do tema “*podcast*” e “*podcasting*” na plataforma Google Acadêmico; encontramos muitos trabalhos que correlacionam o seu uso à área da educação, trazendo-o como uma ferramenta educacional além de outros trabalhos que buscam caracterizar e contar o surgimento dessa mídia em contrapartida ao rádio e ao surgimento da internet. Porém, destacam-se três trabalhos, o primeiro do autor Alex Fernando Teixeira Primo, intitulado “Para além da emissão sonora: as interações no podcasting” (2005), o segundo “Podcasting: Produção descentralizada de conteúdo sonoro” (2005) com autoria de Macello Santos de Medeiros, e o terceiro do autor Gustavo Cardoso Vanassi, “Podcasting como processo midiático interativo”(2007). Os três trabalhos fazem uma reflexão do *podcast* como mídia sonora, com características divergentes do rádio e potencialidade de ser mais democrático que as mídias tradicionais. Os trabalhos foram produzidos há alguns anos, antes mesmo da popularização do *podcast* no cenário nacional, tal fato abre lacunas e possibilita a realização de um debate mais atual sobre essa mídia no país. Quando buscamos por “democratização do *podcast*” na plataforma Google Acadêmico encontramos vários trabalhos, mas poucos com o tema pesquisado, destacando-se à dissertação de Juliana de Souza, intitulada “Reflexões sobre à Democratização na Internet: análise da produção de *podcast* no Brasil” (2020), em que a autora analisa produções de *podcasts* brasileiros do ponto de vista do autor do livro “*Podcast: guia básico*” (LOPES, 2015) através das chamadas “cinco etapas básicas que estão presentes na elaboração dos podcasts”. Com esses trabalhos podemos caracterizar o *podcast* e ampliar sua definição a partir dessas características.

Ainda entre as justificativas para a realização deste trabalho, enquadra-se a justificativa de ordem social que, para Santaella (2001), é aquela em que o conhecimento resultante da pesquisa está voltado para a reflexão e o debate em torno de problemas sociais ou quando um conhecimento prático é buscado como meio de intervenção na realidade social. Sendo assim, essa pesquisa possui uma justificativa social, pois abre o debate da democratização do *podcast* como mídia, buscando compreender o papel social do *podcast*

como mídia potencializadora de vozes e vivências LGBTQIA+, devido às suas características, possibilitando mudanças sociais oriundas da discussão dos assuntos em pauta nos programas. E por fim, trazemos nossa justificativa pessoal de interesse pelo tema, que é fruto de anos como ouvinte de *podcast* e das experiências como produtor desta mídia ao longo de minha trajetória acadêmica. Acredito que a informação cura preconceitos, e o *podcast* pode ser um desses caminhos para um mundo de mais tolerância com o diferente.

Para o desenvolvimento desta pesquisa são utilizados dois procedimentos metodológicos, o primeiro a partir de Lakatos e Marconi (2005), a pesquisa bibliográfica e o segundo, a análise de conteúdo por Bardin (1977). Segundo Lakatos e Marconi (2005), a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, com finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o tema em questão. Esta etapa da pesquisa se mostra essencial, pois proporciona uma revisão das pesquisas existentes, podendo abrir caminhos não desbravados seguindo o objetivo proposto neste trabalho. Enquanto que a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas que analisam as comunicações, através de procedimentos sistemáticos e objetivos com a finalidade de descrever o conteúdo dos dados obtidos a partir do objeto da pesquisa (BARDIN, 1977), sendo ele os episódios do *podcast* “Poc de Cultura”. Desta forma, este trabalho se organiza em 3 capítulos de pesquisa bibliográfica e um capítulo de análise de conteúdo. Sendo o primeiro capítulo intitulado “Ciberespaço e Podcast” onde contextualizamos o surgimento da internet e como ela possibilitou novos espaços de debate na mídia (Pierre Lévy, 1999); depois trazemos de forma resumida, o surgimento e a conceituação do *podcast* a partir de Assis (2014), Freire (2017) e Vanassi (2007); adiante colocamos em discussão as características dessa nova mídia a partir dos autores já mencionados, além de Primo (2005), Medeiros (2005), Luiz e Assis (2010), Bonassoli (2014) e Duarte (2014). O segundo capítulo, “Comunidade LGBTQIA+ e Representação nas Mídias”, inicia com a conceituação da sigla LGBTQIA + por Scherer (2019) e tem como objetivo dar um embasamento à história da comunidade LGBTQIA+, à partir de Quinalha (2020), Ferreira e Sacramento (2019), assim como justificar a importância de colocá-la em debate para a sociedade, trazendo dados do Relatório de Violência do Grupo Gay da Bahia (2020). Além disso, este capítulo traz breves considerações acerca da busca por visibilidade e representação nas mídias a partir de Quinalha (2017), Schultz e Barros (2014), Ferreira (2010), Martins (2017), Bush (2019) e Neto (2019). O terceiro capítulo, nomeado como “Podosfera LGBTQIA+”, busca apresentar a plataforma de *streaming Spotify* e o *podcast* “Poc de Cultura”, a partir de informações encontradas no site da empresa, de dados da Associação de

Podcasters Brasileiros (2019) e reportagens. No último capítulo temos a análise do objeto desta pesquisa, os episódios do *podcast* “Poc de Cultura” através da metodologia de análise de conteúdo por Lawrence Bardin (1977), em que, apresentamos uma categorização dos episódios, a fim de mapear as temáticas trabalhadas pelo *podcast* “Poc de Cultura”, buscando entender os temas abordados para posterior análise das vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ explicitadas através do *podcast*. Como parte final deste trabalho apresentamos as considerações finais com base nos resultados finais desta pesquisa.

2 CIBERESPAÇO E *PODCAST*

2.1 ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO E DE SOCIABILIDADE

Não é difícil perceber olhando para poucos anos atrás o quanto a sociedade tem mudado em decorrência do surgimento de novas tecnologias. Para Lévy (1999), a sociedade encontra-se condicionada às suas técnicas, que por si só são produzidas dentro de uma cultura; este condicionamento acontece pois não é possível imaginar nos dias atuais movimentos culturais ou sociais sem a presença do ciberespaço (técnica), que acompanha, traduz e favorece uma evolução da civilização. Para o autor o surgimento do ciberespaço - dispositivo de comunicação interativo e comunitário - não pode ser traduzido simplesmente como bom ou ruim, pois depende dos seus usos e pontos de vista:

Quando os "impactos" são negativos, seria preciso na verdade incriminar a organização do trabalho ou as relações de dominação, ou ainda a indeslindável complexidade dos fenômenos sociais. Da mesma forma, quando os "impactos" são tidos como positivos, evidentemente a técnica não é a responsável pelo sucesso, mas sim aqueles que conceberam, executaram e usaram determinados instrumentos. Neste caso, a qualidade do processo de apropriação (ou seja, no fundo, a qualidade das relações humanas) em geral é mais importante do que as particularidades sistêmicas das ferramentas, supondo que os dois aspectos sejam separáveis." (LÉVY, 1999, p.28)

A emergência do ciberespaço está condicionada à inteligência coletiva, que o desenvolve, ou seja, o ciberespaço utiliza da inteligência coletiva como condição para seu desenvolvimento. Para Lévy (1999, p.30), a cibercultura se utiliza do “seu aspecto participativo, socializante, descompartmentalizante, emancipator” para aceleração do seu desenvolvimento, a ponto de afetar os dados elementares da vida social. Do mesmo modo que o rádio e a TV, produzem efeitos sobre nossa sociedade, o ciberespaço vêm na mesma direção, porém, diferentemente das mídias tradicionais que fundamentalmente transmitem para o ouvinte ou telespectador, Lévy afirma, que o ciberespaço, possibilita o estabelecimento de alguns espaços de diálogo entre produtores e ouvintes ou espectadores. Atuando tanto, na transmissão de informações como no recebimento, tornando-se um espaço de maior participação e interação.

O autor contextualiza o surgimento e desenvolvimento do ciberespaço nos anos 70 com a comercialização do microprocessador, abrindo “diversos processos econômicos e sociais de grande amplitude”. Porém foi com a invenção do computador pessoal, fruto de um movimento social californiano de “contracultura”, que apossaram-se em novas possibilidades técnicas. Nos anos 80 surge a multimídia, difundindo a partir das telecomunicações, editoração, cinema e da televisão, possibilitando “novas formas de mensagens “interativas” aparecerem” (Lévy, 1999, p.32). E, a partir dos anos 90, um novo movimento sociocultural

tomou uma grande dimensão originada por jovens americanos, possibilitando “uma corrente cultural espontânea e imprevisível” que atuou no surgimento das tecnologias digitais tornando-se então, “a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (Lévy, 1999, p.32).

Para Lévy, os usos sociais dos espaços virtuais integram um movimento permanente de crescimento, de redução nos custos e descompartmentalização, apresentando preocupações de que maneira a sociedade iria se apropriar e alterar o ciberespaço. A pesquisa do autor então caracteriza as técnicas que fazem do computador pessoal um grande emergente do ciberespaço, como ponto essencial na história da evolução humana, que como mencionado inicialmente, não é mais possível imaginar, no século XXI, os movimentos culturais e sociais sem a presença do ciberespaço.

2.2 PODCAST: UMA MICROMÍDIA OU MÍDIA DE NICHO?

Com o advento da internet, nas últimas duas décadas novos hábitos de consumo foram surgindo oriundos do ciberespaço, o *podcast* é um desses consumos. O *podcast* se caracteriza como um conteúdo em áudio disponibilizado de maneira digital, via internet possibilitando ao ouvinte escolher o melhor dia e horário para consumir. Surgiu através de recursos tecnológicos de arquivos de áudio MP3 disponibilizado por RSS (*Really Simple Syndication*), possibilitando uma expansão livre por meio da *web* chamados de “agregadores” não dependendo de uma transmissão centralizada. Os aparelhos portáteis possibilitam uma distribuição ampla de conteúdos que demandam tecnologias compatíveis com o esses aparelhos; segundo Luiz (2014, p.10), o método que mais teve sucesso foi do *download* automático através dos agregadores RSS, que “em vez de o internauta ir até o conteúdo, o conteúdo “vai” para o internauta”.

Conforme Assis (2014, p.31), “o *podcast* é uma mídia transmitida via *podcasting*, e o *podcasting* é uma forma de transmissão de mídia via *feedRSS*”, ou seja, do mesmo modo que se deu em relação a radiodifusão, isto é o meio de transmissão determinou o nome da mídia rádio, neste caso, ou como o autor destaca “o meio indica à mídia”.

Segundo Freire (2017, p.59), o *podcasting* começou a ser possível a partir de 1999 com a criação do sistema RSS que possibilitou seu uso em blogs, e posteriormente audioblogs no início dos anos 2000. Luiz (2014, p.10) aponta que Dave Winer, em 2003, foi o responsável por tornar arquivos de áudio compatíveis com o sistema RSS, “só que isso ainda

não era podcast”. Em 2004 “Adam Curry criou, a partir de um *script* de Kevin Marks, uma forma de transferir esse arquivo de áudio disponibilizado via RSS para o agregador iTunes”.

Segundo o autor, o *podcast* nasce da junção do prefixo “*pod*” oriundo de *iPod*” (dispositivo móvel de arquivos em áudio da empresa *Apple*) “e do sufixo “*casting*”, originado da expressão “*broadcasting*”, transmissão pública e massiva de informações”.

Ainda no que se refere a nomeação, Vanassi (2007, p.52) complementa que a palavra *podcast* foi citada pela primeira vez no jornal britânico *The Guardian* por Ben Hammersley, em 12 de fevereiro de 2004, o jornalista trazia o termo como sinônimo de audioblog, justamente porque na época os *blogs* já utilizavam tecnologia *feed* RSS para automatizar seus conteúdos a seus leitores, formalizando o “batismo” da nova tecnologia de transmissão de conteúdos como *podcasting*.

Para compreendermos o *podcast* como mídia, destacamos o que Primo (2005, p.03) *apud* Thornton (1996), aborda sobre o que ele classifica como sendo os três níveis midiáticos: mídia de massa, micromídia e mídia de nicho. Como mídia de massa estão os veículos de comunicação tradicionais, normalmente com grande alcance de audiência, já a micromídia é aquela que possui baixa circulação e visa públicos pequenos. Para Thornton (1996), a micromídia possui uma importância para as subculturas, pois trazem informações de maior credibilidade não dependendo de interesses particulares. E, por último, está a mídia de nicho, aquela que também possui públicos específicos, onde faz referência a um público bem segmentado. Para Primo, essa mídia possui uma intimidade e proximidade com seu público, mas muitas vezes as suas condições de produção assemelham-se às mídias de massa, pois são guiadas por pesquisas de marketing.

Partindo dessa classificação, o *podcast* pode ser considerado como micromídia, pois a maioria não possui vínculo com corporações da mídia de massa tradicional; porém, quando há essa ligação pode ser classificado como mídia de nicho (como por exemplo os *podcasts* lançados pela Rede Globo no ano de 2019, sobre o selo do portal de notícias G1). Portanto, o *podcast* pode ser classificado como uma mídia de nicho ou como micromídia. Neste estudo, partimos do pressuposto de que os *podcasts* LGBTQIA+ estão melhor situados como micromídia porque não estão ligados aos modelos de produção massiva de conteúdo, já que seus produtores poderiam ser considerados independentes.

O *podcast* como micromídia traz consigo a não centralidade de sua produção. Conforme Medeiros (2005, p.03), o *podcast* desde sua origem tem como principal característica ser uma mídia “direto de quem produz para quem consome”, sem a atuação de intermediários, bastando ter acesso à internet, passando o usuário a escolher o quê, quando e

onde ouvir. Como oposição a esse modo, os meios tradicionais trazem produções, muitas vezes grandiosas, a um custo elevado, enquanto a não centralidade do *podcast* permite uma produção facilitada, podendo ser realizada por uma única pessoa na posse de um microfone (de um fone de ouvido), gravador de áudio (*apps* de celular), um computador e acesso à internet.

Essa produção simplificada, segundo Primo (2005), permite um maior contato da produção com o produto final, algo que não ocorre com programas de mídia tradicional. Deste modo, o *podcast* preenche a posição de produção independente de conteúdo sonoro, podendo se utilizar de experimentações sem estar preso a um formato.

O *podcast* tem características de distribuição, disponibilidade e acesso que para Primo (2005, p.05) “diferencia-se radicalmente da radiodifusão”, pois na rádio a distribuição dos programas é em tempo real e a escuta está em sincronia, enquanto que o *podcast* não tem essa sincronia, o que para Primo não é um problema, mas sim, uma outra proposta de escuta.

Para que um *podcast* seja ouvido ele é disponibilizado em um agregador de áudio que possua suporte à *podcasts*. Atualmente, os principais aplicativos de música possuem esse suporte, tornando o seu conteúdo acessível a depender apenas de banda de internet. O usuário pode ainda escolher realizar um cadastro em alguma dessas plataformas para realizar *download* do conteúdo publicado.

Um outro aspecto que Vanassi (2007, p.56) aponta é que a disponibilidade dos *podcasts* oferece a “liberdade para o ouvinte poder baixar e escutar os programas disponibilizados quando quiser, conforme à sua vontade”; esse acesso mostra-se uma característica fundamental do *podcast* como mídia. Contudo, um ponto de atenção acerca do acesso ao *podcast* é que ele pode ser considerado uma “abertura de espaços de debate para aqueles que possuem acesso ao ciberespaço”, o que não o torna totalmente acessível a todas as pessoas (PRIMO, 2005, p.05).

Apesar de estar condicionado à quem possui acesso à internet, fato relevante para a emancipação do ciberespaço é a popularização dos *smartphones*, segundo dados do Relatório de Economia Móvel da GSMA em 2019, 67% da população mundial usam algum tipo de aparelho de telefone celular, 5,1 bilhões de pessoas. Sendo a banda larga do 4G principal padrão de conexões de dispositivos móveis, atingindo 3,4 bilhões de pessoas no mundo (GSMA, 2019).

Por mais poderoso e importante que tenha sido o surgimento das mídias sociais em alguns de nossos locais de pesquisa, seria difícil colocá-lo à frente do impacto e da relevância dos *smartphones*, nos quais as plataformas das mídias sociais podem ser vistas como apenas outro tipo de aplicativo. Além disso, são *smartphones* que facilitam a importância das mídias sociais como

uma mistura de meios polimidiáticos, deixando clara a variedade de possibilidades de mídias que se encontram lado a lado, dentro de um dispositivo facilmente acessível. Podemos não só escolher a escala do grupo com o qual desejamos nos comunicar, mas também a combinação de componentes textuais, visuais e auditivos, conforme apropriado para a situação. (MILLER ET AL., 2019, p.230)

Os aparelhos celulares inteligentes abriram ainda mais o ciberespaço pois possibilitaram uma mobilidade mais fácil, do ponto de vista do tamanho físico e do acesso financeiro.

Devido ao surgimento do *podcast* estar muito ligado aos *blogs*, Alex Primo (2005, p.18) faz considerações a ele a partir desse contexto. Segundo o autor, “no processo comunicativo do *podcasting* existe à possibilidade de diálogo entre todos os participantes, durante o encontro assíncrono no *blog*”; essa interação com os seus públicos é levada significativamente como característica constituinte dos *podcasts*, que abriam espaço em seus programas para ler comentários do *blog*, sendo que alguns programas até disponibilizam um *email* para envio de dúvidas, sugestões e compartilhamento de vivências. Atualmente essa característica de interação ainda é muito presente nos *podcasts*, entretanto esse vínculo entre o *podcaster* (produtores de *podcast*) e seus ouvintes, ocorre com mais ênfase à partir de redes sociais, como *Twitter* e *Instagram*, não sendo mais utilizados os *blogs*.

Outra característica presente no *podcast* é o que Lucio Luiz e Pablo de Assis (2010, p.09) chamam de suporte mútuo ou colaboração mútua, ocorrida em uma comunidade colaborativa, comumente chamada de *podosfera*. Essa colaboração, para Kell Bonassoli (2014, p.16) pode acontecer “intrapodcast” ou ‘extrapodcast”.

Ou seja, ela é “intrapodcast” quando a colaboração ocorre entre os *podcasters* de um mesmo programa, sem que eles precisem estar necessariamente juntos fisicamente para fazer as atividades que envolvem a sua produção, como roteirização, gravação, edição e divulgação, podendo cada integrante ser responsável por uma atividade - dificilmente os *podcasters* terceirizam essas atividades.

A colaboração é chamada de “extrapodcast” quando advém de fora do programa em si, mas dentro da *podosfera*; pode se dar quando um *podcaster* mais experiente ensina aos novos *podcasters*, via tutoriais em vídeos e grupos de fóruns online sobre o assunto, por exemplo. Bonassoli (2014, p.17) afirma que “uma mão lava a outra” e “o conhecimento propagado cada vez se expande em mais canais e para mais pessoas”.

Na colaboração “extrapodcast” entram ainda as parcerias entre programas, onde as audiências são cruzadas, indicando outros assuntos, *podcasts* e referências; para Alex Primo

(2005, p.10) “essa interconexão de subsistemas pode produzir grandes efeitos sociais, sem que haja controle ou orquestração do estado ou da grande mídia”.

Podemos ainda salientar uma outra característica relevante acerca do *podcast*, um fenômeno que nas grandes mídias tradicionais não há, ao menos, não como em *podcasts* nacionais, isto é, a demarcação da regionalização pelo sotaque. No momento em que qualquer pessoa, em tese, pode produzir um programa, de qualquer região e classe social tem-se uma diversidade tanto de assuntos como de sotaques.

De acordo com Pedro Duarte (2014, p.26), “o *podcast* é a mídia capaz de quebrar paradigmas, de ter integrantes de vários locais do Brasil, com diferentes formas de falar em seus respectivos programas, com um nível de aceitação de audiência bastante encorajador”. O autor entende que as grandes mídias do país estão localizadas na região sudeste, como emissoras de TV, rádios e grandes portais, o que contribui para uma ideia de neutralização dos sotaques, com a “intenção de padronizar, nivelar pelo que já é aceito”, porque sempre foi dessa maneira, “o conteúdo é produzido para quem melhor poderá consumir”, na visão do autor as mídias tradicionais são consideravelmente consumidas pela população sudeste. Essa neutralização dos sotaques, das particularidades pessoais, e também das histórias por trás dos atuantes das grandes mídias, é quebrada primeiramente através da internet, que segundo Duarte, faz com que qualquer pessoa possa produzir conteúdo, sem ter necessariamente aprendido esses conceitos de “como se portar na mídia”.

A internet passou não necessariamente a ser vida real, mas a sua intensidade, vinte quatro horas por dia, sete dias por semana e sua capacidade de simultaneidade, traz essa sensação, o que obriga aos atuantes serem reais, mostrando seu dia à dia e conseqüentemente serem eles mesmos, com suas histórias e particularidades. O *podcast* traz essa ideia de vida real para seus programas, seus atuantes agem de maneira natural, possibilitando uma “produção regional que também é nacional, quebrando estereótipos, criando novas referências e ampliando de forma natural o conhecimento geral sobre nosso país” (DUARTE, 2014, p.25).

Dessa naturalização dos sotaques, das particularidades e das histórias são geradas uma identificação por parte do seu público, que segundo Duarte “passa a segui-lo em outras mídias e a ter acesso à mais histórias, imagens e registros de regiões pouco abordadas na mídia tradicional” (2014, p.26). Além de que, alguns assuntos abordados de forma simplificada na mídia tradicional podem receber o destaque de um *podcaster* em seus programas, ampliando e aprofundando a discussão de temas diversificados a partir de inúmeras abordagens.

3 COMUNIDADE LGBTQIA+ E REPRESENTAÇÃO NAS MÍDIAS

Buscando compreender a importância do debate proposto neste trabalho, é necessária uma contextualização da história da comunidade LGBTQIA+³; portanto, este capítulo tem como objetivo contextualizar a comunidade no Brasil, lembrando conquistas e fatos importantes. Não buscamos aqui a totalidade da história do movimento LGBTQIA+, mas sim fatos históricos que possam dar um contexto, e que até certo ponto, justificam a importância do debate em torno dela para com a sociedade em geral.

Com intuito de abrir o debate sobre a comunidade LGBTQIA+ se faz necessário a descrição de cada uma destas letras, visto que é uma composição de várias sexualidades e identidades de gênero. Segundo Scherer (2019, p.76), “o movimento tem a sua própria história e passou por diversos processos de revisão de discurso, de pauta e de posicionamento, a própria sigla também sofre alterações dependendo do contexto ao qual estamos nos referindo”. O autor acrescenta ainda que não existe um único movimento e sim a constituição de vários movimentos que possuem demandas em conjunto e outras possíveis divergências. Porém, o fator de interesse desta pesquisa são as pautas conjuntas que fizeram dessas letras uma única sigla, o combate ao preconceito e as violências contra a diversidade sexual e de gênero (LGBTfobia) como corpos dissidentes, não alinhados ao padrão heteronormativo da sociedade. A relação entre a sigla mais atual e as sexualidades e identidades podem ser descritas como:

Quadro 1 - Relação entre a sigla LGBTQIA+ e as sexualidades e identidades representadas

Letra/ Símbolo	Sexualidade/ Identidade Representada	Descrição
“L”	Lésbicas	Mulheres que sentem atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo gênero.
“G”	<i>Gays</i>	Homens que sentem atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo gênero.
“B”	Bissexuais	Mulheres ou homens que se sentem atraídos por dois ou mais gêneros;

(continua)

³ A sigla é reflexo de uma evolução que busca agregar mais identidade e orientações sexuais, neste trabalho optamos por utilizar esta versão, porém ao longo desta sessão pode-se mencionar outras variações da mesma dependendo do contexto que busco descrever.

(conclusão)

		Pessoas transexuais são homens ou mulheres cujo gênero definido no nascimento é diferente do gênero que se identificam. O prefixo "trans" significa "além de". São pessoas que atravessam a determinação de gênero imposta no momento do nascimento pelo sexo biológico dentro de uma ótica binária; / Esse termo é utilizado apenas no Brasil e, diferente do que parece, não se trata de um termo pejorativo em si. A identidade se refere a pessoas que, diferentemente dos transexuais, não fazem essa travessia completamente, isto é, não negam um gênero em prol do outro. Travestis transitam entre os gêneros de maneira performática e questionando os limites de gênero. É o caso da “bicha travesti” ou “transviada”;
“T”	Transexuais/ Travestis	É uma identidade que surge principalmente nos EUA, a partir do âmbito acadêmico e do pensamento de autoras como Judith Butler e é importada para o Brasil. Pode ser considerado um termo guarda-chuva que abarca um grande espectro de pessoas que não se encaixam nos padrões heterossexuais e ou no binarismo de gênero. Ao falar em binarismo nos referimos ao masculino e ao feminino não apenas pela aparência mas pelos papéis sociais atribuídos. Por ser um termo de origem acadêmica pode ser que nunca chegue ao âmbito popular como a palavra travesti. Os termos Queer e Travesti se confundem e se assemelham a cada um completando a particularidade de sua língua;
“Q”	<i>Queer</i>	É uma variação de características sexuais que incluem cromossomos ou órgãos genitais que não permitem que a pessoa seja distintamente identificada como masculino ou feminino. No nível biológico, as pessoas não podem ser definidas totalmente como homem ou mulher;
“I”	Intersex	É um termo guarda-chuva para se referir a pessoas que em algum nível não sentem desejo ou interesse em atividades sexuais;
“A”	Assexual	
	Outras possíveis sexualidades	É utilizado para se referir a pessoas que não se sentem representadas pelas demais siglas.
“+”	e identidades	

Adaptação do autor à partir de SCHERER, 2019, p. 76

Como podemos perceber, a sigla LGBTQIA+ envolve consideravelmente muitas particularidades, sendo o símbolo de soma, a representação de outras muitas sexualidades e gêneros. Partimos do questionamento de como essas particularidades chegam a maioria das pessoas? Existem diversas maneiras de levar o conhecimento e informações às pessoas, e dentre elas a mídia tem um papel importante, por meio de novelas, telejornais, filmes, programas de rádio, jornal impresso, livros e portais digitais, como *blogs* e portais de

notícias. Seriam os *podcasts* um meio independente da mídia tradicional, que poderia debater e trazer as questões da comunidade LGBTQIA+ , para um nível maior de entendimento, visto que as mídias tradicionais acabam estando atreladas à interesse privados e, por buscar maiores índices de audiência, estarem focando em temas de maior prospecção. Nestes próximos parágrafos discutiremos de maneira breve, à entendermos um pouco mais do contexto da comunidade LGBTQIA+ , buscando evidenciar a importância dos seus debates para com a população em geral.

3.1 BREVE HISTÓRICO⁴

É notório que a comunidade LGBTQIA+ no Brasil já nasceu antes mesmo da exploração europeia nas terras tupiniquins em 1500, visto que as sexualidades e as diferentes identidades de gêneros são características intrínsecas do ser humano. Porém, foi a partir da ditadura brasileira em 1964 que a comunidade passou a se organizar diante das perseguições sofridas pelos militares.

(...) desde os tempos mais remotos, é possível identificar registros de comportamentos sexuais e de gênero dissidentes ao padrão imposto pelo sujeito pretensamente universal (homem, branco, europeu, heterossexual, cisgênero, católico e proprietário). Também se podem identificar, nessa longa história, modos diferentes de ação política e de contestação por parte dos corpos e desejos "desviantes". Contudo, é nesse momento peculiar da recente ditadura civil-militar que emerge, em sentido sociológico e político específico, um movimento social de luta pelo reconhecimento, pela visibilidade e pelo respeito das diversidades sexuais e de gênero.” (QUINALHA, 2020).

Este período da ditadura colocou o estado como detentor da razão sobre as questões comportamentais da sociedade brasileira, tratando a sexualidade como tema de seguridade nacional, dando ao estado peso autoritário e ditatorial sobre estas questões. Perseguições, dossiês com informações da vida íntima das pessoas e censuras à expressões de arte faziam parte do cotidiano de muitos *gays*, lésbicas e travestis da época. Programas de TV, filmes, peças teatrais foram censuradas em nome dos valores tradicionais da família brasileira, simples expressões de sexualidade e identidade de gênero divertentes da norma heterossexual eram condenadas à força da ditadura. Quinalha acrescenta que estes, tinham como pretensão “sanear moralmente a sociedade e criar uma nova subjetividade afinada com os princípios binários e heteronormativos tão caros às políticas morais conservadoras”. Apesar da imponente repressão do regime militar, a partir dos anos 70 a comunidade LGBTQIA+ passou

⁴ Este breve histórico da comunidade LGBTQIA+ se baseia em um texto do advogado, professor doutor e ativista de direitos humanos, Renan Quinalha, para o site gente.globo.com, intitulado “A história do movimento LGBT brasileiro”. Também utilizamos como base o texto dos autores Vinícius Ferreira e Igor Sacramento para a RECIIS (Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Informação em Saúde) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

a frequentar bares, boates e espaços de sociabilidade homossexual, mesmo diante das perseguições sofridas. Pode se fazer aqui uma reflexão de duas vias importante, que a presença da repressão da ditadura brasileira às expressões de sexualidade e identidades desprendidas da norma heterossexual binária, pode ter sido um fator de união entre a comunidade LGBTQIA+ da época, ao mesmo tempo, também um fator para tornar temas da comunidade como tabus⁵ para a sociedade em geral, trazendo falhas nas concepções da sociedades sobre os temas que tem efeito até nos dias atuais.

Esta união da comunidade faz-se importante para o nascimento de movimentos sociais em 1978, ano importante para o processo de redemocratização do Brasil, em que é criado o MHB (Movimento Homossexual Brasileiro) que junto de outros movimentos sociais, tiveram papel fundamental nesse processo. Ferreira e Sacramento (2019) relatam que o final da década de 70 foi consolidado pelo surgimento de movimentos identitários e que junto do movimento homossexual, também eclodiu os movimentos feministas e dos negros. Esses movimentos foram importantes para uma reconfiguração dos partidos brasileiros de esquerda, trazendo resistência e oposição firme ao regime da ditadura, tendo papel importante no processo de redemocratização.

Quinalha menciona que como iniciais ações do MHB foi criado um coletivo de articulação, chamado “Somos - Coletivo de Afirmação Homossexual” (1978) em São Paulo, e com o tempo, o MHB passou a somar outras sexualidades e identidades de gênero, tornando-se LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Travestis), refletindo uma multi representação de bandeiras e lutas, tendo papel fundamental nas mudanças sociais, unindo pessoas organizadas em prol de direitos e políticas públicas em diferentes estados brasileiros. O “Somos” consolidou-se como um marco fundador da militância homossexual no país, que em 2018 comemorou 40 anos de atuação do movimento LGBT brasileiro. Ferreira e Sacramento (2019, p.236) especificam que entre as principais reivindicações desses movimentos identitários estava a conquista da visibilidade que constituiu como “um dos elementos fundamentais para a conquista da cidadania”.

A própria trajetória do grupo Somos está diretamente ligada à mídia. O grupo, que, em sua fase embrionária se chamava ‘Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais’, teve como primeiro ato público o envio de uma carta protesto destinada ao sindicato dos jornalistas em que criticavam a forma como a imprensa costumeiramente tratava os homossexuais. A relação com a imprensa não ocorria somente por meio de críticas, o grupo também produzia seus próprios jornais como forma de divulgar as ações desenvolvidas e promover os ideais da militância

⁵ “Conceito utilizado na filosofia, antropologia e sociologia e que está relacionado com a proibição, censura, perigo e impureza de determinadas atividades sociais” (Definição disponível em: <<https://bityli.com/zsV33>> Acesso em 22 de março de 2021.

homossexual. Para além do plano das ações empreendidas, a consolidação do Somos também é creditada a um fenômeno comunicacional, o surgimento do ‘Lampião da Esquina’ meses antes”. (FERREIRA; SACRAMENTO; 2019. p.236).

Começaram a ser produzidas então, mídias alternativas, com o objetivo de engajar as lutas políticas que se iniciavam, sendo então criada uma imprensa alternativa confeccionando publicações "feitas por homossexuais para homossexuais" (QUINALHA, 2020). Como exemplo desta imprensa temos o jornal mensal “Lampião da Esquina” e o boletim “ChanacomChana”⁶. Diante do contexto da época, a criação destas publicações teve consequências sérias para seus criadores, ao mesmo tempo que teve um grande valor simbólico para a luta do movimento LGBTQIA+ atual.

Editores e jornalistas que se dedicavam aos veículos da então chamada “imprensa gay”, especialmente do jornal Lampião da Esquina, foram indiciados, processados e tiveram suas vidas devastadas, muitas vezes com o apoio do sistema de justiça, porque tematizavam e mostravam as homossexualidades fora dos padrões de estigmatização e ridicularização que predominavam na “imprensa marrom”(QUINALHA, 2020.).

Ao longo dos anos 80, Ferreira e Sacramento contam que diferentes grupos do movimento homossexual começaram a lançar suas próprias publicações, buscando cada vez mais visibilidade.

(...) Sendo eles: o ‘Gathó’ do Grupo de Atuação Homossexual, o ‘ChanacomChana’ e o ‘Informativo Associação Galf’ do Grupo de Ação Lésbico Feminista, o ‘Nós Também’ do Grupo Nós Também, o ‘Facção Homossexual’ do grupo Facção Homossexual ligado à Convergência Socialista, ‘Boletim do G.G.B’ do Grupo Gay da Bahia, o ‘Boletim Informativo do Grupo Dialogay’ do Grupo Dialogay, o ‘Triângulo Rosa’ do Triângulo Rosa, o ‘Jornal do Jatobá’ do Movimento de Emancipação Homossexual e o ‘Boletim Informativo LAMBDA’ do Movimento pela Livre Orientação Sexual” (FERREIRA; SACRAMENTO; 2019, p.237).

Até então, as pessoas LGBTs sofriam perseguições simplesmente por existirem, e por meio da união, buscaram formas de se expressar. Com o amadurecimento do movimento, começaram a se organizar em parcerias com Organizações não Governamentais (ONGs) internacionais e nacionais, buscando não mais um enfrentamento direto ao poder do estado, mas sim uma maneira de conseguir financiamento, políticas públicas e direitos em diversas instâncias do governo (QUINALHA, 2020). Com a redemocratização do país, se viu um intenso movimento de conquista de direitos; respostas às demandas da comunidade e a volta ao regime democrático possibilitaram maior diálogo entre o estado e a sociedade.

Ainda nos anos 1980, conseguiu-se, por exemplo, despatologizar a homossexualidade, retirando-a da lista de doenças do então Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Buscou-se inscrever no novo texto constitucional em discussão na Assembleia Nacional Constituinte, expressamente, a vedação à discriminação por orientação sexual em uma importante

⁶ Especificaremos na seção 3.2

campanha. Apesar da derrota na votação do tema, diversas legislações municipais e estaduais acabaram incorporando essa perspectiva. (QUINALHA, 2020).

Como Quinalha menciona, houve importantes conquistas para o movimento LGBT, porém, “a vedada discriminação por orientação sexual”, foi debatida e cogitada para ser incluída na constituição de 1988, mas o movimento fracassou. Apesar da derrota, a discussão deu visibilidade ao tema que foi ao longo dos anos incorporado de maneira independente às legislações municipais e estaduais. O autor relata que a epidemia do vírus HIV foi um “impacto tremendo” na trajetória do movimento LGBT, chamada inicialmente de “peste gay” pelos principais veículos de mídia do país, e estigmatizando à imagem do homossexual como doente. Com o tempo, o movimento LGBT abraçou reivindicações centrais da luta contra a AIDS, principalmente por ser classificado como “grupo de risco” na literatura médica da época, hoje em dia, apesar de já ter quebrado o estigma da doença, a prevenção à AIDS ainda é uma reivindicação de movimentos LGBT.

Após a redação da constituição, a comunidade LGBTQIA+ passou a colher os frutos da árdua luta por direitos durante os 21 anos da ditadura brasileira. Ferreira e Sacramento (2019, p.237) sintetizam alguns direitos conquistados nas últimas décadas, como a realização de casamentos entre pessoas do mesmo sexo, a adoção de crianças por casais homossexuais, a despatologização da transexualidade como doença mental no ano de 2018, a equiparação da discriminação de pessoas homossexuais, ao crime de racismo em 2019, o direito de pessoas trans de alterar diretamente nos cartórios o registro civil do prenome e do sexo sem necessidade de cirurgia, laudos médicos ou autorização judicial e também a existência de coordenadorias LGBT em diferentes instâncias de governo e em partidos de diversas ideologias.

Entretanto, apesar destas conquistas, os dados do Grupo Gay da Bahia (GGB) revelam que no ano de 2017, 445 pessoas LGBT foram assassinadas no país (*apud* QUINALHA, 2020). Dados mais atuais do GGB referente ao ano de 2019, destacam que 329 LGBT+ tiveram morte violenta no país, sendo 90,3% homicídios e 9,7% suicídios. Entre essas mortes 52,8% eram de homens gays, 35,8% de travestis e transexuais, 9,7% mulheres lésbicas e 1,5% bissexuais. Já “a Associação Nacional de Travestis e Transexuais indica 6 mortes a mais de trans em seu relatório de 2019” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020 *apud* OLIVEIRA; MOOT, 2020, p.15). Esta diferença entre relatórios de associações e ONGs se dá pela falta de políticas públicas brasileiras para medição destes dados, ocorrendo assim uma escassez de dados oficiais e uma possível subnotificação de casos. Diante desta carência, as associações e ONGs conseguem gerar relatórios a partir de relatos e notícias da mídia.

A cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde persiste a pena de morte contra tal segmento. Mais da metade dos LGBT assassinados no mundo ocorrem no Brasil (WAREHAM, 2020 *apud* OLIVEIRA; MOTT, 2020 p.13).

O relatório do GGB também evidencia os dados de suicídio da comunidade LGBT+, “dos 32 casos localizados nos meios de comunicação, 40,6% eram trans, 37,5% gays e 21,8% lésbicas. 26,3% dos suicidas tinham menos de 20 anos, o mais jovem com 14 anos e com 44 o mais velho”(2020, p.17). Segundo o relatório, entre eles predominam o perfil de estudantes e o enforcamento como forma de suicídio. Em relação aos homicídios, “29,4% foram assassinados a facadas, 21,8% com arma de fogo, incluindo estrangulamento e espancamento muitas vezes precedidos de tortura e agravados com a carbonização do corpo”(2020, p.17).

Durante os governos de FHC mataram-se em média 127 LGBT por ano; na presidência de Lula 163 e no governo Dilma 296, sendo que nos dois anos e 4 meses de Temer, foram documentadas uma média de 407 mortes anuais, caindo para 329 no primeiro ano do governo Bolsonaro. Enquanto nos Estados Unidos, com 330 milhões de habitantes, mataram-se no ano passado 28 transexuais, no Brasil, com 208 milhões, foram assassinados 118 trans. (OLIVEIRA; MOTT, 2020, p.14).

Através dos dados é possível visualizar uma escalada da violência que atinge as pessoas LGBTQIA+ , pode-se fazer uma relação do aumento dos números ao longo dos últimos anos com o impedimento (por parte da classe política) do avanço de pautas de políticas públicas que visam à comunidade LGBTQIA+, além das pautas “morais e sexuais”. Quinalha (2020) reconhece que há uma “reação conservadora contra as conquistas” da comunidade nos últimos anos e que a representação política da comunidade ainda “é muito precária e insuficiente”, sendo que os últimos avanços estão sendo pautados pelo judiciário.

Líderes neopentecostais midiáticos e políticos da direita conservadora vêm sistematicamente promovendo o discurso de detração a todos os corpos que não se enquadram na heteronorma. Projetos de lei para criminalizar a homofobia, como a PLC 122, são barrados pela bancada evangélica(...) (FERREIRA; SACRAMENTO, 2019. p. 238).

Quinalha também menciona que além de barrar pautas de avanços do movimento LGBTQIA+, os conservadores criaram como estratégia a distorção de temas importantes como a educação sexual nas escolas, sob o termo “ideologia de gênero”, buscando assim uma regressão das discussões que poderiam avançar, defendendo “as hierarquias sexuais e de gêneros” impostas à sociedade que tanto privilegiam os conservadores.

O movimento LGBTQIA+ chega em 2021 com este cenário de atenção aos ataques diretos sofridos, tanto por parte da sociedade, causados pela falta de informação e pela

distorção de temas que a classe política conservadora, majoritariamente evangélica, tem trazido nos últimos anos. O momento que vivemos é de grande importância para o futuro, é fundamental lutarmos pelos direitos garantidos e nos organizarmos frente aos ataques sofridos. Quinalha conclui que “é tempo de celebrar essa história de quatro décadas de lutas à luz das dificuldades do presente, reconstruindo alguns temas e refletindo criticamente sobre momentos privilegiados da trajetória deste importante ator político do Brasil contemporâneo”.

3.2 MÍDIAS ALTERNATIVAS

Renan Quinalha, teve como tese⁷ de doutorado um trabalho investigativo sobre os documentos produzidos pelas instituições responsáveis pela repressão sexual da ditadura cívico-militar nos anos de 1964 a 1988. O autor explicita em sua pesquisa que o regime não formalizou um “plano de combate dos homossexuais” que pudesse provar uma intenção de repressão sexual do processo ditatorial, em decorrência disto, o trabalho dele teve de se concentrar em documentos de terceiros, como notícias publicadas na imprensa (2017, p.174).

Contudo, uma das dificuldades encontradas é o fato de que os principais jornais pouco publicavam sobre homossexualidade e as demais publicações de grande circulação eram de cunho sensacionalista, representando as sexualidades dissidentes como um misto de pecado, doença e desvio de caráter, como se viu no capítulo anterior. Assim, foi sobretudo na imprensa alternativa que se intensificou, no final da ditadura, os registros mais confiáveis, tanto das ofensivas da repressão, como das resistências do movimento organizado (QUINALHA; 2017, p.175).

O autor consegue então, a partir de documentos da imprensa alternativa, fazer uma análise da perseguição sofrida pelas pessoas LGBT pela ditadura brasileira, principalmente nas grandes cidades. Para Quinalha, o “Lampião” foi o jornal - alternativo da imprensa tradicional - de maior circulação, que teve como foco os “interesses dos homossexuais”(2017, p.175). Buscando descrever o contexto da imprensa alternativa, nos próximos parágrafos faremos uma breve explicação de duas importantes publicações da época, os já mencionados jornal “Lampião da Esquina” e o boletim “Chanacomchana”.

⁷ Tese intitulada “Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)”; Instituto de Relações Internacionais, USP.

Figura 3 - Lâmpião da Esquina Edição 20. Rio de Janeiro: Lâmpião, ano 2, n. 20, jan. 1980.



Fonte: Acervo Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual

O jornal “Lâmpião da Esquina” ou apenas “Lâmpião”, foi um dos mais importantes da imprensa alternativa a circular pelo país, focado nas temáticas da comunidade LGBT da época, tendo 38 edições⁸ entre 1978 e 1981, sendo um marco na história da imprensa brasileira. Os autores Leonardo Schultz e Patrícia Marcondes de Barros (2014, p.54) mencionam que o jornal possui “grande importância histórica, que vinha para expor as primeiras iniciativas do movimento” LGBT brasileiro, mesmo com pouco tempo de publicação.

O Lâmpião da Esquina surge durante o conturbado período da ditadura militar, em que a imprensa era dominada pela censura, e as chamadas minorias sociais não possuíam liberdade e espaço de expressão. O impresso não foi o pioneiro da imprensa alternativa destinado aos homossexuais, contudo, se destaca pela visibilidade atingida com uma distribuição nacional e que veio a alcançar grande destaque na mídia. Antes dele, havia outros periódicos, mas eles eram mimeografados e com distribuição pulverizada (SCHULTZ; BARROS; 2014, p.55).

Segundo os autores, o jornal foi um marco, pois abria espaço para grupos ignorados pela sociedade e também reprimidos pelo regime militar, procurando então “inverter à imagem marginalizada do homossexual”(2014, p.60). Para os autores, que fazem uma análise

⁸ Disponível em: < https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/>

de edições do jornal, é perceptível uma evolução e mudança “na linguagem e abordagem do impresso por meio de seu percurso editorial”, que tem inicialmente um teor “politizado e reivindicador” de pautas e com o tempo vai perdendo seu papel de ativismo “se aproximando da linguagem de gueto” (2014, p.61). Já suas características de linguagem ácida e de relação próxima com o leitor, permaneceram durante todas as edições do “Lampião”.

O jornal teve inspiração na revista homossexual americana “*Gay Sunshine*”, após visita de seu editor, Winston Leyland a casa do pintor Darcy Penteado, onde criaram o então “Projeto Lampião” junto de outros membros do futuro jornal.

Participaram da reunião o próprio Darcy Penteado, Adão Costa, Agnaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry, posteriormente esses constituíram o Conselho Editorial do jornal (MACRAE, 1990:39 *apud* FERREIRA, 2010).

As publicações eram custeadas por doações de colaboradores por uma editora própria, com o mesmo nome, e chegou a ter circulação de 10 a 15 mil exemplares pelo Brasil. Segundo Carlos Ferreira (2010, p.04), o jornal tinha editorias fixas como “Cartas na Mesa”, “Esquina”, “Reportagem” e a coluna “Bixórdia”, havendo entre os conteúdos informações culturais, entrevistas e participação dos leitores. Os conteúdos eram produzidos pelos próprios conselheiros editoriais, havendo algumas edições com convidados.

Como braço do Somos - Coletivo de Afirmação Homossexual de São Paulo -, nasceu o Grupo de Ação Lésbica Feminina (GALF), responsável pelo boletim “Chanacomchana”. O boletim buscava fortalecer a luta e difundir informações sobre feminismo e lesbianidade, que além das pautas femininas, trouxe visibilidade para as mulheres lésbicas nos debates da comunidade LGBTQIA+ da época.

Figura 4 - CHANACOMCHANA Edição 10. São Paulo: n. 10, set. 1986



Fonte: Acervo PAJUBÁ, Memória LGBT

Segundo Thaís Ferraz, ativista e jornalista do site Politize!, o boletim era comercializado clandestinamente em um bar chamado "Ferro's Bar", que em 1983 banuiu as mulheres, buscando não mais a difusão do boletim, porém, em 19 de agosto do mesmo ano, houve um ato político reunindo parte da comunidade LGBTQIA+ que resultou na volta da circulação do boletim no bar, ficando este conhecido como "Stonewall brasileiro". A data é hoje reconhecida como "Dia do Orgulho Lésbico" no estado de São Paulo.

O Chanacomchana, em suas publicações, conseguia produzir visibilidade para as mulheres lésbicas, e elencando suas mais diversas particularidades, gerava também a representatividade necessária para quem o assina. Além disso, as próprias assinantes poderiam intervir nas publicações, sugerindo colunas ou até mesmo escrevendo matérias, logo, as leitoras do Chanacomchana tornavam-se participantes ativas e representadas dentro de uma mídia difundida nacional e internacionalmente. Assim sendo, o Grupo de Ação Lésbica-Feminista, conseguia, através dos boletins Chanacomchana, tirar as mulheres lésbicas da clandestinidade e as submetiam às mais diversas interpretações. Com suas matérias abordando temas específicos da vivência lésbica, quebravam com um imaginário popular baseado em estereótipos, normalizando a homossexualidade (MARTINS; 2017, p.25).

Com o Chanacomchana, o GALF buscava trazer visibilidade para as pautas de mulheres, principalmente mulheres lésbicas. A visibilidade buscada pelo boletim era em torno do reconhecimento social que o grupo reivindicava, porém, só isso não bastava, pois ainda haviam lacunas da realidade vivida por estas mulheres, por isso, segundo Martins (2017,

p.25), o que o boletim realmente pretendia era uma representatividade das mulheres lésbicas buscando “representar o que está na vivência de tal grupo através de pequenos traços identitários”. A autora salienta que a representação do grupo é um fator importante que leva a uma visibilidade para que “pessoas homossexuais sejam vistas com suas mais diversas particularidades, e não reforçando estereótipos que em muitas vezes acaba gerando (pré)conceitos ao corroborar que um grupo é diferente do outro sem elencar nenhuma semelhança”.

Voltado ao cenário da imprensa alternativa, é importante destacarmos que na época surgiram muitas e diferentes publicações que vinham com intuito de expressar diferentes pontos de vista em meio ao contexto de repressão.

Duas foram as classes de jornais que circularam no período: os jornais “estritamente políticos”, que tinham “raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos de 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960”; e aqueles mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural com o moralismo, inclusive das esquerdas da época, com “raízes justamente nos movimentos de contra-cultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo”. (KUCINSKI *apud* QUINALHA; 2017, p.284)

Para Quinalha (2017, p.285), o jornal *Lampião* enquadrava-se de maneira quase que inquestionável na classe de publicações com críticas aos costumes e de ruptura ao moralismo. O autor também faz uma ressalva aos jornais feministas “que, sem depositar ilusões à direita, já rompiam com as amarras que determinados setores da esquerda representavam para o avanço das lutas das mulheres.”

Essa imprensa alternativa, que buscava representar a comunidade LGBT da época, ficou conhecida pelo apelido de “imprensa rosa-choque” ou também “imprensa entendida”, tendo desde os anos 60, os mais diversos tipos de publicações, editadas por homossexuais e voltada para eles. Não iremos nos ater às especificações de outras publicações porque aqui nossa proposta era a de contextualizar a existência de iniciativas comunicacionais que vem buscando trazer visibilidade ao movimento LGBT, mas é fato relevante que outras publicações e manifestações comunicacionais existiram e resistiram em meio a um processo da história brasileira de maior repressão.

Com o surgimento da internet e apropriação das pessoas do ciberespaço, mídias independentes e alternativas às mídias tradicionais vem se difundindo digitalmente, neste próximo parágrafo colocaremos em discussão o Youtube como pioneiro deste espaço que tem muitas características convergentes ao podcast.

A utilização do Youtube parte do mesmo pressuposto desta pesquisa, que junto do podcast, situa-se no ciberespaço e aparentemente apresenta características de democratização

em relação às mídias tradicionais. A autora Adrian Busch (2019), em seu artigo intitulado “Heteronormatividade e uso do youtube como mídia alternativa: levantamento dos canais LGBTQIA+”, faz uma explanação do uso do Youtube como uma ferramenta de disseminação de conteúdos alternativos, onde analisa o alcance de canais com a menção à comunidade LGBTQIA+.

Busch entende a potencialização do Youtube na “negociação histórica por produções que abarque pessoas LGBT+ e suas pautas específicas, bem como as possíveis armadilhas de cooptação de pauta em favor do sistema” (2019, p.75). No estudo, ela caracteriza a mídia de maneira hegemônica, seguindo um padrão de heterossexualidade cisgênero, que acaba por “marginalizar” às diversidades sexuais. Essa mídia hegemônica tem reflexos na “produção de conteúdos comunicacionais tradicionais”, tendo como subentendido que todos somos heterossexuais e cisgêneros, invisibilizando outras sexualidades e identidades de gênero (2019, p.75).

É nesse contexto de representações heteronormativas que podemos observar a consolidação do preconceito a diversidade sexual e de gênero, e pensamos a possibilidade de comunicação através do YouTube como uma alternativa que pessoas da comunidade LGBT+ possuem para se expressarem e colocarem em pauta suas questões. (BUSCH; 2019, p.76)

O espaço digital tem capacidade de suprir essa hegemonia e ser um caminho para tratar questões mais plurais, mas se vê refém na “lógica e estrutura hegemônica” por ser “como extensão de nossas vivências cotidianas, refletindo as opressões produzidas pelo nosso sistema”.

O pensamento otimista de que a internet pode democratizar a comunicação faz sentido se olharmos para a capacidade e possibilidade da ferramenta, mas é preciso considerar as estruturas que perpassam o acesso aos conteúdos e as ferramentas de produção, bem como as barreiras ideológicas que norteiam a sociedade para a aceitação dessas produções. (BUSCH; 2019, p.77)

O estudo mostra, a partir do levantamento, que dos canais que já trataram de assuntos da comunidade LGBTQIA+, os três mais populares são protagonizados por homens gays cisgêneros, mas não produzem conteúdos diretamente sobre as temáticas LGBTQIA+ . Também é importante destacarmos o que “está por trás” da plataforma, ou seja, os algoritmos responsáveis pela curadoria dos conteúdos a serem entregues para determinado usuário, os quais desempenham um papel fundamental na distribuição dos conteúdos. O que vai ao encontro da reflexão de que independente das mídias e suas ferramentas, elas encontram-se condicionadas aos reflexos da sociedade, do momento que uma pessoa condiciona seu conteúdo à uma temática e ela não vai de encontro aos interesses da maioria das pessoas, ela

não torna-se relevante num aspecto amplo, porém pode-se tornar referência na discussão daquele determinado assunto.

3.2 NOVELAS NACIONAIS

As novelas nacionais são parte constituinte da imagem do Brasil mundo afora, assim como o futebol, as praias e o clima tropical. O entretenimento tem o poder de influenciar significativamente a realidade de uma cultura, desse modo, no Brasil as novelas talvez ainda consigam guiar os comportamentos da sociedade em geral e isso se comprova através da grande audiência, em especial, das novelas da Rede Globo.

Mas o que as novelas brasileiras têm a ver com a história e a realidade da comunidade LGBTQIA+? Embora este não seja o enfoque deste trabalho, somamos à discussão que tratamos aqui, pois as novelas - como produtos midiáticos-comunicacionais - são participantes ativas na construção da realidade da comunidade LGBTQIA + na nossa sociedade.

O autor Valdemir Santos Neto em seu estudo intitulado “A Representação do Sujeito Gay na Mídia: Reflexões Acerca dos Processos de Representatividade em Telenovelas da Rede Globo” (2019) buscou entender como a imagem do homem homossexual foi construída nas novelas. O autor faz uma revisão da literatura sobre trabalhos que envolvam a representação e representatividade do gay em novelas. Uma das reflexões trazidas pelo autor é de que as novelas se alinham aos interesses mercadológicos, visto o grande investimento do mercado publicitário, possuindo assim um discurso persuasivo e latente que visa o entretenimento buscando “cativar o público” (NETO, 2019, p.39).

(...) Subentende-se que a representação desses sujeitos, em específico em telenovelas da Rede Globo, está intrinsecamente atrelada ao regime mercadológico em detrimento à representatividade, ou seja, há um distanciamento entre o ato de representação e do discurso da representatividade. (NETO; 2019, p.39).

Por conta deste alinhamento mercadológico, até o presente estudo do autor, não era visto como positivo uma maior representação do homem gay, com várias questões e problematizações; dessa forma as produções acabavam por “se apropriar de personagens gays”, acrescentando assim uma “pitada cômica para contrabalancear a seriedade das tramas vivenciadas pelos protagonistas heterossexuais” (RISK; SANTOS; 2015, p.15 *apud* NETO; 2019, p.39).

Esse esvaziamento do discurso abre espaço para a manifestação de estereótipos marginalizados que visam apenas fomentar a indústria do entretenimento, se opondo de tal maneira aos espaços de fala que deveriam privilegiar as minorias, ressignificando, de tal maneira, esses sujeitos. (NETO; 2019, p.40).

Desse modo, a sociedade absorve de maneira rasa a identidade do homem gay, como pessoa engraçada, a partir de estereótipos de homem afeminado e/ou enrustido, não entendendo as verdadeiras questões da sua realidade, e então, anulando-o a apenas estes estereótipos. Porque, considerando as mensagens midiáticas, a televisão, e neste caso, as novelas, “constituem um âmbito decisivo do reconhecimento sociocultural, dos desfazer-se e do refazer-se de identidades, tanto as dos povos como as dos grupos” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2011 *apud* NETO; 2019, p.39). O autor conclui que até o presente estudo há uma “falsa representação dos gays” em novelas brasileiras, muitas vezes representados por um “estereótipo estrutural”, ou seja, uma mesma ótica, intercambiando entre o estereótipo caricato e o heteronormativo (2019, p.41).

Entendemos que a representatividade não se incumbe apenas à inclusão desses indivíduos nessas produções, sobretudo, nota-se que os mesmos precisam ser reconhecidos em um processo de aceitação e identificação. Por sua vez, a mídia, considerando o seu impacto social, deve se ater a todas as formas de representação e não somente àquelas que visam, apenas, à marginalização desses sujeitos. (NETO; 2019, p.41).

Como podemos perceber, há uma barreira da própria sociedade às questões da comunidade LGBTQIA+, que impedem uma representação mais real dos personagens em novelas brasileiras. Porém, já conseguimos visualizar avanços mais recentes nas representações nas telas brasileiras, como exemplo temos o personagem Ivan da novela “A Força do Querer” de 2017, homem trans que ao longo da novela passa por um processo de aceitação e transição de gênero. Nos últimos anos, são inúmeros os personagens que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, presentes nas novelas da Rede Globo, isto é, as produções têm cada vez mais criando narrativas que incluem lésbicas, *gays*, homens e mulheres transexuais e bissexuais.

Como reflexão cabe entender que vivemos um longo processo de mudança da sociedade sobre as questões LGBTQIA+, e isto se reflete também nas novelas e em outros espaços comunicacionais a partir de um processo que passa inicialmente pela inclusão da comunidade na teledramaturgia, buscando visibilidade, passando ainda pela real representação das realidades vividas para que os estereótipos se tornem cada vez mais secundários.

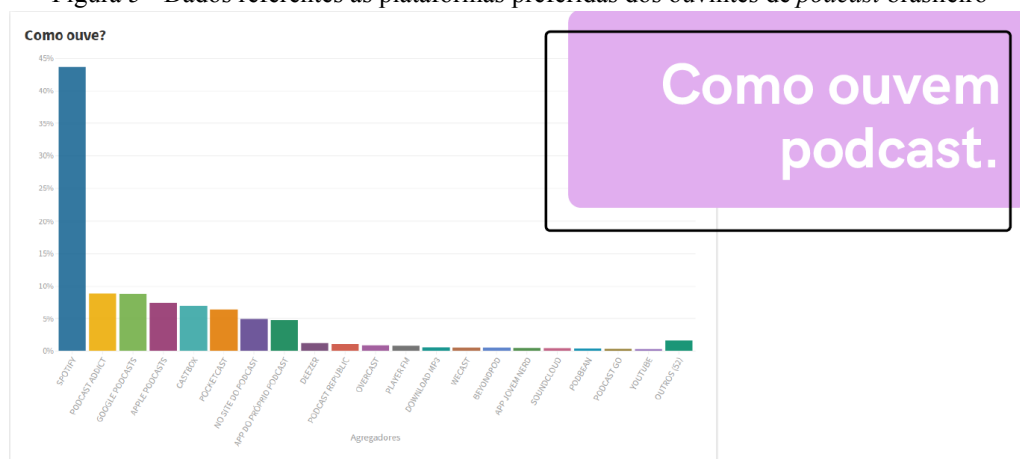
4 PODOSFERA LGBTQIA +

Neste capítulo apresentamos a plataforma *Spotify* e o *podcast* “Poc de Cultura”. No que se refere a plataforma, recorremos aos dados da Associação Brasileira de *Podcasts* em relação à preferência dos ouvintes brasileiros, partindo então para a contextualização da plataforma e seus investimentos em *podcasts* ao longo dos últimos anos. A respeito do *podcast* “Poc de Cultura” fizemos uma contextualização do seu surgimento e de dados obtidos através dos próprios episódios do *podcast* e de entrevistas para sites e portais de notícias. Assim, neste capítulo situamos nosso objeto de estudo para realizarmos posteriormente uma análise a partir de um de seus episódios, buscando identificar as vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ nos episódios do *podcast* “Poc de Cultura”.

4.1 SPOTIFY

A PodPesquisa (2019) identificou mais de 50 plataformas de acesso a *podcasts*, entre as mais citadas estão: “*Addict*”, “*Google Podcasts*”, “*Apple Podcasts*”, “*CastBox*”, “*PocketCast*”, sendo que mais de 40% dos ouvintes brasileiros utilizam a plataforma “*Spotify*”. Esses dados evidenciam uma das principais características do *podcast*: a sua disponibilidade, a qual, de acordo com a pesquisa, para os brasileiros está na preferência de uma plataforma específica, porém, isso diz mais respeito aos investimentos de divulgação da plataforma do que a um certo “monopólio” exercido por ela, pois, segundo a pesquisa existem inúmeras outras plataformas disponíveis.

Figura 5 - Dados referentes às plataformas preferidas dos ouvintes de *podcast* brasileiro



Fonte: PodPesquisa 2019 - Associação Brasileira de Podcasts

Segundo o site da empresa *Spotify*, a plataforma “tem milhões de músicas e episódios de *podcasts*, o que significa que você sempre pode encontrar algo ótimo para ouvir, tanto se estiver ao volante ou na academia como em clima de festa ou relaxando em casa”; esta definição é exatamente o que os consumidores de *podcast* demandam, liberdade de ouvir o

quê, quando e onde quiserem. Segundo o site Tecnoblog (2019), a tecnologia *stream* tem como característica a transmissão de dados pela internet; dependendo de cada plataforma há a possibilidade de *download*, otimizando o consumo caso não haja banda de internet. O *Spotify* é uma dessas plataformas, que nasceram nos últimos anos e se tornaram significativamente populares. Ainda de acordo com o site Tecnoblog, em 2020, o *Spotify* possuía cerca de 286 milhões de assinantes no mundo, sem contar aqueles que utilizam a plataforma de maneira gratuita (com anúncios); no Brasil, a página da plataforma no *Facebook* conta com mais de 22 milhões de *likes*, um número significativo no que se refere a sua popularidade.

O *Spotify* originalmente era uma plataforma de distribuição de músicas, que aos poucos foi agregando-se ao conceito do *stream* (consumo por demanda), enfrentando um mercado consistente com as gravadoras e seus artistas. Diante deste cenário sempre teve dificuldades de arrecadação e passou a investir em outros formatos para sobreviver no mercado, passando a diversificar seus conteúdos e oferecer além do conteúdo musical em áudio, pequenos vídeos de artistas, o que em 2018, se assemelhava aos *stories* do *Instagram*⁹ e ao *Snapchat*¹⁰, nos dias atuais; segundo o site Exame, “os shows tinham até 15 minutos de duração e incluíam competições de dança e documentários”, porém “eles ficavam parados em uma guia de vídeo no aplicativo e tiveram pouca promoção”. A partir desta experiência, puderam perceber que as pessoas não buscavam a plataforma para consumo de vídeos, além de que era um alto investimento a se fazer. Entendendo o mercado e o papel que a plataforma estava ocupando na vida dos usuários perceberam o quanto o consumo de *podcast* estava crescendo em alguns países. Segundo o site Exame, na Alemanha, o *Spotify* era a forma mais popular para o consumo de *podcasts*, isso devido à uma parceria com um *talk show* de comédia que transformava seu programa de tv em formato de *podcast*. A partir disso, o *Spotify* passou a dar maior destaque aos *podcasts*, criando um espaço específico em suas telas de navegação, obtendo licenças de criadores e programas já existentes para a transformação em apenas conteúdo de áudio. Nesse momento, o *Spotify* entendia o grande potencial do formato *podcast* como menciona a diretora de conteúdo da empresa Dawn Ostroff: “Ao se

⁹ “Rede social de fotos para usuários de Android e iPhone. Basicamente se trata de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos.” (Definição disponível em: encurtador.com.br/gIMO1) Acesso em 3 de março de 2021.

¹⁰ “Rede social de mensagens instantâneas voltado para celulares com sistema Android e iOS criada e desenvolvida por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade Stanford. O app pode ser usado para enviar texto, fotos e vídeos e o diferencial é que este conteúdo só pode ser visto apenas uma vez, pois é deletado logo em seguida, se “autodestruindo” do app”. (Definição disponível em: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/o-que-e-snapchat.html>) Acesso em 3 de março de 2021.

olhar para a quantidade de pessoas ouvindo, e quão jovem é o grupo demográfico, qualquer um olharia para isso e diria que esta será a próxima grande mídia”.

Ainda segundo o site Exame, de 2018 a 2019, o “número de podcasts no serviço aumentou de 185.000 para 700.000 e mais de 40 milhões de usuários os ouviam”, dado que consolidava a plataforma para além do consumo de conteúdo musical. Em 2019, o Spotify adquiriu o estúdio de *podcast Gimlet Media*¹¹ e a empresa de tecnologia *Anchor*¹², evidenciando seu investimento no formato. Estes fatos consolidaram o Spotify, em 2020 como plataforma de *podcasts*, hospedando 2,2 milhões de programas, sendo que 600 eram exclusivos da plataforma.

Entre os *podcasts* com selo do Spotify estão os programas de Kim Kardashian, Brené Brown e Michelle Obama¹³, além de parcerias com a DC Comics e a criação de programas narradores de histórias como *Serial Killers* e *Political Scandals*. No Brasil também houve contratos de exclusividade com produtores de *podcast* já existentes e parcerias para produção de *podcasts* próprios, como o *podcast* “Café da Manhã” em colaboração com o jornal Folha de São Paulo¹⁴. Outro *podcast* exclusivo é “Sofia”, primeira série de áudio original do Spotify, com elenco de Monica Iozzi, Cris Vianna, Otaviano Costa e Hugo Bonemer -a produção é uma adaptação da série original “Sandra”, também adaptada e lançada na Alemanha, França e México.

Os *podcasters* “Um Milkshake Chamado Wanda”, “Quebrada Pod”, “Hoje Tem”, “Infiltrados no Cast”, “É Nóia Minha”, “Primocast” e “Poc de Cultura” agora só podem ser escutados no Spotify, devido aos seus contratos de exclusividade. Segundo o jornalista, documentarista e *podcaster* Bruno Natal: “para dominar o campo do áudio, o Spotify mistura as estratégias da Netflix, oferecendo conteúdo exclusivo, e do YouTube, facilitando a produção de *podcasts* por qualquer pessoa”.

¹¹ “Premiada empresa de podcasting narrativo que visa criar um mundo mais pleno de conexão e compreensão humana. Criamos e distribuimos jornalismo de áudio e entretenimento de áudio para públicos que desejam algo especial. A Gimlet foi fundada em 2014 e está sediada em Brooklyn, Nova York. Somos uma divisão de podcast dentro do Spotify.” Sobre a empresa disponível em: <<https://gimletmedia.com/about>> (Traduzido para o português);

¹² “Aplicativo que dá aos internautas um caminho muito simples e rápido para gravar, editar e publicar podcasts nas principais plataformas de distribuição” (Definição disponível em: <encurtador.com.br/ltvBD> Acesso em 3 de março de 2021.

¹³ Podcasts: “Unlocking Us with Brené Brown” (disponível em: <<https://open.spotify.com/show/4P86ZzHf7EOIRG7do9LkKZ>>); “The Michelle Obama Podcast” (disponível em: <<https://open.spotify.com/show/71mvGXupfKcmO6jlmOJQTP>>); Podcast de Kim Kardashian não lançado até à finalização deste trabalho.

¹⁴ “Jornal de maior circulação e influência controlado pelo “Grupo Folha” um dos principais conglomerados de mídia do país”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>> Acesso em 3 de março de 2021.

Como já mencionado neste trabalho, em 2019, o Spotify realizou no Brasil um evento focado na produção de *podcaster*, o “*Spotify For Podcasters Summit*¹⁵”, evento que contou com a participação de diversos produtores de *podcasts* e promoveu diversos debates entre eles estimulando uma integração entre os *podcasters*, fortalecendo ainda mais a *podosfera* brasileira. Esses investimentos demonstram o quanto o Spotify está empenhado em abocanhar esse novo formato de consumo de conteúdo em áudio, se mostrando além de preferência entre as audiências, preferência para os produtores agregarem seus programas à plataforma. Nestes próximos parágrafos descreveremos de que modo o Spotify se organiza para com a navegação dos *podcasts*.

A plataforma conta com ferramentas que possibilitam a organização dos *podcasts* a partir de temas para que o ouvinte consiga achar o programa desejado de forma mais fácil e direcionada ao que ele deseja; nessa área denominada “*Podcast Playlist*” estão as categorias de *podcasts*, episódios que seguem determinados temas, como por exemplo à “Notícias da Semana” ou a *playlist* “Arrumando a Casa” que conta com uma seleção de episódios que, segundo a plataforma “são para escutar enquanto você dá aquela geral na casa”, entre outras *playlists*.

Ainda nesta área podemos encontrar a *playlist* “Orgulho LGBTQIA+” que seleciona episódios com uma “grande diversidade de assuntos, vozes e formatos conectados pelo orgulho LGBTQIA +”. As *playlists* são atualizadas de acordo com o surgimento de novos episódios e podem ainda ser “seguidas” pelos usuários, ficando salvo para facilitar o acesso.

¹⁵ Os painéis e rodas de debate estão disponibilizados em conteúdo de podcast. Disponíveis em: <<https://open.spotify.com/show/0MP5I0nVsnQbfKD8f682Ff?si=y7pR-ZlxQhuJbPE7EFYEbg>>

Figura 6 - *Print* de um recorte das categorias e subcategorias de *podcast* do *Spotify*



Fonte: *Spotify* (Adaptação do Autor)

A figura 6 demonstra as categorias em que os programas são alocados de acordo com os assuntos abordados, tipos de programa e temas gerais; e as subcategorias, direcionando de forma mais objetiva aos estilos de *podcasts*. Na figura 06, temos como exemplo a categoria “Arte e entretenimento” que comporta as subcategorias: “Livros”, “Celebridades”, “Histórias em Quadrinhos”, *Design e Arquitetura*”, “Entretenimento”, “Cinema”, “Literatura”, “Cultura Pop” e “TV”. Como categorias gerais de *podcast* a plataforma organiza entre “Arte e Entretenimento”, “Negócios e Tecnologia”, “Educação”, “Humor”, “Jogos”, “Estilo de Vida e Saúde”, “Música”, “Notícias e Política”, “*Society & Culture*” (Sociedade e Cultura), “Esporte e Lazer”, “Histórias” e “*True Crime*” (crimes reais).

Fato relevante para essa pesquisa é que o *Spotify* tem uma subcategoria chamada “LGBTQIA+”, dentro da categoria “*Society & Culture*” (Sociedade e Cultura), porém, nele só há *podcasts* internacionais, o que pode ser uma falha de curadoria da plataforma para nosso país.

A plataforma conta ainda com as paradas de *podcasts*, um *ranking* dos programas de acordo com suas audiências, o qual pode ser consultado de diversas formas em “Top Podcasts”, “Podcast em alta” e também por categorias e países.

4.2 POC DE CULTURA

O *podcast* “Poc de Cultura” é um programa que tem como proposta ser uma roda de conversa acerca de assuntos relacionados ao universo LGBTQIA+. O diferencial dele é ser composto por 4 homens gays: Hilário Júnior, publicitário, 34 anos, natural de Pernambuco; Caco Baptista, publicitário, 27 anos; José Melo, publicitário, 23 anos, natural do interior de São Paulo; Felipe Bortolotto, publicitário.¹⁶

Segundo matéria de Ítalo Damasceno, ao portal “Metrópoles”, os apresentadores tratam sobre todo tipo de tema, e, sempre que possível e necessário, contam com convidados que tenham a ver com a temática; no programa já debateram sobre gordofobia, auto aceitação, relacionamentos, racismo, entre diversos outros temas.

Figura 7 - Imagem de capa do podcast no Spotify, contendo os integrantes e identidade visual



Fonte: *Instagram*

O nome do *podcast* é uma mistura do termo “poc” e inspiração do programa de humor “Choque de Cultura”¹⁷. O uso do “poc” foi uma ressignificação de um termo que possuía

¹⁶ Apresentação dos podcasters à partir do episódio “01: O Termo POC”, disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2PhUZ4Q2JNVPOZ7S3pbAO5?si=5c3d9e28daf477c>>

¹⁷ Programa humorístico que traz motoristas de van comentando os maiores sucessos do cinema e é dramatizada por atores. (Definição disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/choque-de-cultura/noticia/choque-de-cultura-o-que-e.ghtml>>) Acesso em 7 de abril de 2021

conotação pejorativa dentro da comunidade LGBTQIA +, onde eles se referiam aos *gays* afeminados, o “poc” vem do barulho que o salto alto acaba fazendo.

Eles iniciaram as gravações por meio de uma conversa informal, e ao longo do tempo foram evoluindo com aquisição de microfone e fechando contrato com uma produtora. Após um tempo na produtora, optaram por seguir um caminho independente e em 2019, o *podcast* já era um dos 50 mais ouvidos no país, tendo mais de 180 mil acessos e uma média de 8 mil ouvintes por semana. No ano de 2020, o *podcast* iniciou contrato com o Spotify, tornando-se exclusivamente acessível apenas pela plataforma.

Na próxima seção iniciaremos a análise de conteúdo acerca do “Poc de Cultura”, a qual se dará em forma de ‘sobrevoo’ por 110 episódios do *podcast*, para que posteriormente, seja apresentado um recorte para a realização da análise propriamente dita. Tal recorte será realizado através de uma categorização dos programas que tratam da comunidade LGBTQIA+, em específico. Essa análise justifica-se por ir ao encontro do objetivo desta pesquisa: compreender o papel social do *podcast* como mídia potencializadora de vozes e vivências LGBTQIA+.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A partir do referencial teórico discutido anteriormente e da contextualização sobre a plataforma *Spotify* e especificamente sobre o *podcast* “Poc de Cultura”, apresentamos uma análise de conteúdo buscando responder à questão problema desta pesquisa. Utilizamos o método de análise de conteúdo por Bardin (1977, p.44) identificando “aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”.

Segundo Bardin, utilizando a metáfora de F. de Saussure sobre um jogo de xadrez, “a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado”. Este método de análise leva em consideração as “significações (conteúdo), forma e a distribuição destes conteúdos e formas” possibilitando o “conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra particular de mensagens particulares” (1977, p.43).

Conforme a autora Laurence Bardin, a organização da análise de conteúdo se dá em três diferentes fases: pré análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação; são estas fases, portanto, que procuramos descrever e executar nos próximos parágrafos.

5.1 PRÉ ANÁLISE

Na fase de pré análise, deve-se buscar organizar as ideias iniciais “de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 1977, p.95). Deste modo, considerando que temos como objetivo identificar as vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ nos episódios de *podcast* e que definimos como objeto de estudo, os episódios do *podcast* “Poc de Cultura”, como pré análise realizamos um levantamento dos episódios lançados desde o início do *podcast*, isto é, de 9 de setembro de 2018 até 30 de dezembro de 2020, período em que encerramos a coleta para que fosse possível realizar esta pesquisa. Os dados deste levantamento foram retirados do site onde são publicados todos os programas (<<https://pocdecultura.com/>>) e também da plataforma *Spotify*.

Entre os dados levantados estão: a) número do episódio, equivalente à ordem de lançamento, em ordem crescente, sendo 01 o primeiro episódio; b) data do lançamento do episódio; c) título do episódio (alguns títulos possuem *hashtags* que identificam episódios especiais; há também casos de episódios patrocinados que constam identificados nesta seção);

d) descrição do episódio, equivalente a como eles descrevem o episódio, contendo linguagem informal; e) convidados(as) quando o episódio possuir convidados(as) identificados(as) por sua profissão/ocupação; f) duração do episódio. Uma tabela com a sistematização desses dados pode ser conferida na seção APÊNDICE A deste trabalho.

Através deste levantamento conseguimos perceber uma ampla variedade de assuntos tratados ao longo dos 110 episódios, não se restringindo apenas aos assuntos da comunidade LGBTQIA+. Dentre os quais podemos destacar as temáticas de saúde mental, política, consciência negra, cultura pop, mercado de trabalho, cultura, astrologia, autoconhecimento, entre outros. Também há episódios ligados à datas comemorativas, como dia das mães, dia dos pais, natal, ano novo e especiais do mês LGBTQIA+ (que serão especificados no item 5.2 deste trabalho, item que corresponde à análise que realizamos). É interessante também destacarmos os episódios de interação com os ouvintes, através de leituras de *emails*, com relatos e pedidos de conselhos aos *podcasters*, algo muito característico do mundo dos *podcasts*.

Entre os episódios deste levantamento algo que se destaca também é a presença de convidados e convidadas em diversos programas, inclusive tendo alguns com três convidados simultâneos. Nos 110 episódios que constam no levantamento que realizamos foram 95 convidados no total, o que nos mostra uma variada gama de vozes no *podcast* “Poc de Cultura”. Também identificamos que alguns episódios ocorrem em parceria com outros *podcasts* (característica da *podosfera*), entre os quais podemos citar “E aí Gay?”, “Mamilos”, “Donos da Razão”, “Modus Operandi”, “Um Milkshake Chamado Wanda”, “Podcastão”, “Larvas Incendiadas”, “Santíssima Trindade das Perucas”, entre outros.

5.2 ANÁLISE

Como segunda fase do método de Bardin (1977) temos a exploração do material, que é à fase de análise, propriamente dita. Este passo foi realizado para delimitação dos temas/assuntos tratados nos episódios, com objetivo de categorizá-los. Bardin (1977) traz que nesta etapa temos a aplicação da sistemática da análise, que tem como objetivo sugerir um *corpus* de pesquisa restrito à uma categorização: episódios que tratam da temática LGBTQIA+ em específico. Assim, a partir do levantamento dos episódios, buscamos identificar quais relatam questões da comunidade LGBTQIA+ através da categorização dos episódios. Importante destacar, que neste primeiro momento, a categorização se dará com

base apenas nos dados do levantamento, não levando em conta as falas dos programas e sim apenas possíveis conteúdos identificados a partir dos dados retirados do site e do Spotify.

Para categorização dos episódios os separamos em três grupos, onde cada um terá como foco os episódios lançados por ano, sendo o primeiro grupo os episódios lançados entre 9 de setembro de 2018 a 18 de dezembro de 2018; o segundo grupo, episódios lançados entre 16 de janeiro de 2019 a 30 de dezembro de 2019; e o último e terceiro grupo entre 16 de janeiro de 2020 a 30 de dezembro de 2020. Cada grupo foi categorizado conforme quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Especificação dos critérios de escolha sobre a classificação de conteúdos dos episódios

Classificação de conteúdo	Critério de escolha
1) TEMAS LGBTQIA+	Episódios que citam a sigla LGBTQIA+ (e/ou suas variantes, como “LGBT”) e/ou citam alguma sexualidade ou identidade de gênero representado pela sigla (e suas variantes, como “viado”);
2) TEMAS GERAIS	Episódios que não citam especificamente a sigla LGBTQIA+ (e/ou suas variantes) e/ou alguma sexualidade ou identidade de gênero representado pela sigla (e/ou suas variantes), mas que conseguimos identificar uma temática específica;
3) DO PROGRAMA	Episódios que não citam uma temática específica e nem a sigla LGBTQIA+ (e/ou suas variantes) e/ou alguma sexualidade ou identidade de gênero representado pela sigla (e/ou suas variantes), sendo possíveis episódios de entrevistas, especiais de finais de ano, leitura de email dos ouvintes, parcerias, entre outros.

Classificação realizada pelo autor desta pesquisa.

Nos próximos parágrafos fizemos uma ‘sobrevoos’ sobre a categorização dos três grupos de episódios (2018, 2019 e 2020); seus respectivos quadros encontram-se em apêndice B, ao final desta pesquisa.

No ano de 2018 foram lançados 14 episódios no período de 4 meses. É importante destacar que o “Poc de Cultura” tem seu início em 9 de setembro, o que não possibilita uma comparação com a quantidade de episódios dos anos seguintes. O primeiro episódio foi (01) “O termo POC”, que faz uma ligação com o próprio nome do programa e a contextualização do termo “como ele surgiu, como ele foi ressignificado e quem pode ou não usá-lo no dia a dia”. Dentre os episódios, quatro citam diretamente a comunidade LGBTQIA+: (03) “Eleições 2018 #VoteLGBT”, (04) “Crianças Viadas”, (06) “Sair do Armário” e (11) “LGBTQI+ na Cultura” com Mário Lemes. Outros quatro episódios não são ligados diretamente à comunidade LGBTQIA+, mas conseguimos identificar temas gerais, sendo eles: (02) “Ansiedade #SetembroAmarelo”, (05) “Gordofobia” com Leo Maia, (10)

“Consciência Negra” com Gomes Samuel De Paula e (12) “Amizades Tóxicas” com Daniel Bovolento. Seis episódios foram classificados como “Do Programa” por não terem uma temática específica: estes episódios são mais direcionados a um diálogo com a audiência, com convidados, leitura de emails e especial de final de ano. Durante o ano de 2018 o programa recebeu seis convidados, sendo um entre a temática LGBTQIA+ , três com temáticas gerais e dois na categoria “do programa”.

No ano de 2019 foram lançados 54 episódios no período de 12 meses. Dentre os episódios, 20 citam diretamente a comunidade LGBTQIA+, outros 20 episódios não são ligados diretamente à comunidade LGBTQIA+, mas conseguimos identificar temas gerais. E por fim, 14 episódios foram classificados como “Do Programa” por não terem uma temática específica, sendo eles mais direcionados a um diálogo com a audiência, com convidados, leitura de emails, especial de início e final de ano, além de entrevistas . Durante o ano de 2019 o programa recebeu 46 convidados, sendo 19 entre a temática LGBTQIA+, 16 com temáticas gerais e 11 na categoria “do programa”. Nestes 54 episódios de 2019 identificamos sete episódios patrocinados por marcas, que foram: (47) “Representatividade LGBTQ na Publicidade (Ao Vivo na Publicis Brasil)” com Bryanna Nasck, Felipe Miyasaka e Marcela Gaspar; (63) “O que é ser bem sucedido pra você? (episódio patrocinado por Promobit)”;

(64) “LGBT e Asiático (episódio patrocinado por Promobit)” com Bruno Kawagoe; (65) “CCXP, Acesso e Diversidade (Episódio patrocinado por TELECINE)” com Perifacon e Ryan Reynolds; (66) “LGBTQIA+ Indígenas Crew Tibira (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Katú Mirim; (67) “Extraterrestres, Pocs Noiadas e Fim de Ano (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Camila Fremder e (68) “A Retrospectiva da Década (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Foquinha; Tendo como marcas: Agência Publicis Brasil, Promobit, Telecine e Converse.

Outro fato importante nesta análise são os episódios do especial “#MaratonaLGBT”, totalizando cinco episódios (episódios 36,38,40,42 e 44). Este especial tem no episódio 36 uma contextualização da história do movimento LGBTQIA+, e nos episódios 38 à 41 contou com convidados que debateram assuntos específicos de cada letra da sigla LGBT. Sendo o episódio 38 dedicado à temática Lésbica com Gabriela Barreira; 40 dedicado à temática gay com Vitor di Castro; 42 dedicado à temática bissexual com Duds Saldanha e Rodrigo Martins e por fim episódio 44 dedicado à temática trans com Sasha Vilela.

No ano de 2020 foram lançados 42 episódios no período de 12 meses. Dentre os episódios, 15 citam diretamente a comunidade LGBTQIA+. Outros 14 episódios não são ligados diretamente à comunidade LGBTQIA+, mas conseguimos identificar temas gerais. 13

episódios foram classificados como “Do Programa” por não terem uma temática específica, estes episódios são mais direcionados a um diálogo com a audiência, com convidados, leitura de emails e especial de início e final de ano, além de entrevistas. Durante o ano de 2020, o programa recebeu 41 convidados, sendo 14 entre a temática LGBTQIA+, 13 com temáticas gerais e 14 na categoria “do programa”.

Nestes 42 episódios de 2020 identificamos dois episódios patrocinados por marcas, que foram: (69) “2020: Vem coisa boa por aí (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Maíra Medeiros e Jeska Grecco; (82) “Conhecendo Todxs nós (Parceria HBO)” com Clara Gallo, Julianna Gerais e Kelner Macêdo; Tendo como marcas: Converse e HBO.

Outro fato importante nesta análise são os episódios do especial “#OrgulhonaPodosfera”, totalizando quatro episódios (episódios 84,85,86 e 87). Este especial tem como descrição “o mês da diversidade e orgulho LGBT chegou aqui no POC de Cultura, e para tanto, vamos entrevistar durante todo o mês produtores de conteúdos LGBTs para falar um pouco sobre seus trabalhos e caminhos a seguir”. No episódio 84 o entrevistado foi Thiago Theodoro; 85, Lela Gomes; 86, Carol Moreira e Mabê e no 87, Bielo Pereira.

Neste próximo parágrafo iniciaremos um segundo momento da análise, onde buscamos identificar quais questões da comunidade LGBTQIA+ são tratadas no *podcast* em um episódio específico, respondendo ao objetivo desta pesquisa: identificar as vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ nos episódios do *podcast* “Poc de Cultura”. Neste momento, escolhemos um episódio da categoria “TEMAS LGBTQIA+” do primeiro momento da análise, que constitui o *corpus* desta análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Recorremos desta vez às falas do episódio, buscando analisar quais e de que forma são tratados os temas da comunidade LGBTQIA+ ao longo do episódio. Pela impossibilidade de analisarmos todos os episódios classificados como “TEMAS LGBTQIA+”, escolhemos um destes que atendessem aos seguintes critérios: a) possuísem convidados(as); b) citassem especificamente no título alguma orientação sexual ou identidade de gênero (como lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e travestis); e c) episódio lançado mais recente.

O episódio mais recente que atendeu a estes requisitos foi o episódio de número 92, intitulado “Visibilidade Lésbica”¹⁸ com a convidada Preta Caminhão (Jamine Miranda), lançado em 19 de agosto de 2020. O episódio em questão foi executado e transcrito¹⁹ visando

¹⁸ O episódio está disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/1ggmTf1QfHYxJ0FOqfo5fd?si=KLnDjRpzSvytBIQahI1vEA&context=spotify%3Ashow%3A3fjBpw8IpbeWHvlZdYOLO2>>

¹⁹ A transcrição deste episódio encontra-se disponível na seção APÊNDICE C deste trabalho.

um melhor resultado, restringimos a análise entre minuto 10:13 ao 59:40 do episódio, tendo como foco apenas a entrevista com a convidada Jamine Miranda.

Seguindo a metodologia de Bardin (1977), a aplicação da sistemática da análise foi definida a partir do objetivo desta pesquisa: compreender o papel social do *podcast* como mídia potencializadora de vozes e vivências LGBTQIA+. A autora sugere a criação de uma categorização que foi seguida pela codificação de palavras, chamadas de “unidade de contexto”, que possibilitaram analisar trechos do objeto: o episódio de número 92, intitulado “Visibilidade Lésbica” com a convidada Preta Caminhão (Jamine Miranda).

As unidades de contexto que estabelecemos como categorias de análise são: a) vozes do emissor da mensagem e b) vivências expressas no conteúdo da mensagem de acordo com o quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Categorias de análise

Vozes	Vivências (unidades de contexto)
Caco Baptista;	Visibilidade;
José Melo;	Repressão;
Hilário Júnior;	Representação;
Jamine Miranda;	Estereótipo;
	Mídia;
	Sociedade.

Categorização realizada pelo autor desta pesquisa.

As unidades de contexto surgiram a partir do item 03 - Comunidade LGBTQIA+ e Representação nas Mídias -, sendo elas, as palavras: a) visibilidade; b) repressão; c) representação; d) estereótipo; e) mídia e f) sociedade. As palavras que representam as vivências estão condizentes com o estudo bibliográfico realizado e o enfoque da análise se deu a partir das vozes e vivências.

5.3 TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para finalizar a análise de conteúdo segundo Bardin (1977) temos a terceira e última fase, de tratamento dos resultados e interpretação dos dados obtidos através das análises, desta maneira buscamos responder: quais as vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ são explicitadas através do *podcast* “Poc de Cultura”?

No episódio 92, que trata da temática da Visibilidade Lésbica temos as vozes de Caco Baptista²⁰, José Melo;²¹, Hilário Júnior²² como entrevistadores e Jamine Miranda²³ entrevistada. É importante destacarmos que durante a entrevista o integrante Felipe Bortolotto não participou. A análise se estrutura a partir das unidades de contexto, as quais foram definidas pelas palavras mencionadas na seção anterior, sendo elas: a) visibilidade; b) repressão; c) representação; d) estereótipo; e) mídia e f) sociedade.

a) Visibilidade

As vozes da entrevistada e dos entrevistadores convergem quando se refere ao aspecto da visibilidade, o que nos termos do bate-papo aparece a partir da palavra "visão" quando Jamine Miranda afirma que “as outras letras da sigla ignoram completamente a existência das mulheres lésbicas” e os entrevistadores, corroboram que há uma questão de invisibilidade dos corpos lésbicos, o que se dá principalmente na relação com homens gays, que acabam monopolizando a luta da comunidade, devido ao privilégio que um homem gay tem acima das outras sexualidades e identidades de gênero. A entrevista prossegue instigada por José Melo que busca entender como na visão de Jamine os gays podem ter esse olhar? O entrevistador faz então a seguinte provocação: “eu queria que você desse o ‘se ligue, assim’ (...) o que é que precisa pros gays, principalmente da nossa audiência aqui no ‘Poc de cultura’, se ligar para serem mais receptivos e mais acolhedores com as lésbicas?”.

A entrevista segue e em outra oportunidade Jamine Miranda discorre sobre visibilidade dentro de seu trabalho como educadora, destacando que sempre procura esclarecer a sua orientação sexual quando entra em contato com as turmas de alunos, buscando naturalizar a sua sexualidade para tornar o ambiente escolar mais aberto aos anseios e medos dos alunos.

Ainda dentro do mesmo tema, o entrevistador Caco Baptista corrobora com a visão de Jamine de que o ambiente escolar começa a ter que lidar com as questões que vem de fora da escola:

“Eu lembro de ouvir, ‘é’ não lembro qual contexto que foi exatamente, mas era uma criança falando, e foi muito bonito assim que ela virou e falou, sobre preconceito ‘né’, dentro da sala de aula, mas que falou ‘que assim’, que principalmente quando os professores erram o pronome da aluna ‘né’, transacionada, que à turma inteira corrige, e faz questão de garantir essa segurança pra aluna que, ‘né’, também faz parte do grupo escolar, do ‘tipo, não, dentro de todo contexto, você não vai ser discriminada por isso, em momento nenhum, entendeu?’”.

²⁰ O perfil do *Instagram* pode ser conferido no link: <<https://www.instagram.com/cacobapt/?hl=pt-br>>

²¹ O perfil do *Instagram* pode ser conferido no link: <<https://www.instagram.com/josehmelo/>>

²² O perfil do *Instagram* pode ser conferido no link: <<https://www.instagram.com/metheoro/r>>

²³ O perfil do *Instagram* pode ser conferido no link: <<https://www.instagram.com/pretacaminhao/?hl=pt-br>>

b) Repressão

Muitos temas surgem durante a entrevista sob o termo “opressão”. O entrevistador Caco Baptista afirma que a repressão é algo que acontece quando as pessoas querem impor um papel e que se algo “sair da caixinha” é esperado que sofram julgamentos.

“É muito esfregado na nossa cara, do tipo ‘ter, que ter um papel, tem que ter uma caixinha, você tem que pertencer à alguma coisa, e se você tiver fora do que é esperado de você, a gente vai ter julgar’. É muito, constantemente esse tipo de opressão assim, que acaba marcando muito as relações.”

Como gay, Caco compara a repressão que ele sente em relação a que uma mulher lésbica sente, pelo seu gênero e pela sua sexualidade. Diante dessa comparação Jamine relata sua vivência como mulher negra, lésbica e que performa uma feminilidade diferente da imposta pela sociedade acaba sendo, tipificada como “caminhoneira” de forma preconceituosa, e que com o tempo passou se apropriar do termo buscando ressignificá-lo.

“Eu entendo que eu não escolho qual opressão que eu quero sofrer, ‘assim’, eu não escolho sair e sofrer opressão só porque eu sou lésbica, ou sair e sofrer só opressão porque sou ‘sapatão’. Essas questões atravessam meu corpo o tempo inteiro, existe, querendo ou não, existe um padrão dentro do universo lésbico, por exemplo, que uma lésbica como eu, que não cumpre esses lugares, esses lugares de feminilidade ‘né’, que eu quero trazer uma outra feminilidade”

Inclusive, segundo a entrevistada dentro do meio lésbico, essa opressão também se faz presente no momento em que a pessoa não corresponde a um padrão. Jamine relata que essa repressão fez o seu entendimento como mulher lésbica demorar mais, pois teve diversas barreiras que precisou superar, como a racial e a da sua feminilidade, por ser vista como mais masculina e que por essa razão, o padrão social a coloca como em posição de domínio por estar associada ao masculino. Segundo José Melo esse estigma está presente também dentro da comunidade LGBTQIA+ e isso só faz aumentar o preconceito e a insegurança em relação aos relacionamentos, uma vez que isso “acaba afastando e afetando demais a gente de encontrar outras pessoas e se abrir em relacionamento, e conhecer outras pessoas com esse medo de o preconceito que vai ter dentro da própria comunidade”. A entrevistada corrobora com a afirmação de que os preconceitos de fora e de dentro da comunidade LGBTQIA+, influenciam negativamente no desenvolvimento das relações interpessoais e que relações sexuais são apenas relações e que não devem ser “taxadas”: “sexo é troca, sexo é relacionamento, não tem que ter tipo “ai alguém tem que só cumprir um papel, e um outro tem que só cumprir um papel” .

c) Representação

Da ótica da representação surgiram através das palavras "entendimento" e "representatividade" algumas vivências. A entrevistada Jamine relata que seu “entendimento enquanto mulher negra passou primeiro pela questão estética para depois eu chegar à teoria”. Seu processo para começar a criar conteúdos na internet, passou pelo foco da moda, mas foi mudando com o tempo, de acordo com o que ela foi descobrindo sobre si mesma a respeito da sua identidade enquanto mulher, lésbica e negra “coisas que aconteciam comigo, que eu achava que eram coisas que assim, eram só da minha vivência, aquele 'rolê' “acontece só comigo”, ‘é aí eu' fui entender que não era, que com outras ‘minas’ também aconteciam, ‘aí’ foi rolando essa troca, essa construção.”

Foi a partir desse momento, de pessoas se identificando com os conteúdos que Jamine produzia, que traziam principalmente suas vivências, que ela passou a perceber que existiam outras pessoas com características similares às dela.

Sobre a sua descoberta de sexualidade Jamine relata que cresceu nos anos 90 e que não havia representação de mulheres negras nas quais ela pudesse se sentir contemplada, e isso fez com que ela se visse como um homem em parte do seu entendimento: “durante a maior parte da minha infância, ‘é’ eu, quis ser um homem, porque eu queria estar com outras mulheres... Então eu entendia que só se eu fosse homem eu poderia estar com outra mulher”. Essa sua visão de existir mulheres que ficam com mulheres só aconteceu depois de ela se “passar” por um homem em um perfil falso de rede social.

“Mas eu sempre falo, meu entendimento mesmo, enquanto lésbica foi um ‘fake’, eu tinha um personagem ‘fake’, no falecido ‘Orkut’, era um homem de “Rebeldes” ainda, amava aliás. E ‘aí’, era e eu comecei a entender, olhar, gosto de ‘mina’, e ‘aí’ tinha uma ‘mina ai do fake’ que atravessou esse role, e eu consegui falar olhar sou mulher tal, e foi à partir ‘daí’ que eu comecei a entender mesmo enquanto lésbica.”

Dentro da representatividade José Melo questiona Jamine em relação à confusão que a sociedade faz entre uma mulher lésbica “caminhoneira” e um homem transsexual: “eu lembro sobre quanto as lésbicas caminhoneiras são confundidas com homens trans, ‘né’, e ‘assim, como que é isso pra você?”. Jamine relata que essa confusão realmente acontece e gera situações desconfortáveis para ela.

“Se eu for ‘dar um rolê’ e ir ao banheiro pra mim, ‘tipo’ é uma tarefa que é muito ‘foda sabe’, eu não consigo pura e simplesmente ir ao banheiro, porque alguém, porque alguém, ‘tipo’ segurança, ‘sei lá’, o segurança’ ele tipo, sempre, ja rolou várias vezes tipo, de o segurança me tirar de dentro do banheiro, de eu precisar de fazer, é, de precisar de mostrar documento.”

d) Estereótipo

Sobre a ótica do "estereótipo", Jamine volta à questão da confusão entre sua identidade feminina e a transsexualidade masculina e sugere “eu sempre falo ‘assim’ no

primeiro contato é importante você perguntar como a pessoa quer ser tratada, ‘sabe’, uma questão de respeito...”. Porém o que acontece muito é as pessoas tratarem ela no masculino mesmo sabendo da sua preferência pelos pronomes femininos, “... mas tem muita gente que sabe do meu ‘role’ e continua me tratando no masculino”. Jamine faz uma comparação de como as pessoas têm facilidade em tratar homens gays no feminino, “homens gays que performam mais essa feminilidade, tem muita, tem muita facilidade de tratar eles no feminino e não conseguem... ‘é... me tratar no feminino ‘assim’”. E afirma “é um ‘rolê’ que é muito de imagem, ‘sabe’.”, que o estereótipo do homem está na imagem que as pessoas possuem sobre o corpo dela.

e) **Mídia**

No espectro de “mídia” o assunto surgiu através da palavra “televisão” onde José Melo menciona a necessidade de naturalizar os corpos LGBTQIA+ não só através da representação nas mídias tradicionais, “é comum ter pessoas diversas em todos os ambientes, não só em televisão, não só em música, ‘né, ter ali no dia a dia dele, e é normal ser assim.” Como no caso de Jamine Miranda, que como educadora estabelece uma relação livre sobre sua sexualidade. José Melo acrescenta que é necessário as pessoas LGBTQIA+ se imporem nos seus trabalhos, “então acho que ter esses ‘tipos’ de educadores também, se impondo ‘sou gay’, ‘sou lésbica, e é isso aí’, naturalizando essas sexualidades e identidades, e também que as gerações estão cada vez mais evoluindo e com mais acesso à informação, o que dá mais visibilidade às questões da comunidade.

f) **Sociedade**

A palavra “sociedade”, teve relatos a partir da palavra “comunidade”. No início da entrevista, Caco Baptista compreende que o programa sempre busca agregar visões mais amplas da comunidade LGBTQIA+.

"Primeiro é um prazer ter você aqui junto com a gente, eu acho que... pra falar sobre pautas LGBT a gente tem um costume muito grande de ver sempre essa maioria branca representando (risos) o que seria uma grande comunidade, que na verdade é muito mais plural que isso. E é muito bom ver conteúdos como o seu, tanto no podcast como nos conteúdos que você produz que dialogam com, à vivência da mulher lésbica preta ‘né’...”

Essa visão dos entrevistados sobre seu papel como *podcasters* fica mais explícita ao final da entrevista, ao tentarem agregar uma visão mais plural das questões LGBTQIA+ trazendo um conselho ou ponto de vista da convidada. Jamine Miranda então reconhece que a parcela gay da comunidade precisa ser mais acolhedora e reconhecer seus privilégios, através

do trecho “eu acho que é primeiro é, fazer uma autocrítica, que eu acho que as outras siglas elas fazem essa autocrítica, então essa autocrítica ela é necessária”. Jamine então cita algumas situações que os homens gays acabam por constranger as mulheres:

“É entender que o corpo de mulheres não é um corpo público, então não é pelo fato de você se relacionar sexualmente, amorosamente e afetivamente, enfim, com homens que você tem o direito de tocar outras mulheres... ‘véio’ isso é um ‘rolê’ que é extremamente misógino, você falar que você tem nojo do corpo do outro, ‘véio’ isso é um rolê que é muito pesado, principalmente né, na sociedade que a gente vive...”

A entrevistada também questiona algumas posições do movimento LGBTQIA+, que homens gays monopolizam, através do trecho “... tanto que a gente fala de uma parada ‘gay’ porque o movimento é ‘GGGGG’ e ... existe, querendo ou não, existe essa ideia que existem pautas mais importantes que a outra”.

Em outro momento da conversa o entrevistador Hilário Júnior faz menção às pequenas ações que podem gerar um maior impacto na sociedade, “a gente não pode ficar achando que as nossas ações individuais não vão fazer mudanças ou não vão mudar nada” ,em que se mudamos uma pessoa isso já é o bastante para acreditarmos numa evolução do mundo, “que aquilo ali pode escalar de formas inimagináveis, se você parar pra pensar né?”

Esta análise acerca do conteúdo da entrevista do *podcast* nos possibilitou entender de que maneira os assuntos são tratados, podemos perceber que as vivências relatadas tanto pela entrevistada quanto pelos entrevistadores são pautadas de forma recorrente a justificar seus pontos de vista e opiniões. Quais as vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ são explicitadas através do *podcast* “Poc de Cultura”? Os apresentadores do *podcast*, Caco Baptista, José Melo, Hilário Júnior como homens gays, possuem um cuidado em destacar as falas da convidada Jamine Miranda, mulher lésbica, durante a entrevista, questionando mais profundamente sobre questões que ela traz, sempre buscando evidenciar a visão pessoal da entrevistada, o que agregado a alguns relatos e dúvidas dos apresentadores, possibilita ampliar o olhar acerca da vivência da convidada, o que para os ouvintes poderá representar uma realidade que muitas vezes não é por eles conhecida, resultando daí o papel social do *podcast*.

Percebemos através dos diálogos vivências que de certa maneira são similares e durante a entrevista se atravessam junto dos pontos de vista da entrevistada. Também é interessante destacar que dentre as palavras de unidade de contexto, visibilidade, repressão; representação; estereótipo; mídia e sociedade, elas estão atreladas aos mesmos contextos, evidenciando que elas fazem parte das vivências dos entrevistados e da entrevistada. E para

concluir podemos perceber que o episódio analisado contribui para um maior entendimento das questões tratadas por parte da comunidade LGBTQIA+.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas abordados no decorrer da nossa pesquisa nos possibilitaram compreender as características de uma mídia que nasceu de forma independente e foi se popularizando antes mesmo de veículos da mídia de massa tradicional se apropriarem. O *podcast* se consolida como uma micromídia que tem possibilidades de ser uma mídia de nicho quando guiada por interesses mercadológicos, dependendo de quem o produz. Como característica intrínseca ao *podcast* está a produção facilitada, de custo relativamente baixo, e seguindo uma tendência global de consumo por demanda, onde o usuário escolhe os programas, o dia e o momento a consumi-lo.

De fato o *podcast*, com suas características, se torna uma mídia com potencialidades democráticas, mas esbarra no acesso à banda larga, que apesar de já ter atingido boa parcela da sociedade global, ainda encontra inúmeros entraves quando consideramos a desigualdade social vivenciada no Brasil. Outra característica do *podcast* que conseguimos visualizar através desta pesquisa é que o espaço da *podosfera* pode ser visto como um ambiente de colaboração, onde acontecem muitas trocas. Na análise que realizamos conseguimos perceber a presença de convidados nos episódios, seja para debater assuntos específicos, divulgar trabalhos e até mesmo a presença de outros *podcasters*, evidenciando uma colaboração entre os “concorrentes”, o que em mídias tradicionais pouco se vê.

Indo ao encontro do objetivo desta pesquisa, isto é, compreender o papel social do *podcast* como mídia potencializadora de vozes e vivências LGBTQIA+, conseguimos algumas respostas que nos levam a perceber o papel social do *podcast* pelas suas características de produção enfatizadas neste trabalho, ou seja, as possibilidades existentes para que um programa de *podcast* seja criado por qualquer indivíduo com acesso a um celular (não nos atemos aqui à questões de qualidade, mas de conteúdo), fato que para nós indica o *podcast* como uma mídia potencializadora de vozes e vivências, não apenas da comunidade LGBTQIA+.

No que se refere as vozes e vivências LGBTQIA+, pelo que pudemos observar em nossa análise, o *podcast* “Poc de Cultura”, em 110 programas publicados durante 2 anos e meio, 39 episódios citam diretamente questões da comunidade LGBTQIA+; dentre estes episódios, há dois grupos de episódios especiais que são sequências de episódios, normalmente lançados no mês de junho em comemoração ao “orgulho LGBT”, explicitando a importância dos debates da comunidade.

O primeiro especial foi ao ar em 2019, intitulado “#MaratonaLGBT” contou com cinco episódios que buscaram trazer convidados que representassem cada sexualidade e identidade da sigla. O segundo especial foi ao ar em 2020, intitulado “#OrgulhonaPodosfera” contou com quatro episódios que buscaram trazer convidados que fossem criadores de conteúdos e representassem cada sexualidade e identidade da sigla. Com estes especiais conseguimos visualizar que há uma preocupação dos produtores do “Poc de Cultura” em trazer aos programas as temáticas da comunidade LGBTQIA+, e principalmente, vozes que possam representar diferentes sexualidades e identidade de gênero.

E por fim, focando na análise do episódio selecionado, conseguimos perceber que os *podcasters* potencializam vozes que possivelmente não chegariam à sua audiência. No episódio analisado, a voz de uma mulher lésbica, negra e que não performa uma feminilidade imposta pela sociedade, compartilhou suas vivências e pontos de vista sobre assuntos que a rodeiam; partindo de questões da entrevistada, os entrevistadores também compartilham suas vivências e experiências, muitas vezes corroborando com as falas da entrevistada, mas, principalmente, se colocando no lugar da escuta.

Outro aspecto interessante que percebemos durante a análise é que o *podcast* “Poc de Cultura” acaba atuando como um espaço de intercâmbio entre as diferentes identidades que constituem a comunidade LGBTQIA+, não como um veículo de informação as pessoas hetero, mas sim como um espaço de discussão entre os membros da própria comunidade. O que estamos constatando aqui é que o “Poc de Cultura”, em específico, o episódio analisado está focado em uma troca de informações entre os membros da comunidade LGBTQIA+, porém isso não impede de pessoas de fora da comunidade entenderem os assuntos discutidos.

A partir do referencial teórico construído neste trabalho pudemos perceber que a visibilidade da comunidade LGBTQIA+ sempre foi uma constante desde o início dos movimentos organizados de homossexuais, nos anos 60. Desde as publicações alternativas chamadas de “imprensa rosa-choque”, passando pelas representações em novelas e na televisão em geral, e mais atualmente à emergência do ciberespaço, a busca pelos debates das questões LGBTQIA+ sempre foram um passo importante no combate ao preconceito da sociedade para com as pessoas LGBTQIA+. Com o surgimento e a apropriação do ciberespaço por parte das pessoas em geral, possibilitou-se uma exploração deste espaço de maneira que ele passou a reunir milhares de informações, expondo diferentes pontos de vista sobre todo e qualquer tema. A internet possibilitou uma grande vitrine para aqueles que antes não possuíam espaços onde pudessem ser ouvidos e expressarem-se da maneira que quisessem, tendo seus pontos positivos e negativos. A abrangência do ciberespaço tornou-se

um espaço de liberdade de expressão, tão condicionada aos meios tradicionais de comunicação, como rádio, televisão e jornais.

Neste trabalho o “*Youtube*” pode ser visto como plataforma pioneira que possibilitou que se colocasse em debate todo e qualquer tema que alguém quisesse dar visibilidade, e hoje em dia são inúmeros os canais que ele hospeda, inclusive de temáticas da comunidade LGBTQIA+. Assim hoje conseguimos enxergar o *podcast*, como uma mídia nova que pode viabilizar histórias de óticas totalmente distintas ao que estamos acostumados a enxergar, possibilitando a partir da escuta e das já mencionadas características de produção, acesso e colaboração do *podcast*, estamos diante de mais uma mídia que pode ajudar a moldar o mundo.

Com essa pesquisa buscamos responder à nossa questão problema: quais vozes e vivências da comunidade LGBTQIA+ são explicitadas através do *podcast* “Poc de Cultura”? Além das conclusões acerca de nossa análise e de nosso estudo como um todo, essa pesquisa abre espaço para futuras discussões acerca do tema da representatividade LGBTQIA+ na mídia *podcast*.

7 REFERÊNCIAS

ALECRIM, Emerson. Spotify chega a 286 milhões de usuários e a 1 milhão de podcasts. **Tecnoblog**, 2020. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/336223/spotify-resultados-financeiros-1-tri-2020-286-milhoes-usuarios/>>. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

ASSIS, Pablo de.. **O Feed e a Fidelização do Podovinte**. In: LUIZ, Lucio. (org.) Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977.

BAMONDES, Rodrigo; CATINO, Julian; CORREA, Thiago; VOLL, Karin; VULCANA, Dimitra; **PodPesquisa Ouvinte 2019**. Associação Brasileira de Podcasters (AbPod), 2019. Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa-2019/>> Acesso em 14 de agosto de 2020.

BAMONDES, Rodrigo; CATINO, Julian; CORREA, Thiago; VOLL, Karin; VULCANA, Dimitra; **PodPesquisa Produtor 2020/2021**. Associação Brasileira de Podcasters (AbPod), 2021. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf> Acesso em 23 de fevereiro de 2021.

BOMFIM, Murilo. Spotify lança sua primeira áudio série no Brasil e em outros três países. **Exame**, 2020. Disponível em: <<https://exame.com/casual/spotify-lanca-sua-primeira-audio-serie-no-brasil-e-em-outros-tres-paises/>>. Acesso em 2 de março de 2021.

BONASSOLI, Kell. **Uma mão lava a outra, duas mãos batem palmas**. In: LUIZ, Lucio. (org.) Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2014.

BUSCH, Adrian. **Heteronormatividade e uso do Youtube como Mídia Alternativa: Levantamento Dos Canais Lgbti+**. In: SOUZA, Humberto da Cunha Alves de; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; REIS, Toni. (orgs.) Estudos sobre diversidade sexual e de gênero: atualidades, temas, objetos. Curitiba, PR: IBDSEX, 2020.

DAMASCENO, Ítalo. Poc de Cultura: podcast fala de forma divertida sobre temas LGBTs. **Metrópoles**, 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vozes-lgbt/poc-de-cultura-podcast-fala-de-forma-divertida-sobre-temas-lgbts>>. Acesso em 4 de março de 2021.

Diversidade é marca dos podcasts do país, aponta Podpesquisa 2019. **Agência Senado**. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/04/diversidade-e-marca-dos-podcasts-do-pais-aponta-podpesquisa-2019>>. Acesso em 06 de novembro de 2020.

DUARTE, Pedro. **Sotaque no podcast: quebrando paradigmas**. In: LUIZ, Lucio . (org.) Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2014.

FERRAZ, Thaís. Movimento LGBT: a importância da sua história e do seu dia. **Polítize!**, 2017. Disponível em: <<https://bityli.com/KmiQx>>. Acesso em 23 de março de 2021.

FERREIRA, Carlos. **Imprensa Homossexual: Surge o Lamião da Esquina**. In: Revista ALTERJOR, por grupo de estudos alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo. São Paulo, SP: ECA-USP, 2010.

FERREIRA, Vinícius; SACRAMENTO, Igor. **Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas**. In: AZEVEDO, Frederico Tomás; SILVEIRA, Maria Elisa Luiz da. (editores executivos) Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde. Rio de Janeiro, RJ: ICICT, 2019.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast: Breve História de uma Nova Tecnologia Educacional**. Marília, SP: 2017.

GOGONI, Ronaldo. O que é streaming? [Netflix, Spotify, mais o que?]. Tecnoblog, [s.d.]. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/290028/o-que-e-streaming/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2020.

Jornalismo da Globo lança novos podcasts. **G1**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/noticia/2019/08/25/jornalismo-da-globo-lanca-novos-podcasts.ghtml>>. Acesso em 19 de agosto de 2020.

LAVADO, Thiago. Com foco em podcasts, Spotify compra empresas de publicidade e tecnologia. **Exame**, 2020. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/com-foco-em-podcasts-spotify-compra-empresa-de-publicidad-e-e-tecnologia/>>. Acesso em 3 de março de 2021.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, Atlas: 2003

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Ed. 34, 1999.

LUIZ, Lucio. ASSIS, Pablo de. **O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. Caxias do Sul, RS: 2010.

LUIZ, Lucio. **A História do Podcast**. In: LUIZ, Lucio. (org.) Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2014.

MARTINS, Larissa Pinto. **Chanacomchana também é Bacana! Estudo Sobre A Imprensa Lésbica No Brasil (1981-1987)**. Jaguarão, RS: 2017.

MEDEIROS, Macello Santos de. **Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro**. Rio de Janeiro, RJ: 2005.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019.

NATAL, Bruno. Opinião: Acordos de exclusividade podem ser tiro no pé dos podcasts?. **TAB Uol**, 2020. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/16/opinioao-plataformas-turbinam-audiencia-de-podcasts-exclusivos-e-o-resto.htm>>. Acesso em 3 de março de 2021.

NETO, Valdemir Santos; STRASSBURGER, Damaris. **A Representação do Sujeito Gay na Mídia: Reflexões Acerca dos Processos de Representatividade em Telenovelas da Rede Globo**. In: SOUZA, Humberto da Cunha Alves de; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; REIS, Toni. (orgs.) Estudos sobre diversidade sexual e de gênero: atualidades, temas, objetos. Curitiba, PR: IBDSEX, 2020.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. (orgs) **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia**. Salvador, BA: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Porto Alegre, RS: 2005.

Podcast como voz das minorias: Camila Ferraz, Carine Nascimento, Caco Baptista, Dimitra Vulcana e Milton Junior. *Spotify For Podcasters Summit* Brasil, novembro, 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6ALKQBZx5BghmaNGvnk3Dr?si=5oySSBeETD67oZKvNjJ_Aw>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. São Paulo, SP: 2017

QUINALHA, Renan. A História do Movimento LGBTQ Brasileiro. **Gente Globo**, 2020. Disponível em: <<https://gente.globo.com/a-historia-do-movimento-lgbt-brasileiro/>>. Acesso em 22 de março de 2021.

ROSARIO, Mariana. A era dos podcasts: o sucesso dos programas de áudio on-line. **Veja SP**, 2019. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/capa-podcasts-paulistanos/>>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado**. São Paulo, Hacker Editores: 2001.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia Marcondes de. **O lamião da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970**. Curitiba, PR: 2014.

SHAW, Lucas. Spotify em alto volume: a aposta nos podcasts em busca de lucro. **Exame**, 2021. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/spotify-em-alto-volume-a-aposta-nos-podcasts-em-busca-de-lucro/>>. Acesso em 2 de março de 2021.

SCHERER, Anderson. **Representação da Diversidade LGBTQIA+ na publicidade: Transformações na prática**. In: PETERMANN, Juliana. FERNANDES, Arion. SCHUCH, Lucas (orgs.). Nós da propaganda. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019.

VANASSI, Gustavo Cardoso. *Podcasting como Processo Midiático Interativo*. Caxias do Sul, 2007.

5,1 bilhão de pessoas têm celular no planeta, sendo 204 milhões no Brasil. **Veja**, 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/51-bilhao-de-pessoas-tem-celular-no-planeta-sendo-204-milhoes-no-brasil/>>. Acesso em 20 de abril de 2021.

APÊNDICE A - Levantamento dos episódios do *podcast* “Poc de Cultura”

Quadro 4 - Levantamento dos episódios do *podcast* “Poc de Cultura”

a)	b)	c)	d)	e)	f)
Nº	Data	Título	Descrição	Convidados (as)	Duração
1	07/09/2018	O termo POC	“No primeiro episódio a gente fala um pouco sobre o termo poc, como ele surgiu, como ele foi ressignificado e quem pode ou não usá-lo no dia a dia.”	não possui	55 min 56 s
2	27/09/2018	Ansiedade #SetembroAmarelo	“No segundo episódio falamos sobre a importância de buscar ajuda quando o assunto é saúde mental. Pincelamos um pouco do assunto passando por síndrome do impostor e outros pontos bem importantes!”	não possui	1h 26 min 41s
3	01/10/2018	Eleições 2018 #VoteLGBT	“Chegamos num dos momentos mais conturbados da história recente do nosso país. As eleições 2018 são cruciais para muitas coisas que acreditamos e vivemos. Neste programa, as POCs do POC de Cultura exploram o tema falando desde o contexto histórico, as pesquisas eleitorais e a principal eleição do ano, na nossa opinião: a eleição para deputados e senadores.”	não possui	1h 21 min 58s
4	9/10/2018	Crianças Viadas	“Nesse especial para o dia das crianças, nós falamos sobre ser uma criança viada, as experiências na adolescência (+18) e sobre superar os estereótipos.”	não possui	1h 21 min 55s
5	17/10/2018	Gordofobia	“Nesse episódio, nós falamos sobre Gordofobia, com a presença do maravilhoso Leo Maia. Dividimos histórias, estigmas e falamos umas verdades que vale a pena ouvir.”	Leo Maia	1h 18 min 19s
6	24/10/2018	Sair do Armário	“O processo de sair do armário pode ser muito doloroso, traumático e cansativo, e ainda é muito presente na comunidade LGBT, mesmo depois de todos os avanços e todas as conquistas até aqui. Neste episódio as POCs contam suas experiências ao se assumirem para família e amigos.”	não possui	1h 31 min 49s
7	01/11/2018	Ele ganhou! E agora?	“Ninguém larga a mão de ninguém e nós não largaremos o microfone. Nesse episódio do POC de Cultura falamos sobre o resultado das eleições e qual o olhar de cada uma das POCs sobre o que vem por aí.”	não possui	1h 37 min 18s
8	07/11/2018	Relacionamentos, Lendo e-mails	“Vamos falar do coração? As POCs se juntam em mais um episódio pra falar sobre relacionamentos. Com direito a DR ao vivo, choro, leitura de emails e confissões.”	não possui	1h 46 min 58s
9	13/11/2018	Dates Ruins, relacionamentos o part 2	“POCs of the world! A segunda parte do episódio sobre relacionamentos está no ar! E agora vamos falar dos dates ruins que cada um do podcast já passou. Todos os constrangimentos e situações engraçadas, além da continuação da DR do casal.”	não possui	1h 36 min 13s

(continua)

10	20/11/2018	Consciência Negra	“E no programa de hoje as POCs estão reunidas pra falar sobre a importância da Consciência Negra e a vivência negra LGBTQ+ e nos mais diversos ambientes.”	Samuel De Paula Gomes, Consultor de Diversidade	1h 44 min 11s
11	27/11/2018	LGBTQI+ na Cultura	“No episódio desta semana vamos lembrar e enaltecer as representações LGBTQI+ na cultura pop, com a participação do querido Mário Lemes, e falar de alguns personagens que fizeram ou ainda fazem parte das nossas histórias, sejam eles de novelas, séries, filmes ou desenhos animados”	Mário Lemes	1h 56 min 33s
12	4/12/2018	Amizades Tóxicas	“Vamo? Vamo!”. Será que todo mundo quer amigos assim? Qual o limite entre ser um amigo legal e uma pessoa tóxica? Será que você é um amigo tóxico?”	Daniel Bovolento, escritor	1h 54 min 53s
13	11/12/2018	Tops e Flops de 2018	“Menina, o ano terminou! Para uns finalmente e para outros não. Para comentar os TOPs e FLOPs de 2018, convidamos a Marina Bonafé para conversar no episódio.”	Marina Bonafé,	1h 44 min 25s
14	18/12/2018	Thank You 2018, Next!	““Hoje é um novo dia, de um novo tempo, que começou...” O ano chegou ao final e então é a hora de fazer um balanço e conversar sobre as nossas resoluções de ano novo! “	Jessica Grecco, podcaster	2h 14 min 9s
15	16/01/2019	Comeback 2019!	“BITCH WE ARE BACK! BY POPULAR DEMAND! As POCs voltaram em 2019 e contam como está o ano até agora e as projeções para a vida pessoal e, principalmente, para o programa nesse novo ciclo... Venha conhecer as próximas pautas e tudo que estamos preparando para os próximos episódios nessa nova era!”	não possui	1h 7 min 57s
16	22/01/2019	Gays Machistas e Minas Homofóbicas	“No episódio de hoje as pocs, com ajuda das maravilhosas do @potocaspodcast se juntam para falar um pouco mais do papel do homem gay como aliado das causadas femininas e das mulheres hetero como aliadas nas questões envolvendo a comunidade LGBTQI+”	Camila Pons e Sacha Brasil do podcast Potocas	1h 33 min 51s
17	29/01/2019	Pink Money	“Hoje é dia de falar do tão famoso Pink Money! No episódio dessa semana, as POCs se reúnem pra bater um papo sobre este assunto tão atual, e algumas das polêmicas que artistas, empresas e marcas se envolvem por visarem somente o lucro em cima da comunidade LGBT.”	não possui	1h 29 min 38s
18	05/02/2019	Transexualidade + Não-Binária de	“Dia 29 de Janeiro foi o #DiaDaVisibilidadeTrans, e para falar sobre o T do LGBT, as POCs convidaram a YouTuber e produtora de conteúdo, Bryanna Nasck, uma mulher trans não-binária que deu uma aula sobre autoestima, autocuidado, resiliência e empoderamento, com muita leveza e carisma no programa.”	Bryanna Nasck, produtora de conteúdo	1h 31 min 22s

19	12/02/20	Saúde 19 LGBTQ+	“Dessa vez, atendendo a vários pedidos, convidamos o especialista em Cirurgia Digestiva e Coloproctologia, Vinícius Lacerda para falar sobre Saúde LGBTQ+.”	Vinícius Lacerda, Especialista em Cirurgia Digestiva e Coloproctologia	1h 48 min 58s
20	19/02/20	Lendo e-mails 19 (parte 2)	“Demorou mas aconteceu, pocs! Finalmente tivemos o nosso especial de e-mails com as histórias divididas por vocês. Nessa semana selecionamos alguns dos recebidos e demos aquele pitaco sobre os pontos levantados.”	não possui	1h 48 min 58s
21	26/02/20	Unidos do POC de Cultura (Especial 19 Carnaval)	“E para falar sobre histórias do carnaval e comentar coisas legais do reinado de momo, convidamos nossa amiga Pri Muniz (Aka Arroz de Podcast) para falar um pouco sobre suas vivências e histórias!”	Pri Muniz, podcaster	1h 34 min 6s
22	07/03/20	Especial dia 19 da Mulher	“E para falar sobre todas as tretas e anseios de ser mulher convidamos as manas Carol Patrocínio (@carolpatrocínio), publicitária, bissexual e mãe; Talita Gonçalves (@talicg), publicitária, bissexual e ativista anti-gordofobia e a Erika Hilton (@hilton_erika), Codeputada pela Bancada Ativista da Assembléia Legislativa de SP, mulher trans e ativista.”	Carol Patrocínio, publicitária. Talita Gonçalves, publicitária e ativista anti-gordofobia e Erika Hilton, Codeputada pela Bancada Ativista da ALESP, atual vereadora de SP.	1h 27 min 5s
23	12/03/20	RuPaul’s Drag Race, Divas Pop e Fãs 19 Tóxicos	“Quem é melhor: Lady Gaga ou Madonna? Porque a Bob The Drag Queen venceu e não a Kim Chi? Perguntas normais feitas no dia a dia da comunidade LGBTQI+ quando o assunto é entretenimento, certo? Porém, nem sempre o tema é tratado com leveza e descontração. Não é porque você é LGBT e gosta muito de um artista que pode sair distribuindo hates e preconceito pela internet. As POCs falam sobre esse assunto tão atual no episódio dessa semana.”	não possui	1h 48 min 29s
24	19/03/20	LGBTs e à 19 Religião	“Religião e LGBTs são duas coisas que parecem não se misturar muitas das vezes, principalmente quando pensamos na ótica Judaico-Cristã que domina nossas vidas aqui no Brasil. No entanto, nossa convidada Gyselly Auzier, mulher trans manaura residente de São Paulo, vem provar o contrário. Gy além de frequentar a Igreja Católica todas as semanas, participa do coral da igreja e é acolhida por sua comunidade. As POCs além de escutar sua vivência, compartilham suas histórias e pontos de vista.”	Gyselly Auzie, Community Manager	1h 45 min 21 s

(continua)

25	26/03/2019	Autoestima	“Demorou mas aconteceu! O POC de Cultura comemora o episódio #25 (a.k.a. Bodas de Plumas), e lança o tão aguardado episódio sobre autoestima. Venha escutar todas as vivências das pocs, que são bem distintas e mostram os diferentes lados das pressões estéticas, raciais, sexuais e intelectuais que cada um passa”	não possui	2h 33s
26	02/04/2019	Minha Amiga Internet	“Antes de chegarmos até aqui, a internet era tudo mato. Blog construído no bloco de notas, pulso único da internet discada, chat UOL, mIRC, MSN e Fotolog. Foi muito mato aberto a facção para chegarmos na era das redes sociais e termos “tudo” de mão beijada. E no fim a pergunta que fica é: O que seríamos de nós sem a Internet?”	Ariane Freitas	1h 52 min 21s
27	09/04/2019	LGBTs 50+	“Você já se imaginou daqui a 20, 30, 40 anos? A idade sempre foi um grande tabu social. Na comunidade LGBTQ+, infelizmente, não é diferente. Como diria Madonna: “Envelhecer é um pecado”.”	Fernanda Estima e Beto de Jesus	1h 48 min 3s
28	16/04/2019	À vida nos APPs de Relacionamento	“Grindr, Tinder, Happn, Scruff e tantos outros... O novíssimo episódio do POC de Cultura vem muito informativo e divertido para falar sobre um assunto importante e que mexe com a vida de tantas poczinhas e poczonas por aí: A Vida nos Apps de Relacionamento. Qual a sua relação com eles? Vem escutar o que as POCs têm a falar sobre isso e conhecer mais algumas histórias. É só dar o play!”	não possui	1h 42 min 31s
29	23/04/2019	O Lemonade da Veronica @faxinaboa	“Faxina é sua profissão. Histórias inspiradoras ela conta de montão. Recebemos a Verônica Oliveira, do Faxina Boa, para um papo para lá de descontraído e inspirador. O papo fluiu sobre momentos para iniciar projetos pessoais e começar negócios do nada. Vem ouvir e se emocionar com a gente! <3“	Verônica Oliveira	1h 50 min 50s
30	30/04/2019	Empregabilidade de LGBT	“Mais de 13 milhões de pessoas encontram-se desempregadas no Brasil, a comunidade LGBT é uma das mais afetadas (se olharmos para o caso das pessoas Trans, mais de 90% encontram-se fora do mercado de trabalho ou em subempregos).”	“Daniela Gebenlian, (Dani Coach)	1h 9 min 43s

(continua)

31	07/05/2019	Especial dia das Mães	“No episódio dessa semana falamos sobre maternidade, como é ser mãe de LGBTQ+ e dúvidas e anseios por parte das mães”	“Cida Baptista, artesã, ativista e mãe do Caco Baptista” (integrante do POC de Cultura)	2h 32 min 9s
32	15/05/2019	Millennials X Geração Z	“Poczinhas vs Poczonas Novinhas vs Cacuras. A fluida Geração Z é o tema do POC de Cultura dessa semana.	“Tolentino, artista, fotógrafo, videomaker e querido amigo das POCs.”	1h 41 min 12s
33	21/05/2019	Influenciadores Digitais e a Positividade Tóxica	“A gente é impactado por mil coisas na internet o tempo todo e a positividade tóxica é um dos pontos mais presentes atualmente. Mas como não cair na cilada e se deixar influenciar por algo que não necessariamente serve pra você? No episódio de hoje, aquele just family maroto, as pocs debatem os diversos pontos presentes na positividade tóxica, e no comportamento de influenciadores.”	não possui	1h 26 min 7s
34	28/05/2019	Dia das POCs Casas de Acolhimento	“ToO FAMIGERADO #DIADASPOCS aconteceu! Foi maravilhoso? Foi! Foi um papo incrível sobre empatia, arte, casas de acolhida e muita coisa importante.	No episodio trouxemos o Beto da @caeflorescer e o Márcio do Teatro Oficina.	1h 33 min 10s
35	04/06/2019	A Arte Drag	“A arte drag, cultura, política, referências e muito mais coisas que pertencem ao universo da maravilhosa, @rita_von_hunty Tivemos a honra de receber a Rita para um papo muito gostoso sobre como essa cultura tem crescido cada vez mais e conquistado milhares de pessoas ao redor do mundo!”	Rita Von Hunty, drag queen	1h 38 min 55s
36	06/06/2019	#MaratonaLGBT: História do movimento Stonewall	“Neste primeiro episódio, falamos sobre a revolta ocorrida em Nova York em protesto contra a violência policial que fundou os movimentos LGBTs que conhecemos hoje.”	não possui	1h 18 min 23s
37	11/06/2019	Como sobreviver ao #DiaDosNamorados	“Dia dos Namorados tá logo aí e nós chamamos dois queridos do POC pra dividir risadas e pensamentos sobre a data! No episódio de hoje, a gente fala sobre relações, relacionamentos, solterices, vida sexual, amor próprio e bastante coisas aleatórias. “	Marina Bonafé e Mário Lemes	2h 21 min 40s
38	13/06/2019	#MaratonaLGBT - L de Lésbicas	“Alerta Poc’s! Saiu o segundo episódio da nossa “Maratona Parada LGBT 2019”. Esse ep marca o episódio L da sigla LGBT e daqui pra frente vamos explorar as outras letras aqui, toda quinta-feira. Então, pega seu fonezinho e venha ouvir esse anjo!”	Gabriela Barreira	1 h 25 min 56s

(continua)

39	18/06/2019	O Poc é Pop! Música, Artistas e Militância	“Esse episódio vai ser #1 no POC CHARTS! De Beyoncé a Pablo Vittar, Rosalía a Billie Elish! Nesse episódio falamos sobre cultura pop, cultura de cancelamento, flops, apostas e os famosos charts. Aquele papo gostoso pra falar sobre o que anda rolando no mundo pop”	Guilherme Tintel, dj, creator e formado em publicidade	2h 19 min 15s
40	20/06/2019	#MaratonaLGBT - G de Gays	“Olá poczinhas, Olá poczonas No ar: o segundo episódio da nossa série especial para a parada LGBTQIA+. E dessa vez trazemos um convidado especial para a letra G, o queridíssimo @vitordicastro No episódio falamos sobre militância, casamentos, papel na comunidade e várias coisas, dá o play e vem com a gente.”	Vitor di Castro, produtor de conteúdo	1h 18 min 23s
41	25/06/2019	Como foi a nossa Parada LGBTQ+ 2019	“VAI MILITANTES! Querem descobrir tudo o que rolou e não rolou na 23ª Parada do Orgulho LGBTQI+ de São Paulo? Então se joga no play e vem saber as aventuras que as Poc's (nós mesmos, no caso) viveram juntas na Avenida Paulista. Desde correria atrás da Mel C até pano passado pra Anitta. Tá TUDO!”	não possui	1h 26 min
42	27/06/2019	#MaratonaLGBT - B de Bissexual	“Olá Poczinha e Poczona! Dando continuidade a #MaratonaLGBT neste mês da diversidade, hoje trazemos o episódio sobre a Bissexualidade. As POCs conversam com Duds Saldanha e Rodrigo Martins sobre bissexualidade, respeito, cultura e arte.”	Duds Saldanha e Rodrigo Martins	1h 17 min 52s
43	02/07/2019	De Frente com as POCs (Respondendo à Audiência)	“Um medo? Cair de moto e me ralá”. Vem ouvir o novo episódio do POC de Cultura, com varias curiosidades sobre a vida de cada integrante, com perguntas enviadas por vocês. Quer saber como a gente se conheceu? O que a gente acha um do outro? Nossa opinião sobre posições sexuais? Qual a comida favorita de cada um? Nosso sonho de participação? Vixe, tem muita coisa. Então dá o play e se joga nesse intensívão. “	não possui	2h 5 min
44	04/07/2019	#MaratonaLGBT - T de Transsexuais	“Olá Poczinha e Poczona! Neste último episódio da nossa #MaratonaLGBT trazemos a Transexualidade como assunto. As POCs conversam com Sasha Vilela @sashahbk, mulher trans, produtora e assistente pessoal da Lia Clark sobre a comunidade T, empatia e muito mais. Dê o play e vem com a gente”	Sasha Vilela, produtora	1h 24 min 22s
45	09/07/2019	Vai ter Cultura na Periferia, sim!	“Nesse episódio o pessoal da @Perifacon, Andrezza Delgado e Igor Nogueira, conta os desafios e as recompensas de levar cultura nerd para dentro da periferia e, junto com as POCs falam um pouco sobre o universo geek.”	Andrezza Delgado e Igor Nogueira	1 h 49 min 58 s
46	23/07/2019	Boca foi feita pra Comer e Falar	“Olá Poczinhas, após uma semana onde mercúrio retrográdo não deixou nosso episódio ganhar o dial virtual #místicas, estamos de volta com o novo, inédito e regravado episódio com a Clarisse Duarte, ex-MasterChef! Falamos sobre o reality, relação entre a comida e as pessoas, celebridades e muito mais. Dá o play e vem com a gente. “	Clarisse Duarte, ex-MasterChef	2h 21 min 26s

47	30/07/2019	Representatividade LGBTQ na Publicidade (Ao Vivo na Publicis Brasil)	“Olá Poczinhas e Poczonas, hoje o EP é um pouco diferente do normal do POC, pois gravamos durante um talk/bate-papo que rolou na Publicis Brasil no dia 23/07/2019. Neste episódio, as POCs + Bryanna Nasck e o Felipe Miyasaka e a Marcela Gaspar da Publicis discutem a representatividade LGBT na publicidade, o acolhimento nos locais de trabalho e muito mais. Dá o play e vem conferir junto com a gente!”	Bryanna Nasck, Felipe Miyasaka e Marcela Gaspar, publicitários na Publicis	1h 20 min 55s
48	06/08/2019	Amizade entre Gays	“Amizade: substantivo feminino. sentimento de grande afeição, simpatia, apreço entre pessoas ou entidades. “sentia-se feliz com a a. do seu mestre” POR METONÍMIA quem é amigo, companheiro, camarada. “é uma de suas a. fiéis” A solidão no mundo gay é uma realidade para muitas pessoas. Ter poucos amigos também. As POCs dessa semana discutem o conceito de amizade, como diferenciar o interesse sexual da amizade e mais!”	não possui	1h 20 min 55s
49	13/08/2019	Especial dia dos Pais	“O Dia dos Pais passou, mas as história continuam por aí. Neste episódio as POCs recebem o Erico Aires, jornalista, micareteiro, LGBT e pai do João de 6 anos, para falar sobre como é seu dia a dia criando uma criança no Brasil! Vem ouvir!”	Erico Aires, jornalista	1h 19 min 40s
50	20/08/2019	Vida Adulta	“Chegamos ao episódio 50 do POC de Cultura! Neste episódio as POCs discutem sobre a vida adulta: Quando percebemos que eramos adultos? Quais os problemas, nuances, vivências e felicidades que conquistamos ao longo dessa jornada? Saiba tudo isso e muito mais no eletrizante episódio dessa semana #Serie60s”	não possui	1h 31 min 17s
51	27/08/2019	Uma POC Chamada Wanda	“Alô alô poczinhas, poczonas e poczeras! Talvez este seja o feat mais pedido de todos os tempos do POC de Cultura, desde o nosso segundo ou terceiro episódio, por aí, vocês pedem um feat com o Podcast Wanda e cá estamos. Falamos sobre muita cultura pop, fofocas, deixamos as pessoas falar (rs) e respondemos perguntas da audiência junto com o reizinho Phelipe Cruz, criador do Papelpop e integrante do Wanda! Então se joga no play e vem ouvir a gente! <3”	Phelipe Cruz, podcaster	1h 32 min 20s

52	03/09/20 19	Síndrome do Impostor	“A expressão “Síndrome do Impostor” foi usada a primeira vez pela psicóloga Dra. Pauline Clance, no final da década de 1970. Refere-se a um conjunto de sentimentos que reúne medo, dúvida, apreensão e um ciclo de ansiedade pós-sucesso. Apesar de extremamente bem sucedidas e do alto nível de desempenho atingido em atividades acadêmicas, negócios ou empreendimentos, muitas pessoas experimentam sentimentos de negação disso. Acreditam que seu sucesso decorre de sorte, acaso ou mesmo de uma ação divina. Sofrem com o medo de que suas conquistas não tenham sido fruto efetivo do seu trabalho, competência ou talento.”	não possui	1h 37 min 18s
53	18/09/20 19	Saúde Mental - CVV 188	“Olá poczinhas e poczonas, durante o mês de setembro todos os alertas ficam ligados com o #SetembroAmarelo e para falar um pouco sobre isso, sobre as questões que envolvem a saúde mental, conteúdo direcionado e muito mais... as pocs convidaram a querida Amanda Ramalho, do podcast Esquizofrenias. Deem o play e acompanhem agora o nosso programa! <3”	Amanda Ramalho, podcaster	1h 59 min 15s
54	24/09/20 19	Especial de Aniversário	“Vem POCs! 1 ano de POC de Cultura! Se vocês acharem que a gente não ia chegar até aqui, acharam errado OTÁRIOS! #ChoqueDeCultura. Deem o play e acompanhem agora o nosso programa! <3”	não possui	1h 1 min 7s
55	1/10/201 9	Conteúdo Independente	“Olá poczinhas e poczonas! Mais um episódio do POC de Cultura e esta semana temos a honra de receber o diretor de BICHAS, o documentário, Marlon Parente, diretamente do Recife para os estúdios (cof cof cof) do POC de Cultura em SP. Debates muito sobre o conteúdo independente e o propósito! Vem ouvir!”	Marlon Parente, diretor	1h 2 min 37s
56	9/10/201 9	Eu Nunca das POCs	“Traição. Nudez. Chuca. Nesse episódio as POCs falam sobre esses e outros assuntos, brincando de “Eu Nunca” pela primeira vez na história do programa. Bom, a maior dica que a gente pode dar é: se beber, não dirija nem grave um podcast. Dá o play e vem brindar com a gente. DISCLAIMER: foram abordados assuntos diversos dentro do episódio e alguns deles podem ser gatilho para ouvintes.”	não possui	1h 34min 23s
57	15/10/20 19	Homofobia Cordial	“É real, poczinhas, poczonas e poczeras! A @lorelay_fox esteve com a gente nessa semana pra falar sobre homofobia cordial. Claro que o papo passou por muuuuito mais coisas, que vocês conferem agora! Bora?”	Lorelay Fox, drag queen, produtora de conteúdo	1h 24min 34s
58	22/10/20 19	LGBTQIA+ na Música e Cultura Pop	“Alô poczinhas, poczonas e poczeras! Essa semana fomos a fundo na cultura pop pra falar um pouco sobre representatividade, trabalho de cantores LGBTQIA+ e mais um monte de coisa, junto com o cristal @andersonrvs. Vem dar play que o episódio tá bom demais!”	Anderson Vieira, youtuber	2 h 6 min 51 s

59	29/10/20	Fala que eu te Escuto, POC!	19	“FALA QUE EU TE ESCUTO, POC! Na verdade, a gente leu mesmo! O nosso especial de e-mails tá bem especial porque contou, não só com os emails de vocês, mas também com a presença ilustre em forma de dobradinha do @andersonvrs, além da @_barbaracle e @isapurissimo. Mandem mais que a gente vai adorar fazer mais edições. Agora da o play e vem ouvir a auto-ajuda millennial!”	Anderson Viera, youtuber; Barbara Clé; Isadora Puríssimo.	1h 19min 22s
60	6/11/2019	LGBTs no Podcast	9	“Rolou o #SpotifyForPodcasters, primeiro evento de podcasts do Brasil, e nós fomos convidados para participar de duas mesas de discussão e de uma gravação LINDA! O resultado está aqui. No episódio dessa semana tem LGBT abrindo espaço na podosfera, meu bem! Segura esse crossover com a galera do Larvas Incendiadas, Podcastão e Santíssima Trindade das Perucas. Dá o play, poc!”	Larvas Incendiadas, Podcastão e Santíssima Trindade das Perucas.	42min 27s
61	12/11/2019	Sexo, Masturbação, Pornografia e Culpa	19	“ Falar sobre sexo rende, né? Assunto é o que não falta... E neste Just Family, você vai ouvir um pouco sobre muita coisa: corpo, pornografia e violência, fetiche, masturbação e culpa, tudo, claro, baseado nas vivências de cada um. Vem dar o play, poc! TW: Alguns assuntos tratados nesse episódio podem despertar gatilhos. Pedimos que se você for sensível aos temas citados, para não ouvir o episódio. Conheça o seu limite e se respeite.”	não possui	1h 41min 18s
62	19/11/2019	Consciência Negra	19	“O dia da Consciência Negra está logo aí e pra falar um pouco sobre o tema, trouxemos a @hello.bielo e toda sua maravilhosidade pra falar um pouco sobre o que é ser negra(o) hoje em dia! Vem dar o play e ouvir o papo que tá lindo e necessário demais, pocs!”	Bielo Pereira	1h 49min 45s
63	26/11/2019	O que é ser bem sucedido pra você? (episódio patrocinado por Promobit)	19	“Poc better have my money! Estamos convocando as nossas Betinas porque nesse episódio, patrocinado pela Promobit, vamos contar a nossa relação com dinheiro, qual a percepção do que é ser bem sucedido nos tempos atuais e como investimos a nossa graninha suada de cada mês em coisas que nos deixam felizes. Ainda não é um episódio sobre planejamento financeiro, nem ensinamos como você constrói um império, mas tem diquinhas boas e de coração!”	não possui	1h 34min 50s
64	3/12/2019	LGBT e Asiático (episódio patrocinado por Promobit)	9	“ <u>Chamando todas as poc asiáticas! Representatividade é coisa séria, e nesse episódio contamos com a presença do Bruno Kawagoe @brunomk para entendermos um pouco mais sobre as dores e delícias de ser um LGBTQIA+ asiático. Taca STREAM nas lendas e vem com a gente!</u> ”	Bruno Kawagoe	2h 11min 55s
65	10/12/2019	CCXP, Acesso e Diversidade (Episódio patrocinado por TELECINE)	19	“Alô poczinhas, poczonas, poczeras e pocs-geeks, esse momento é de vocês! E rolou nosso episódio especial na #CCXP19! Tivemos a participação dos amigos e parceiros do @perifacon pra trazer um pouquinho do que foi esse rolê todo. Vem dar stream na lenda e conferir com a gente o que rolou!”	Perifacon e Ryan Reynolds	52min 36s

66	18/12/20 19	LGBTQIA+ Indígenas Crew Tibira (Episódio patrocinado por CONVERSE)	“Converse Brasil apresenta: Toda história é verdade. Esse é um episódio ESPECIALÍSSIMO, patrocinado pela Converse Brasil, para dar visibilidade a histórias por trás de coletivos com propósito e assim, inspirar as pessoas a construir um mundo com mais senso de comunidade. A nova campanha da Converse Brasil está ajudando a construir essas narrativas ao lado dos coletivos, ecoando suas vozes e amplificando as histórias de cada um deles.”	Katú Mirim	1h 16min 28s
67	23/12/20 19	Extraterrestres , Pocs Noiadas e Fim de Ano (Episódio patrocinado por CONVERSE)	“Quem é mary christinas? Essa resposta a gente não tem... Mas com a Camila Fremder participando desse episódio, o que não falta é risada. Conversamos com a voz do podcast “É Nóia Minha?” sobre um monte de nóias que a gente acumulou ao longo dos anos e todas que serão tendências para 2020. Vem com a gente que tá bom demais e FELIZ NATAL, POCS!”	Camila Fremder, podcaster	1h 26min 54s
68	30/12/20 19	A Retrospectiva da Década (Episódio patrocinado por CONVERSE)	“Pode até não ser o real fim desse década, mas a gente sentou junto com a queridíssima fada Foquinha pra fazer um apanhado de muita coisa que a gente gostou de ouvir e assistir nesses últimos dez anos, com direito a listinha e ranking. E ainda falamos dos pontos altos e baixos da nossa vida pessoal nesse tempo, com muita fofura e gratidão no coração. Tasca o play, POC! E um feliz 2020 pra vocês, anjos!”	Foquinha, produtora de conteúdo	2h 5min 55s
69	07/01/20 20	2020: Vem coisa boa por aí (Episódio patrocinado por CONVERSE)	“E 2020 começou COM TUDO!Pra abrir o ano da melhor maneira, nada melhor do que essa dupla de mulheres maravilhosas: a rainha colorida do YouTube @mairamedeiros e a rainha da podosfera @jeskagrecco. Elas se juntaram com a gente pra um episódio muito do divertido. Nem adianta dar spoiler porque o que mais teve foi assunto. Vem dar o play com a gente, poc!”	Maíra Medeiros, podcaster e produtora de conteúdo; Jeska Grecco, podcaster e produtora de conteúdo.	2h 26min 6s
70	16/01/20 20	Fala que eu te escuto	“Alô alô, POCVERSO! E mais um Just family pra vocês, mas com uma pegada diferente. Pra quem achou que esse episódio ia ser comum, plot twist, com a ajuda do POCVERSO nós demos um jeitinho diferente. Quer saber o que rolou? Se joga no play e vem com a gente!!”	não possui	2h 5min 10s
71	23/01/20 20	Astrologays e Aulinha de Signos	“Chamando todas as exotéricas do POCVERSO. Prepara o tarô, energiza as pedras e vem com a gente! No episódio dessa semana recebemos a bruxona madama @br00na pra um papo muito místico! Concentra, respira, inspira e se joga no play!”	Madama Brona	2h 13s

72	28/01/20 20	Visibilidade Trans	“OLA pocs do nosso lindo pocverso Jamais deixaríamos em branco uma data tão importante quanto a visibilidade trans, e pra falar com a gente sobre, chamamos um convidado muito do especial: o @lucca.najar veio contar um pouco das suas vivências com a gente e falar sobre militância, masculinidade, banheiro e muitas outras coisas num episódio super especial e mega positivo! TACA STREAM, POC!”	Lucca Najar, produtor de conteúdo	1h 52min 34s
73	11/02/20 20	Entrando em Modo Avião	“POCVRSO! Finalmente está entre nós um dos nossos episódios gravados no primeiro TUDUM Festival, da @netflixbr.E pra discutir sobre internet, vício em celular e falar sobre o filme “Modo Avião” que está disponível na NETFLIX em mais de 190 países, estamos com ela, a nossa princesa do pop, atriz, cantora, influencer e business woman: @larissamanoela (ou Lari, para os íntimos). Dá esse play lindo pra gente, pocs!”	Larissa Manoela, atriz	38 min 11s
74	14/02/20 20	LGBTQIA+, Tem na Netflix?	“E vamos de dobradinha? A aba LGBTQIA+ da Netflix tá lotada de representatividade, e pra falar um pouco sobre isso, segue nossa conversa com a maravilhosa @mandycandyreal que rolou no TUDUM FESTIVAL da @netflixbrasil. Esse papo foi TU-DO! Teve de tudo um pouco: representatividade trans na @Netflixbr, games e muito mais. Taca STREAM nas lendas!”	Mandy Candy, produtora de conteúdo	32min 25s
75	18/02/20 20	Descansa Militante (a cultura do cancelamento)	“POC DE CULTURA ESTÁ CANCELADO! É isso aí pocverso, os militantes aqui não descansam e fizeram um just Family pra falar sobre a cultura do cancelamento e a banalização de termos importantes na internet, além de um guia gratuito de como focar as energias em coisas que realmente importa. Sai do twitter um pouquinho, para de cancelar a Anitta e vem ouvir a gente, poczinha!”	não possui	1h 32min 6s
76	21/02/20 20	Acadêmicos do Pocverso	“ALO ACADEMICOS DO POCVERSO, SEXTOU COM CARNAVAL! E vamos de dobradinha pra esquentar o rabo das quengas. Nesse episódio a gente entra de cabeça na história de dois bloquinhos importantes da comunidade LGBTQIA+, com a ajuda do pessoal do @meusantoepop e da @desculpaqualquercoisa fizemos também um mini guia de folia pra vocês com muitas dicas e muita informação, não dá pra perder né? Taca glitter e stream nas lendas “	Jorge Minoru; Renata Corr; Raphael Malaquias;	1h 40min 15s
77	04/03/20 20	Reality Shows que amamos e BBB20	“ATENÇÃO POCVERSO, RODA A VINHETA! As câmeras posicionadas, todo mundo de microfone e o mais importante, tudo dito aqui foi por questão de afinidade No episódio dessa semana a gente fala de realities que fizeram e fazem parte da nossa vida e do sempre polêmico Big Brother Brasil 2020! Vem dar imunidade pra gente, digo TACAR STREAM”	Clarisse, ex-masterch eff, Mabê; Bárbara; Malu	2h 19min 40s

78	10/03/20	#GAYSDOH UMOR - Todo gay é engraçado?	“Poczinhas e poczonas, vocês já repararam que existe uma exigência para pessoas LGBTQIA+ reproduzirem certos comportamentos? Nesse episódio #JustFamily vamos conversar sobre o papel de alívio cômico que é esperado dos homens gays e contar experiências pessoais que nos levaram a ser uma #gaydohumor. Dá um play, poczinha! “	não possui	1h 19min 31s
79	01/04/20	Quarentena das Pocs	“Pocverso, demorou mas voltamos com episódio novo! A preparação do equipamento e a qualidade de som é uma preocupação nossa e nesse momento que vivemos, contamos com a compreensão de todos para esse e os próximos episódios. No de hoje, vamos conversar, claro, sobre o assunto que tá todo mundo falando: o COVID-19, as medidas de segurança e políticas que envolvem ele. Como tá a quarentena de cada um e quais são os recados que temos para vocês? Dá o play no episódio e descobre. No mais, lembrem-se: estamos juntos e vai passar! #ficaemcasa	não possui	1h 9min 2s
80	09/04/20	Pergunte às Pocs (Quarentena Edition)	“MÁSCARA, OK? ÁLCOOL GEL, OK? Olá pocverso, finalmente com todos de volta para um episódio inteiro e melhor, com a presença de vocês! Levantamos algumas perguntas nas nossas redes o resultados delas vocês vão ouvir agora mesmo, vem com a gente e taca stream nas lenda”	não possui	1h 24min 43s
81	23/04/20	Que História é essa Poc?	“VOLTAMOS! E voltamos com um dos crossovers mais aguardados entre vocês! O IMAGINA AS POCS tá vivo e cheio de histórias bizarras e exclusivas da @tchulim e @jeskagrecco pra vocês!bTem de tudo: Jota Quest, Wanessa Camargo, Luciana Mello, atropelamento, cancelamento, e assombração... e ah, sobre isso:bse você é sensível a histórias de terror, ouça até o minuto 37 e pule para o minuto 72, porque tá cheereeeio de histórias bizarras! AGORA CORRE E DÁ O PLAY, POC!”	Carol Tchulim, podcaster; Jéska Grecco, podcaster e prod. de conteúdo.	2h 13min 35s
82	05/05/20	Conhecendo Todxs nós (Parceria HBO)	“POCs do Brasil e do mundo, aqui está o episódio dessa semana com uma galera PERFEITA! O elenco de #todxsnós da HBO Brasil conversamos com a gente sobre a série e várias outras coisas legais! Tamo muito chique! Dá o play aí! E, ah, estamos gravando de casa, dependendo de conexão e da qualidade de equipamentos dxs convidadxs, etc; lembre-se que áudio pode não estar 100%, mas o conteúdo sempre está.”	Clara Gallo; Julianna Gerais; Kelner Macêdo	1h 22min 6s
83	27/05/20	Papo de Comadre	“DEMOROU MAS TAMO DE VOLTA. No episódio dessa semana atualizamos um pouco sobre tudo que tem rolado na vida das Pocs. Comentamos sobre quarentena, perrengues reais, distrações e mais um bocado de coisa, vem ouvir, poc! (em Em Casa)”	não possui	1h 34min 55s
84	09/06/20	ESPECIAL #OrgulhonaPo dosfera	“O mês da diversidade e orgulho LGBT* chegou aqui no POC de Cultura, e para tanto, vamos entrevistar durante todo o mês produtores de conteúdos LGBTs para falar um pouco sobre seus trabalhos e caminhos a seguir. O primeiro convidado é o queridíssimo @luxoeriqueza , do @podcastestamosbem! Falamos de orgulho,	Thiago Theodoro, podcaster	1h 6min 50s

trabalho, carreira e claro... muita Mariah Carey! Da o play, POC!”

85	16/06/20	ESPECIAL #OrgulhonaPo 20 dosfra	“Em mais um episódio do especial Orgulho na Podosfera, nossa baby poc, José, entrevistou a criadora de conteúdo, empresária, jornalista e sapatã @lelagomes dona e proprietária do @podcastao - o podcast da sapatã! Uma conversa incrível sobre a comunidade lésbica e as dificuldades de conquistar espaço na criação de conteúdo e até mesmo dentro do “arco-íris”. Se joga no play, POC! “	Lela Gomes, podcaster	49min 37s
86	23/06/20	ESPECIAL #OrgulhonaPo 20 dosfra	“Tá no ar o terceiro episódio do Orgulho na Podosfera, com mais convidadas incríveis! @carolmoreira3 e @ma_b do @moduspod em um papo aberto e verdadeiro com a poc @fiborto sobre bissexualidade! Dá o play, poc!”	Carol Moreira, podcaster; Mabê, podcaster;	1h 21min 57s
87	30/06/20	ESPECIAL #OrgulhonaPo 20 dosfra	“Olá POCVERSO. Fechando o nosso ESPECIAL ORGULHO NA PODOSFERA, o @cacobapt entrevistou a @hellobielo do @astiasdopave O papo fala sobre prosperidade, identidade, identificação, gênero, negritude e muito mais coisa Taca play nas lendas”	Bielo Pereira, podcaster	1h 19min 4s
88	07/07/20	Manual definitivo de como ser um bom aliado LGBTQIAP+ 20	“Imagina que doido seria se a galera heterossexual e cis decidissem apoiar a causa LGBTQIAP+ o ano todo, não só em Junho? Pois é, o mês do Orgulho acabou, mas a nossa luta dura o ano todo, e a gente quer fazer um convite pra galera que não faz parte da sigla e se diz preocupado com a causa aprender a ser um aliado de verdade, não um de vitrine! Ficam aqui os nossos conselhos de ouro! Dá o play!”	não possui	1h 32min 45s
89	28/07/20	Tamanho é documento? (um papo sobre falocentrismo) 20	“E ESTAMOS DE VOLTA. É isso, pocverso, voltamos com um episódio especial que marca a nossa nova era de conteúdos aqui no poc. Além do mesacast delicia de sempre, teremos agora quadros originais pra vocês aproveitarem! Se joga com a gente e vem dar o play! Queremos saber o que vocês acham! “	não possui	1h 55min 22s
90	04/08/20	Família... sou obrigade a ter empatia? 20	“Mexeu com você, mexeu com o poc! Nesse episódio a gente tá debatendo família, nesse clima bem Casos de família mesmo pra falar sobre ter ou não empatia com familiares que fazem o mínimo, ou até menos que isso! Vem dar o play e falar mal de parente com a gente”	não possui	1h 43min 59s
91	12/08/20	TEM EP NA QUARTA! Atrasamos mas cá estamos, pocverso! Dessa vez com um convidado que a gente queria trazer há TANTO tempo. @vitormrtns vem contar sobre as histórias dos seus livros, o mercado literário brasileiro e LGBTQIAP+ e muito mais! O PLAY É AGORA! PS: Neste episódio falamos sobre nosso perfil de Playlists, mas por problemas técnicos não conseguimos subir! MAS VAI ROLAR SUPER! “ 20 Finais Felizes	Vitor Martins, escritor	1h 31min 22s	

92	19/08/20 20	Visibilidade Lésbica	“Agosto é o mês da visibilidade lésbica, e apesar que concordarmos aqui que essa visibilidade tem que ser todo dia, convidamos a Jamine, a conhecida @pretacaminhao das redes sociais, para falar mais sobre as suas vivências e questões sendo uma mulher lésbica preta e caminhoneira. Dá o play e se joga, POC! #LGBTPodcasters”	Preta Caminhão (Jamine Miranda), podcaster, historiadora e mestre em educação	1h 14min 23s
93	26/08/20 20	Amigüe, não sou eu ... é você	“Alô POCVERSO. Sabe quando aquela amizade de anos já não é mais a mesma? ou quando você não aguenta as atitudes erradas da pessoa, mas não sabe como falar sobre? Nesse just family, as pocs conversam sobre DR de amizade, começos, fins e muito mais! Se joga no play.”	não possui	1h 39min 2s
94	09/09/20 20	É só um pente... não tem romance	“ALO POCVERSO. Como diria a poetisa contemporânea Larissa de Macedo: Eu já cansei de ouvir você dizer (é só um pente) // Não tem romance // Tudo bem não te falei pra mim não era um lance // Era mais importante. A gente tem que aprender a diferenciar o que é romance de só um pente... ou seja, a boa e velha amizade colorida. Vem ouvir esse episódio, POC! Se liga também na Dica das POCs, pois assistimos em primeira mão “Três Verões”, novo filme de Sandra Kogut com a Regina Casé no elenco e passamos nossas impressões sobre o filme.”	não possui	1h 35min 40s
95	16/09/20 20	Conselhos de vó	“ALO POCVERSO. Será que envelhecer é mesmo um problema? O Brasil é um dos países com maior número de pessoas jovens no mundo, mas ao mesmo tempo, até 2050, mais de 30% da população vai ter mais de 60 anos... Convidamos as queridíssimas @avosdarazao para bater um papo com a gente e contar como é ser velho no Brasil e como passar os anos sendo desconstruídos e incríveis! Dá play, POC!”	Gilda; podcaster. Helen, podcaster; Sonia, podcaster;	1h 43min 6s
96	23/09/20 20	Um rajadão pernambucano no sudoeste	“ALO POCVERSO. Old que esse é um dos melhores programas que já gravamos. Trouxemos ela, @Ademaravilha! Diva, rainha e proprietária do deboche pra nos contar o que passa um nordestino quando se muda para o Sudeste e tem que enfrentar: xenofobia, desconhecimento e piadinhas! Pega tua percata, coloca os biliro no cabelo e vem com a gente dar o play, POC!”	Ademaravilha (Ademara), Jornalista e atriz	2h 2min 24s
97	30/09/20 20	Outra história LGBT, Chico?	“ALO POCVERSO. Assim como chorão esse episódio foi com histórias nossas histórias, dias de luta e de glória com participação mais do que especial do @chicofelitti. E o assunto rendeu, viu? Então vem com a gente, dá o play e vem ouvir um pouco mais sobre esse episódio”	Chico Felitti, jornalista, escritor e podcaster	1h 45min

98	7/10/2020	Casal Hetero cis? até tenho amigos que são	<p>“A cota heterossexual cisgênero do bem no mundo existe, e a gente trouxe o casal ideal pra provar: os Donos da Razão, @foquinha e @brandtandre vem de dobradinha essa semana com o POC, papear sobre as diferenças dos relacionamentos heterossexuais e LGBTQIAP+, e a gente sentiu essa sintonia. Aff, já deixaram saudade! QUEREMOS DE NOVO!</p> <p>E como promessa é dívida: REVELAMOS A NOVIDADE, O “VEM AÍ” DO POC, VEIO! A gente explica durante o papo com os convidados e mais pro final! Ouve tudinho pra entender. Agora vem de play!”</p>	Foquinha; podcaster e produtora de conteúdo; André Brand, podcaster, roteirista e diretor	2h 18min 2s
99	14/10/2020	Estamos nos tornando nossos pais?	<p>“Ainda somos os mesmos e vivemos... como alguém que refuta todos os meses a influência dos nossos pais ou responsáveis nas nossas vidas, mas temos que ser sinceros: Eles influenciaram pra caramba! Nesse #JustFamily, as POCs falam sobre como é conviver diariamente com a sombra de seus pais, os ensinamentos, o que repetem e não repetem de jeito nenhum. Dá o play e vem confirmar que vc é igualzinho a sua mãe sim, POC! E já vai se aquecendo pro episódio 100”</p>	não possui	1h 41min 41s
100	22/10/2020	Como chegamos até aqui?	<p>“O POC tá de cara nova! Lógico que esses boiolas não iam deixar barato a marca dos 100 episódios, 2 anos de podcast e o convite de se tornar um original @spotifybrasil pra renovar as aparências e marcar uma nova era, como boas divas pop. Vai ter muito mais POC de Cultura, com muito mais assuntos importantes e não tão importantes assim, muito mais surra em viado folgado, dicas, just familys emocionantes e convidados icônicos. Tudo com essa carinha nova feita pela poczinha @felipeperosso</p> <p>Aguardem, que o nosso POC vem com tudo em 2021! E aí é aquele nosso ditado né: gostou aplaude, não gostou reclama aí na sua casa!”</p>	não possui	1h 54min
101	29/10/2020	Entrevistando essa menina solta	<p>“Vai ter que superarrrrrr / vai ter que superarrrrrr / essas POCs soltas! Essas pocs soltas! E será que vocês superam?Essa semanas as POCs recebem a maravilhosa, sensata e solta @giulia be pra falar um pouco de música, carreira e muito mais. Dá o play aí poc, e nada de da pause na cena... vai até o fim que vai ser I-NES-QUE-CÍ-VEL!”</p>	Giulia Be, cantora	1h 59min 55s
102	4/11/2020	Fica, vai ter o BOULOS	<p>“QUER BOLO, @POCDECULTURA? Nosso aniversário passou, mas um BOULOS sempre é bem-vindo né? Entramos a bordo desse celtinha 2010 e entrevistamos ele, o crush número 1 das pocs e nosso candidato à prefeitura de SP, @guilhermeboulos.oficial Falamos sobre propostas, políticas para a comunidade LGBTQIAP+ e muito mais. Aperta o play e vem politizar seu discurso com a gente, POC! Independente de onde você seja, é importante procurar candidatos progressistas e votar nessas eleições para lutar contra o conservadorismo!”</p>	Guilherme Boulous, professor, coordenador de movimentos sociais e político	1h 26min 13s

103	11/11/2020	Diálogo de peito aberto na era do cancelamento	“Um diálogo de peito aberto, é o que nos propomos aqui, POCs! Chamamos uma especialista no assunto, a @jwallauer do @mamilospod, pra nos contar o que deve ou não ter num bom debate. Spoiler: Pode tudo, só não pode faltar com respeito com o coleguinha. Coloca a mão no queixo, problematiza um pouquinho e vem com a gente ouvir esse ep!”	Diva Laura, podcaster e mediadora	1h 58min 21s
104	18/11/2020	Sou um adolescente gay	“É unanimidade que existe uma fase que não é fácil pra ninguém...Mas quando você representa qualquer coisa que fuja do que é considerado o normal por todo mundo ao seu redor, fica pior ainda. As POCs se reúnem em mais um #JustFamily pra finalmente papear sobre a adolescência, e contarem suas experiências pessoais com esse momento que é repleto de dúvidas, questionamentos, de altos e baixos... E vocês, POCverso... sentem falta desse momento? Contem pra gente!”	não possui	1h 59min 49s
105	27/11/2020	Chamego EAD - Relacionamento à distância funciona pra você?	“Alô POCVERSO. Mais uma semana chegou e nessa as POCS falam um pouco sobre relacionamento a distância e suas complexidades, vem com a gente dar esse play? Então prepara o ouvidinho que o episódio tá incrível “	não possui	1h 49min 48s
106	2/12/2020	OFF - Fariam padrõzinhos?	““Seis poczinhas foram papear na podosfera pra criticar... todos padrõzinhos sem camiseta, e nenhuma poczinha chegou a nenhum lugar...”. Onde tem gay, tem paz? Você vai descobrir nesse crossover com os meninos do @eaigaypodcast com @apenasdantas e @luxoeriqueza que tá cheio de gritaria e shades construtivas pras padrão dessa internet. Quer saber se somos amargas? Dá o play!”	Thiago Theodoro, editor e podcaster; Felipe Dantas, produtor, podcaster e editor.	2h 6min 54s
107	9/12/2020	Do bairro para o mundo	“ALO POCVERSO. O que pode um corpo sem juízo? O incomparável artista @jupdobairro nos conta nesse episódio histórico, que narra sua trajetória do início da carreira no Capão, até agora presente nos palcos do mundo inteiro. É mais que uma aula, é um doutorado em como abraçar seus corres e não desistir até alcançar. All you need is ouvir esse episódio, kérelho!Um beijo pra Ruth que tornou isso possível! Dá o play, POC!”	Jup do Bairro, cantora	2h 7min 53s
108	17/12/2020	Uma retrosPOctiva	“Rebobina a fita que a já tradicional RetrosPOctiva tá no ar! E para um ano que parece que foram tantos, tinha que ter convidados tão especiais como o @eusousamir e a @santahelena do @podcastwanda e quase 3h de episódio! Vem com a gente e solta o play, tem muita coisa boa, apesar de: 2020...”	Samir Duarte, podcaster; Marina Santa Helena, podcaster e Head Editorial;	2h 39min 17s

109	23/12/20 A gente jura que é um episódio de natal 20	“Hoje a gente não vai dar, a gente vai distribuir presentes, risadas e o espírito de natal ao lado da icônica @bsurfistinhaoficial e @cafremder. Nesse episódio a gente falou de tudo que não pode faltar no Natal incluindo o Supla e as histórias mais loucas protagonizadas nessa época tão mágica. Vem com os veadinho de nariz vermelho dar o play”	Bruna Surfistinha; Camila Fremder, escritora e podcaster	2h 1min 40s
110	30/12/20 Na virada é mais gostoso? (histórias de réveillon) 20	“HOJE, é um novo dia, de um novo tempo que começou... e pra fechar 2020 estamos aqui com o último @pocdecultura do ano, com eles @eijamile e @rodpocket! Dá o play agora pra saber se de virada é mais gostoso mesmo, gay!”	Jamile Godoy, atriz, comediante e cozinheira; Rodolpho Rodrigo, roteirista	2h 5min 22s

(conclusão)

Levantamento realizado pelo autor desta pesquisa.

APÊNDICE B - Classificação dos conteúdos dos episódios

Quadro B-5 - Classificação de conteúdo dos episódios de 2018

1) TEMAS LGBTQIA+	2) TEMAS GERAIS	3) DO PROGRAMA
(03) “Eleições 2018 #VoteLGBT”;	(02) “Ansiedade #SetembroAmarelo”;	(01) “O termo POC”;
(04) “Crianças Viadas”;	(05) “Gordofobia” com Leo Maia;	(07) “Ele ganhou! E agora?”;
(06) “Sair do Armário”;	(10) “Consciência Negra” com Paula;	(08) “Relacionamento, Lendo com Gomes Samuel De e-mails”;
(11) “LGBTQI+ na Cultura” com Lemes;	(12) “Amizades Tóxicas” com Mário com Daniel Bovolento;	(9) “Dates Ruins, relacionamento part 2”;
-	-	(13) “Tops e Flops de 2018” com Marina Bonafé;
-	-	(14) “Thank You 2018, Nextt!” com Jéssica Grecco;

Criação do autor

Quadro B-6 - Classificação de conteúdo dos episódios de 2019

1) TEMAS LGBTQIA+	2) TEMAS GERAIS	3) DO PROGRAMA
(16) “Gays Machistas e Minas Homofóbicas” com Camila Pons e Sacha Brasil;	(21) “Unidos do POC de Cultura (Especial Carnaval)” com Pri Muniz;	(15) “Comeback 2019!”;
(17) “Pink Money”;	(22) “Especial dia da Mulher” com Carol Patrocínio, Talita Gonçalves e Erika Hilton;	(20) “Lendo e-mails (parte 2)”;
(18) “Transexualidade + Não-Binariedade” com Bryanna Nasck;	(25) “Autoestima”;	(26) “Minha Amiga Internet” com Ariane Freitas;
(19) “Saúde LGBTQ+” com Vinícius Lacerda;	(28) “À vida nos APPs de Relacionamento”;	(29) “O Lemonade da Veronica da @faxinaboa” com Verônica Oliveira;
(23) “RuPaul’s Drag Race, Divas Pop e Fãs Tóxicos”;	(31) “Especial dia das mães” com Cida Baptista;	(34) “Dia das POCs Casas de Acolhimento” com Beto e Márcio;
(24) “LGBTs e à Religião” com Gyselly Auzie;	(32) “Millennials X Geração Z” com Tolentino;	(43) “De Frente com as POCs (Respondendo à Audiência)”;
(27) “LGBTs 50+” com Fernanda Estima e Beto de Jesus;	(33) “Influenciadores Digitais e a Positividade Tóxica”;	(46) “Boca foi feita pra Comer e Falar” com Clarisse Duarte;
(30) “Empregabilidade LGBT” com Daniela Gebenlian;	(35) “A Arte Drag” com Rita Von Hunty;	(51) “Uma POC Chamada Wanda” com Phelipe Cruz;

(continua)

- (36) “#MaratonaLGBT - A História do movimento LGBT”;
Marina Bonafé e Mário Lemes;
- (37) “Como sobreviver ao #DiaDosNamorados” com Marina Bonafé e Mário Lemes;
- (38) “#MaratonaLGBT - L de Lésbicas” com Gabriela Barreira;
- (39) “O Poc é Pop! Música, Artistas e Militância” com Guilherme Tintel;
- (40) “#MaratonaLGBT - G de Gays” com Vitor di Castro;
- (45) “Vai ter Cultura na Periferia, sim!” com Andrezza Delgado e Igor Nogueira;
- (54) “Especial de Aniversário”;
com Anderson Vieira, Barbara Clé e Isadora Puríssim;
- (59) “Fala que eu te Escuto, POC!” com Anderson Vieira, Barbara Clé e Isadora Puríssim;
- (41) “Como foi a nossa Parada LGBTQ+ 2019”;
com Erico Aires;
- (49) “Especial dia dos Pais” com Erico Aires;
- (65) “CCXP, Acesso e Diversidade (Episódio patrocinado por TELECINE)” com Perifacon e Ryan Reynolds;
- (42) “#MaratonaLGBT - B de Bissexual” com Duds Saldanha e Rodrigo Martins;
- (50) “Vida Adulta”;
com Duds Saldanha e Rodrigo Martins;
- (67) “Extraterrestres, Pocs Noiadas e Fim de Ano (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Camila Fremder;
- (44) “#MaratonaLGBT - T de Transexuais” com Sasha Vilela;
- (52) “Síndrome do Impostor”;
com Sasha Vilela;
- (68) “A Retrospectiva da Década (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Foquinha;
- (47) “Representatividade LGBTQ na Publicidade (Ao Vivo na Publicis Brasil)” com Bryanna Nasck, Felipe Miyasaka e Marcela Gaspar;
- (53) “Saúde Mental - CVV - 188” com Amanda Ramalho;
- (48) “Amizade entre Gays”;
com Amanda Ramalho;
- (55) “Conteúdo Independente”;
com Amanda Ramalho;
- (58) “LGBTQIA+ na Música e Cultura Pop” com Lorelay Fox;
- (57) “Homofobia Cordial” - com Lorelay Fox;
- (60) “LGBTs no Podcast” com outros podcast LGBTQIA +;
- (61) “Sexo, Masturbação, Pornografia e Culpa”;
- (64) “LGBT e Asiático (episódio patrocinado por Promobit)” com Bruno Kawagoe;
- (62) “Consciência Negra” - com Bielo Pereira;
- (66) “LGBTQIA+ Indígenas Crew Tibira (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Katú Mirim;
- (63) “O que é ser bem sucedido pra você? (episódio patrocinado por Promobit)”;

(conclusão)

Criação do Autor

(continua)

Quadro B-7 - Classificação de conteúdo dos episódios de 2020

1) TEMAS LGBTQIA +	2) TEMAS GERAIS	3) DO PROGRAMA
(71) “Astrologays e Aulinha de Signos” com Madama Brona;	(75) “Descansa Militante (a cultura do cancelamento”;	(69) “2020: Vem coisa boa por aí (Episódio patrocinado por CONVERSE)” com Maira Medeiros e Jeska Grecco;
(72) “Visibilidade Trans” com Lucca Najjar;	(76) “Acadêmicos do Pocverso” com Jorge Minoru, Renata Corr e Raphael Malaquias;	(70) “Fala que eu te escuto”;
(74) “LGBTQIA+, Tem na Netflix?” com Mandy Candy;	(77) “Reality Shows amamos e BBB20” com Clarisse Duarte;	(73) “Entrando em Modo Avião” com Larissa Manoela;
(78) “#GAYSDOHUMOR - Todo gay é engraçado?”;	(89) “Tamanho é documento? (um papo sobre falocentrismo)”;	(79) “Quarentena das Pocs”;
(84) “ESPECIAL #OrgulhonaPodosfera” com Thiago Theodoro;	(90) “Família... sou obrigade a ter empatia?”;	(80) “Pergunte às Pocs (Quarentena Edition)”;
(85) “ESPECIAL #OrgulhonaPodosfera” com Lela Gomes;	(93) “Amigue, não sou eu ... é você”;	(81) “Que História é essa Poc?” com Carol Tchulim e Jéska Grecco;
(86) “ESPECIAL #OrgulhonaPodosfera” com Carol Moreira e Mabê;	(94) “É só um pente... não tem romance”;	(82) “Conhecendo Todxs nós (Parceria HBO)” com Clara Gallo, Julianna Gerais e Kelner Macêdo;
(87) “ESPECIAL #OrgulhonaPodosfera” com Bielo Pereira;	(95) “Conselhos de vó” com Gilda, Helen e Sonia;	(83) “Papo de Comadre”;
(88) “Manual definitivo de como ser um bom aliado LGBTQIAP+”;	(96) “Um rajadão pernambucano no sudoeste” com Ademavilha (Ademara);	(100) “Como chegamos até aqui?”;
(91) “Finais Felizes” com Vitor Martins;	(99) “Estamos nos tornando nossos pais?”;	(101) “Entrevistando essa menina solta” com Giulia Be
(92) “Visibilidade Lésbica” com Preta Caminhão (Miranda);	(103) “Diálogo de peito aberto na era do cancelamento” com Laura;	(106) “OFF - Fariam padrõzinhos?” com Thiago Theodoro e Felipe Diva Dantas;
(97) “Outra história LGBT, Chico?” com Chico Felitti;	(105) “Chamego EAD - Relacionamento à distância funciona pra você?”;	(107) “Do bairro para o mundo” com Jup do Bairro;
(98) “Casal Hetero cis? até tenho amigos que são” com Foquinha e André Brand;	(109) “A gente jura que é um episódio de natal” com Bruna Samir Duarte e André Surfistinha e Camila Fremder;	(108) “Uma retrosPOctiva” com Helena;

(continua)

(102) “Fica, vai ter (110) “Na virada é mais -
BOULOS” com gostoso? (histórias de
Guilherme Boulos; réveillon)” com Jamile Godoy
e Rodolpho Rodrigo;

(104) “Sou um -
adolescente gay”;

(conclusão)

Criação do Autor

APÊNDICE C - Depuração Entrevista Episódio 92

Entrevista com Preta Caminhão (Jamine Miranda):

Caco Baptista: - "Bom, então a gente está aqui... com ninguém menos que Preta Caminhão... (animação), e eu queria que você, primeiro de tudo, se apresentasse aqui pro público do 'Poc' que ainda não te conhece, pra te conhecer um pouco melhor, antes da gente começar esse papo maravilhoso...Bora?"

Jamine Miranda: - "Primeiro eu quero agradecer, to 'mó' feliz de 'colar', acho que é muito importante, pra quem não me conhece sou à 'Jamine',sou historiadora, mestre em educação, pesquisadora, educadora social, tenho um podcast chamado 'Preta Caminhão', e crio conteúdo desde 2017, na página 'Preta Caminhão', para mulheres que não performam 'né' à feminilidade imposta, então são outras feminilidades, e nas horas vagas à gente vive também, que é importante também... à gente vive um pouco também" (risos)

Caco Baptista: - "Bom amiga, primeiro é um prazer ter você aqui junto com a gente, eu acho que... pra falar sobre pautas LGBT a gente tem um costume muito grande de ver sempre essa maioria branca representando (risos) o que seria uma grande comunidade, que na verdade é muito mais plural que isso. E é muito bom ver conteúdos como o seu, tanto no podcast como nos conteúdos que você produz que dialogam com, à vivência da mulher lésbica preta 'né', e eu queria que você começasse falando um pouquinho sobre como que nasceu esse projeto todo, como que isso começou à andar através do que você consumia e via por aí?"

Jamine Miranda: - Então, a Preta surgiu em 2017, com incentivo de uma ex-namorada e amigos. A primeira ideia era falar sobre moda, eu sempre curti esse 'role' de moda, meu entendimento enquanto mulher negra, ele passou primeiro pela questão estética para depois eu chegar à teoria. E aí nessa construção eu sempre procurava, há quero dar um 'rolê e tal', 'é', e aí eu procurava alguma coisa de moda nas redes sociais e não encontrava. Aí a minha ex e meus amigos, 'não faz um rolê que vai ser massa', e criei o preta com essa ideia, 'aí' a ideia da moda ficou em segundo lugar mesmo, que eu comecei a trazer outras pautas, é, e 'aí' coisas que aconteciam comigo, que eu achava que eram coisas que assim, eram só da minha vivência, aquele 'rolê' "acontece só comigo", 'é aí eu' fui entender que não era, que com outras 'minas' também aconteciam, 'aí' foi rolando essa troca, essa construção. Hoje que eu estou tentando, voltando a olhar para essa questão da moda, que eu gosto. E acabou que o preta, 'é', eu consegui criar uma comunidade assim, de troca com outras 'minas', não só pretas, de minas brancas também, mas 'caminhoneiras', 'né', nesse recorte. É um espaço de acolhimento."

Hilário Júnior: - "Então a senhora surgiu como blogueira de moda?" (deboche)

Jamine Miranda: - "Sim, eu quero ser blogueira de moda". (risos)

José Melo: - "Também não sinto saudade, o período escolar não foi, 'né', é interessante porque eu sempre brinco assim, que à minha fase foi hetero, na época porque todo mundo fala assim, 'ai se é fase lésbica, ou fase gay', e à minha fase foi ser hetero. (brincando). E assim, foi muito louco, porque eu revivendo, e pensando sobre meu entendimento enquanto uma mulher lésbica, durante à maior parte da minha infância, 'é' eu, quis ser um homem, porque eu queria estar com outras mulheres, e aí eu fui criada num cenário, anos 90, agente não tinha muita representatividade. Então eu entendia que só se eu fosse homem eu poderia estar com outra mulher, e 'aí', durante muito tempo eu quis isso, para poder ficar com outras 'minas', e 'aí' quando eu conheci, eu entendi que tinha um outro universo, que eu poderia ser mulher e continuar amando outra mulher, que 'se' abriu pra mim. Mas eu sempre falo, meu entendimento mesmo, enquanto lésbica foi um 'fake', eu tinha um personagem 'fake', no falecido 'Orkut', era um homem de "Rebeldes" ainda, amava alias. E 'aí', era e eu comecei a entender, olhar, gosto de 'mina', e 'aí' tinha uma 'mina ai do fake' que atravessou esse role, e eu consegui falar olhar sou mulher tal, e foi à partir 'daí' que eu comecei à entender mesmo enquanto lésbica. E meu período escolar 'aí é isso', não beijei na boca, de ninguém, nada, foi um período 'assim', entendendo que é um 'roleção' você se entender uma mulher lésbica, e ser uma mulher preta, um 'roleção', no período escolar. E só na faculdade assim, que eu conheci, mas foi pro final da faculdade que eu comecei a beijar na boca, tipo antes, quase nada.

Hilário Júnior: - "Não se permitia ou não acontecia?"

Jamine Miranda: - "Os dois, 'assim' eu tive um namoradinho, que durou, acho que um mês, mas já falei 'há não é isso que eu quero' e só, 'assim'. E aí pra beijar 'mina' demorou, tipo muito tempo.

José Melo: - "Mas você acha que foi mais um processo de você se aceitar com à ideia, ou do, preterimento, 'de tipo' às vezes não ser à 'mina' escolhida, ou não estar ali no foco onde você vai ser à primeira, "ah não quero pegar ela" entendeu? Como você sente que isso foi pra você? Qual caminho foi?"

Jamine Miranda: - "Pra mim foi total no role do preterimento, não sei 'assim', se já vieram no role de BH, é meu primeiro 'rolê', aqui de BH, foi na "Savassi", um ambiente extremamente branco, e eu 'ia' em boates, e boates não tem lésbicas, são 'só' gays 'assim'. Então eu uma 'mina' preta, nesse processo de entendimento, até então eu performava essa feminilidade imposta, e foi só depois quando eu conheci o movimento negro de BH, que as coisas começaram à melhorar, mas também mudaram à partir do momento que eu não vestia mais essa feminilidade 'né'. Que 'aí' é um outro entendimento 'né', de você ser uma mina, preta, "cainhoneira", que tem um corpo que não é padrão, 'aí' é as várias facetas que a gente vai entendendo 'né'.

Porque eu passei por várias opressões, num momento que eu ainda me entendi enquanto hetero, e aí quando eu conheci o mundo, foi, lésbico, eu falei “nossa eu estou abraçada”. E ‘aí’ eu vi que é um movimento extremamente racista, ‘aí’ eu falei ‘putz... achei que tinha acabado os problemas, começou tudo de novo né’. (risos)

Caco Baptista: - “É muito complicado assim ‘né’, essa visão de comunidade pra gente que é preto, no sentido de, a gente busca, aceitação, pertencimento e tudo mais, e quando a gente se esbarra com o racismo, ‘caralho’, ‘mais uma vez... isso vai ser o ponto focal da coisa’... e acho que pra você, fazendo um paralelo do ponto de vista G (gay) ao ponto de vista L (lésbico), o que pra gente seriam as gays afeminadas, seriam pras ‘sapatão’ as ‘caminhoneiras’, e como se dá essa relação pra você? Você falou, né, de se entender ‘caminhoneira’, e tudo mais, ser um corpo fora do padrão, como foi esse processo? Porque é um processo que já é pautado no estereótipo, na maldade, numa malícia que muitas vezes não corresponde ao universo ‘sapatão’ de jeito nenhum, como foi?”

Jamine Miranda: - “Então quando eu sempre penso o universo lésbico, ‘é’ e pra além dele também, eu entendo que eu não escolho qual opressão que eu quero sofrer, ‘assim’, eu não escolho sair e sofrer opressão só porque eu sou lésbica, ou sair e sofrer só opressão porque sou ‘sapatão’. Essas questões atravessam meu corpo o tempo inteiro, existe, querendo ou não, existe um padrão dentro do universo lésbico, por exemplo, que uma lésbica como eu, que não cumpre esses lugares, esses lugares de feminilidade ‘né’, que eu quero trazer uma outra feminilidade, o que é socialmente aceito dentro do meio lésbico, é à (não identificado) do (não identificado), mulher magra, branca, andrógena, ‘tipo assim’, que não tem nada à ver comigo. E aí cria-se um estereótipo total do ‘ser caminhoneira’, e aí é um processo que à questão racial, à gente não pode perder ela de vista nesse debate, porque é um processo que ele me desumaniza o tempo todo, ou ainda mais, ‘sabe?’. No sentido de, eu demorei muito tempo para entender, que eu era digna de afeto, porque à questão racial me atravessava, e à questão de eu ser lésbica me atravessava. À comunidade lésbica é muito difícil ‘assim’, eu entendo, por exemplo, ‘é’ se alguma menina... eu sei que tem muita ‘mina’ que se interessa por mim hoje, porque eu produzo um conteúdo na internet, mas se fosse tipo assim, ‘à Jamine preta do role’, não ficaria comigo, porque o meio, ele não aceita, é muito muito muito difícil. E aí tem as várias construções também né, de que ‘uma mina que é caminhoneira tem que estar com uma mina que performa mais feminilidade’, e aí geralmente essas questões são barreiras que são difíceis de atravessar, a gente está nesse movimento, mas ainda são bem difíceis de atravessar.”

José Melo: - “E sem contar todo estigma que há, ‘caminhoneira’ tem que ‘ser à ativa’, e à feminina ‘à passiva’, igual no meio G, o afeminado tem que sempre ‘ser passivo’ e o masculino sempre ‘ser o ativo’. É uma coisa que acabam afastando e que afetam de mais à gente a encontrar outras pessoas e se abrir em relacionamento, e conhecer outras pessoas com esse medo de o preconceito que vai ter dentro da própria comunidade, tipo ‘assim’, ‘ah eu sou uma pessoa afeminada, mas eu prefiro se o ativo’, ‘aí’ então eu fico com receio de me encontrar com outra pessoa porque ‘o que ele vai achar de mim, ou ele vai achar querer que eu seja passivo sempre’, então acho que tem essas questões também.”

Hilário Júnior: - “Tem um amigo meu, de minas, inclusive, (inaudível) que ele é de BH, ele é afeminado e é só ativo, e ele faz questão de falar isso, que ele é afeminado e ativo, e aí as pessoas ficam meio escandalizadas com ele ele realmente é aqueles ‘megafone de Britney Spears’, e ele é super afeminado, performa músicas e etc... mas ele é só ativo, e aí muita gente fica falando com ele “mas como assim você nunca deu, você não quer dar?” e ele “não, não quero gente, não tem que ser dessa forma que vocês tão achando que tem que ser”... é bem complicado realmente.”

Jamine Miranda: - “Sim, são várias, é muito louco ‘assim’, porque são várias regras que são criadas ‘né’, gente sexo é troca, sexo é relacionamento, não tem ter tipo “aí alguém tem que só cumprir um papel, e um outro tem que só cumprir um papel”. “Véio” sexo é prazer, pra mim tá ‘numa’ outra esfera tão maior do que ‘só tipo’, alguém ‘ser passivo’, alguém ‘ser ativo’, mas é ‘foda’, ‘tipo’, em todas as nossas relações à heteronormatividade ela está ali pra tipo ‘assim’ ‘te falar o que você tem que fazer?... ‘é’.”

Caco Baptista: - “Exato, é muito esfregado na nossa cara, do tipo ‘ter, que ter um papel, tem que ter uma caixinha, você tem que pertencer à alguma coisa, e se você tiver fora do que é esperado de você, a gente vai ter julgar’. É muito, constantemente esse tipo de opressão assim, que acaba marcando muito as relações. Eu acho que, ainda aproveitando do comparativo, o que a gente não vive na pele em termos de opressão pelo gênero, ‘né’, mulheres lésbicas sofrem isso o tempo todo, e como foi para você e como é para você lidar com essa questão do gênero frente à opressão, frente ao machismo, misoginia?”

Jamine Miranda: - “Ou, é muito louco ‘assim’, o ‘role’, porque eu enquanto uma lésbica ‘caminhoneira’, é um ‘rolê’ que é uma linha muito tenue na verdade, porque o homem hétero ele é amigo da ‘caminhoneira’, e ele entende ela nessa ‘há tipo, meu brother, te aceito como é’, até o momento que você não quer ficar com a ‘mina’ que ele quer ficar, ou até o momento que a ‘mina’ que ele quer escolhe a ‘caminhoneira’ e não ‘você’ ‘sabe? tipo assim’, eu sinto enquanto uma lésbica ‘caminhoneira’, eu sinto sempre um não lugar, na verdade, assim, porque muita, ‘tipo assim’, nossos comportamentos... eu fiz até uma publicação falando sobre isso, que é muito louco. Por exemplo, se uma mulher lésbica, que performa essa feminilidade, se ela fala assim ‘olhar, eu tenho liberdade no sexo, eu gosto de mandar no sexo’, isso querendo ou não, e dentro de toda estrutura, enfim, dentro da realidade, isso pra ela é aceito, mas se eu, enquanto uma lésbica ‘caminhoneira’, que

não cumpre esses esteriótipos, se eu virar e falar assim ‘olhar, eu gosto de mandar na cama’, isso não é aceito, porque automaticamente meu comportamento ele é associado ao lugar de um homem cis, ao lugar de uma masculinidade tóxica, então o que eu sinto sempre é uma questão de não lugar, que à gente, é, está construindo este espaço, mas é, eu sinto que é um processo muito solitário, no meu lugar enquanto uma lésbica ‘caminhoneira’ e com as trocas que eu tenho com outras mulheres, é um lugar que é muito solitário assim, de não me sentir acolhida tanto no meio hetero, quanto não me sentir acolhida no meio LGBTQIA+, ‘tipo assim’, eu sinto que todos meus comportamentos eles vão ser comparados à alguém, mas nunca vai ‘tipo’, compreender as minhas particularidades, enfim, as minhas construções, então pra mim eu to sempre nessa linha tenuê ‘ai né’.”

Hilário Júnior: - “Preta deixa eu te falar alguma coisa, eu escutei o podcast que você participou com a Lela Gomes, no ‘Podcastão’, aliás beijo Lela, amamos Lela aqui. É, e ai’ vocês estavam fazendo muito esse paralelo entre ser uma lésbica branca e ser uma lésbica negra, você está fazendo esse paralelo aqui também, mas você pode fazer de novo? para nossos ouvintes do “Poc de Cultura” para eles terem a oportunidade de entender isso, como funcionam estas coisas na prática?”

Jamine Miranda: - “É o seguinte, quando à gente pensa... quando à gente fala, lésbica, uma mulher lésbica, automaticamente associa-se mulheres lésbicas à mulheres brancas, e ai falavam assim ‘mulheres lésbicas, mulheres brancas’, ‘mulheres sapatão, mulheres pretas lésbicas’, e ‘ai’ houve uma reformulação, uma reafirmação deste termo, de não ser um termo ruim, e ai se entendeu que ‘sapatão’ era um tema massa, e ai as pretas que antes eram ‘sapatão’, e ‘ai’, não sei se higienização, é à melhor palavra, mas tipo assim, houve um ‘role’ que à gente foi tirada, e ‘ai’ agora, quando à gente fala ‘sapatão’, à gente fala de lésbicas que estão neste lugar que é o seu padrão. E agora ‘caminhoneiras’ são mulheres pretas, e ‘ai’ nós estamos nesse movimento de ressignificar o termo ‘caminhoneira’, e ‘ai’ é por isso que a gente reafirma, tipo no sentido de ‘não é que não se pode usar’... e ‘ai’ até um tempo atrás à gente fez essa conversa sobre o termo ‘caminhoneira’, óbvio, eu queria ser ‘só’ lésbica, mas eu não consigo me identificar enquanto lésbica, enquanto ‘sapatão’, por causa deste recorte racial, então no momento que eu me posiciono do que eu sou, eu falo ‘eu sou caminhoneira’, porque é um lugar de cuidado, é um lugar que estou entre as minhas. E ‘ai’ a gente ressignifica, ‘olha... eu sou caminhoneira? sou caminhoneira’ e ‘ai’ entendendo que ser caminhoneira não é um ‘role’ ruim, então é muito louco, novamente não perdendo de vista o debate racial, que querendo ou não algumas pautas estão constantemente sendo ‘esbranquecidas’. E ‘ai’ os pretos vão só ficando nos cantos, o espaço que vai dando...”

Caco Baptista: - “Eu acho muito curioso, à forma como essa relação do ‘caminhão’ pra mulher preta, vai muito de encontro com o termo “cafuçu” pro homem preto gay, que foge do normativo e do padrão ‘né?’. É um paralelo muito próximo das duas coisas, onde o termo ele é usado para objetificar e significar alguma coisa, mas de forma alguma é enaltecendo, é sempre sendo pejorativo e discriminatório na maioria das vezes, mas que mesmo com a gente ressignificando, isso ainda está num ponto de dificuldade, ‘sabe’ de ainda não ser bem compreendido, e o problema é meio que esse ‘assim’, quando a gente passa por pauta, e recorte racial dentro da comunidade, ainda existe uma dificuldade muito grande de à gente conseguir passar à palavra à diante, a gente depende de um nível de evolução de uma galera branca, pra que essa galera branca entenda que a gente precisa de espaço pra falar, ‘pra ai’ a gente conseguir algum espaço pra falar. Porque até então se não for deste jeito ‘né?’, até pela mídia mesmo, pelo que a gente vê, são sempre as mesmas caras pretas de sempre, falando as mesmas falas de sempre, ocupando os mesmos espaços de sempre, que não refletem as diferentes narrativas, então acho que é muito louco como isso se aproxima em termos de opressão de formas muito semelhantes e que a gente ainda nada na mesma ‘bosta’, mas ainda assim continua desunido, “sabe?, é “foda”.”

Jamine Miranda: - “Sim, total. E é muito ‘na ideia’, ‘assim’, e à branquitude ainda faz muito esse ‘rolê’, do preto único ‘né’, então ‘tipo assim’, é como se duas pessoas pretas não pudessem estar, por exemplo, num espaço de criação de conteúdo, é como se a gente tivesse que estar disputando aquele mesmo lugar, ‘tipo assim’, tem um lugar vocês revezem entre eles, assim, ‘sabe?’, tipo ‘entre vocês, é... isso, vocês revezem ai entre vocês’. E ‘ai’ é um movimento, ‘assim’, que a gente está tentando entender também da gente como comunidade ‘véio’, porque tem que ser só eu falando sobre lésbicas negras ‘caminhoneiras’, e é nesse ‘rolê’ mesmo, ‘assim’, de que acaba que o racismo também atravessa à gente no sentido de acabar que a gente disputa um só lugar, em vez de entender, a lógica que nós precisamos estar em vários lugares e não só numa vaga só, na cota única, ‘né?’.”

Caco Baptista: - “É um ponto que eu queria te perguntar, ‘assim,’ entrando um pouco na parte de historiadora, do seu ‘role’, sobre os primeiros registros que se tem, ou primeiras noções que se tem de, ‘né’ do amor lésbico sendo ‘né’ reconhecido, ‘assim’, quais são as representações que você encontra e que você tem como referência de amor lésbico ‘né’, e de, do movimento lésbico em si?”

Jamine Miranda: - “Então à gente tem um hiato, ‘assim’, nessa construção ‘né’, até mesmo de entender essa noção de ser lésbica, ‘da ilha de (inaudível)’, são relatos meio fragmentados. E da minha construção, ‘é’ na história, enquanto historiadora, isso foi algo muito difícil ‘assim’, é uma construção que eu estou basicamente fazendo agora, lendo (inaudível), lendo outras referências ‘né’, porque eu estudei em uma Universidade católica, então ‘ai’ (risos)... então ‘ai’, tipo assim, ter um acesso à este tipo de conteúdo é um movimento que

estou ‘tipo’ fazendo agora, tem ‘pouquíssimo’ tempo ‘assim’. Pra ter uma ideia, eu tive... ‘História da África’ pra mim foi matéria optativa, eu tive um curso de três meses, então foi algo “tipo assim”...

Caco Baptista: - (risos) “é ‘bizarro’... de ouvir e pensar ‘como assim sabe?’”

Jamine Miranda: - “Três meses ali, passou, ‘e aí’ enfim, e agora são outras referências, ‘tipo assim’ às vezes referências, querendo ou não são atuais ‘né’ pra pesar essa questão de ser lésbica, tipo (inaudível), ‘Conceição Evaristo’, ‘Angela Deives’, ‘né’, ‘Conceição Evaristo’ ela é bissexual, mas ‘tipo assim’ essas são as construções que eu tenho do amor entre mulheres, é tipo, é um ‘role’ que é muito recente e que querendo ou não, vai de encontro com o movimento que acontece ‘num’ geral com a historiografia negra ‘né’. Com essa questão da oralidade, com essa questão do que é história oficial, do que que não é... então ‘aí’ a gente acaba que a gente vai perdendo, muito da nossa história a gente já perdeu, ‘né’ por conta desse processos, ‘né’.”

José Melo: - “Amiga, ‘é’ você tem um trabalho também com crianças e adolescentes ‘né’ de periferia, como que é essa relação com sexualidade, ou não existe essa conversa ‘assim’?”

Jamine Miranda: - “Então, meu trampo enquanto educadora social, lá é à partir dos 14 anos, então dos 14 aos 22 anos, e é muito interessante porque, toda vez ‘assim’ que eu chego em sala, chego com os meninos, ‘tipo’ à primeira coisa que eu falo, eu já chego e falo ‘assim’, ‘prazer sou Jamine, sou sapatão, sou caminhoneira’, já é a primeira coisa, falo ‘tipo assim’ pra falar ‘assim hó, isso aqui não é uma questão, vamo pra próxima... pra pensar à próxima coisa né... é vamos pra próxima pauta, pra não ter conversinha vamos pra próxima pauta’. E é muito interessante, porque lá no ‘trampo’ são meninos, ‘assim’, são de realidades completamente distintos ‘assim’, tem meninos em sofrimento mental, então eu tenho, eu tinha ‘né’ uma turma que seis meninos era esquizofrênicos, e eles estavam medicados, no ‘rolê’, tem menino que é de medida sócio educativa, tem menino que é egresso do sistema prisional, que ‘está ali’, à maior parte dos meninos eram meninos negros ‘né’, trazendo essa questão racial. E é muito louco ‘assim’, como que eles estão, eu sempre via eles muito abertos ‘sabe’, e com muita ‘sede de conhecimento’, principalmente, ‘sei lá’... uma turma de surdos que eu tive, são uns meninos que eles falam ‘assim’, ‘nossa sora, ninguém explica isso pra gente, a gente vive num completo silêncio, e à minha família não trocar ideia comigo’. É muito louco, porque a gente vai trazendo isso, e à instituição, à organização também fazia esse movimento, que os meninos eles tinham que entender que existe uma realidade, ‘tipo assim’ que existe um mundo de diversidade fora ‘dali’. Então se eles ‘viam’ eu enquanto educadora, uma mulher preta, ‘caminhoneira’, pra falar com eles ‘ou essa é à realidade’.... ‘tipo assim’ este é um novo mundo que está se criando, claro ‘tipo assim’, ‘vocês vão ver isso’. E aí, a gente tinha muito espaço para... muito espaço pra... eu principalmente sou muito fã da cultura hip hop, o rap pra mim é ‘tudo’, então ‘tipo’ eu tinha muita liberdade em tratar o rap com os meninos. Aqui em BH tem um projeto, que é muito ‘foda’ com a UFMG, que é à ‘Prep’, então ‘aí’... à gente, os meninos iam, tinham palestra da ‘Prep’ pra falar sobre ‘tipo’ sexo, ‘sabe tipo assim’ entregar camisinha pros meninos, e ‘aí’ os meninos ficavam ‘meio assim’... ‘tal’. ‘Sei lá’, eu tinha um encontro sobre consumo de álcool, e aí eu falei com eles ‘gente não vou ser hipócrita de falar com vocês assim: não bebam, que eu sei que vocês não vão fazer isso’ ‘sabe’. Mas eu ‘falava assim’, ‘vamos fazer uma aula sobre uso abusivo de drogas’ (inaudível). Então ‘tipo assim’ pra mim, eu entendo que minha construção como educadora, ela veio antes de qualquer ‘coisa’ do ‘preta’, então é sempre essa troca ‘assim’, eu sempre, sempre quis trazer isso pros meus meninos e falar “assim olha, aqui nessas quatro paredes aqui, neste espaço vocês podem ser o que vocês quiserem ser ‘véio’, ‘sabe’, e ‘tipo’ ‘você não tem que ter medo, alguma mina virar e assim falar “há (inaudível) eu sou lésbica caminhoneira e eu tenho medo, como é que vai ser?”, aí eu sempre ‘zoava’ e fala assim “olhar então a gente está numa realidade que “tipo” desemprego é para todo mundo “sabe” (inaudível), não é ser lésbica ‘caminhoneira’ ‘sabe’, tipo e é isso assim, e eu, eu, não sei se é uma visão romântica da vida...sei lá”

Hilário Júnior: - “Eu não acho que é romântica não, imagina se a gente não tivesse ‘sonhos de revolução’ nessa vida, entendeu, ‘tipo’, quem é que a gente seria ‘né’? ‘Pô’ a gente precisa, a gente não pode ficar achando que as nossas ações individuais não vão fazer mudanças ou não vão mudar nada, porque elas mudam sim” (Afirmação) ‘Entendeu?’ nem que seja uma pessoa, se você mudou uma pessoa, você já fez muita coisa, ‘entendeu?’, que aquilo ali pode escalar de formas inimagináveis, se você parar pra pensar né?” Eu ia te perguntar uma coisa, sobre essa coisa da escola, você acha que hoje em dia, ela está, essa discussão de questões de gênero, enfim e tudo mais, ela está mais preparada hoje, ou ainda não? ainda é uma discussão que demora pra sofrer, porque eu acho que assim... da época, eu tenho 30 e pouco... vou fazer 37 anos este ano ‘né’, então, há 20 anos atrás quando eu estava na escola, vamos dizer assim, eu tinha 17 anos e estava no segundo, terceiro ano, do ensino médio na época, à escola era muito diferente do que ela é hoje, ‘né’ assim, as pessoas, os professores, as pautas na sociedade eram completamente diferentes. Então como é que está essa discussão hoje na escola? como você vê, como você enxerga ‘aí’ no seu código, no seu mundo, que eu sei que falar sobre a educação como um todo ainda é muito, muito difícil.”

Jamine Miranda: - “Então, à escola, o ambiente escolar ainda é um ambiente que é muito defasado, então ainda tem essa ideia de fileira, em uma ideia bem industrial mesmo, todo mundo de uniforme, tocando sinal, é um ambiente que querendo ou não ele está defasado, mas é muito interessante porque à geração que está chegando agora, ela tem outras demandas, então ela exige da escola esse lugar. Por exemplo, quando a gente vai

discutir sobre educação sexual, entendendo também que nós vivemos num país que à questão religiosa é muito forte, numa maioria agora evangélica, mas católica também, que não entende que se você falar sobre educação sexual com a criança você não vai falar ‘pra ele transar’, você vai falar ‘assim, olha’, a gente está numa realidade que ele está fazendo, não tem como fugir disso, você precisa de ensinar como ele vai se prevenir, você não pode ter essa ideia de que (inaudível). Então eu sinto que o modelo escolar, é muito interessante, porque tinha-se uma ideia de que o ambiente escolar ele era um oásis ‘assim’ fora da sociedade, parecia que existia uma lógica completamente diferente, ‘tipo assim’, se ‘tinha’ violência, se tinha guerra na sociedade, na escola não acontecia nada disso, era paz e amor, todo mundo tranquilo. E ‘ai’ eu sinto que agora, apesar das dificuldades, apesar da falta de investimento na educação, como todo mundo sabe, ‘é’, que algumas fronteiras estão sendo rompidas, essas são demandas, essas demandas precisam ser discutidas, elas estão ‘aí’, então eu sinto por exemplo se eu hoje, se eu me entedesse hoje, eu estivesse no ambiente escolar, e eu me entedesse enquanto lésbica, à acolhida seria completamente diferente, no meu período por exemplo, que ninguém tinha ideia de nada, que não se discutia sobre absolutamente nada, que era um ‘trem’ anormal, que eu achava que era ‘tipo’ pecado, ‘sabe’, então... Apesar das várias dificuldades eu sinto que é um movimento que não tem como parar porque é uma demanda que à gente precisa de discutir, que o ambiente escolar é um reflexo da sociedade, que não tem como fugir...”

José Melo: - “E à geração está mudando bastante também ‘né’, eu lembro de ter um professor gay, e o cara sofria ‘pra porra’ ‘sabe’, à galera ‘zoava’ o tempo inteiro, chegava ao nível de o professor falar pra diretora ‘que não iria mais dar aula naquele lugar’. Então acho que ter esses ‘tipos’ de educadores também, se impondo ‘sou gay’, ‘sou lésbica’, e é isso aí’, acho que ajuda essa questão de normalizar o que essa geração está vendo como sexualidade e que é comum ter pessoas diversas em todos os ambientes, não só em televisão, não só em música, ‘né’, ter ali no dia à dia dele, e é normal ser assim. Então acho que... e acesso à informação também ‘né’, essa geração tem cada vez mais acesso à informação, ‘ta’ cada vez mais fácil acessar informação, e eu acho que isso, tem que ser um crescente, desde quando eu era na escola, acho que pra hoje, já mudou muita coisa nesse sentido.”

Caco Baptista: - “Acho que só o fato da gente poder ver pautas que não param só, ‘nó’, gay, lésbica’, dentro das escolas, mas ver também transexualidades dentro das escolas, e ver como isso está sendo abordado, não só pela educação ‘né’, as professoras e professores estão sendo obrigados à lidar com isso ‘meio que na marra’, mas também da evolução ‘né’ de como se tratam as coisas dessa forma... Eu lembro de ouvir, ‘é’ não lembro qual contexto que foi exatamente, mas era uma criança falando, e foi muito bonito assim que ela virou e falou, sobre preconceito ‘né’, dentro da sala de aula, mas qu falou ‘que assim’, que principalmente quando os professores erram o pronome da aluna ‘né’, transicionada, que à turma inteira corrige, e faz questão de garantir essa segurança pra aluna que, ‘né’, também faz parte do grupo escolar, do ‘tipo, não, dentro de todo contexto, você não vai ser discriminada por isso, em momento nenhum, entendeu?’, então acho que só de ter este tipo de pauta, é ‘foda’.”

Jamine Miranda: - “É um processo que é muito natural ‘né’, ‘assim’, eu acho que é à gente que tem ainda algumas questões ‘assim’, algumas dificuldades. Mas a tratativa entre eles é outra ‘assim’, está numa outra, num outro lugar mesmo ‘né’.”

Hilário Júnior: - “Eu ia ter perguntar agora, sobre um negócio que eu estava pensando aqui, você estava falando muito sobre à questão do caminhão, da caminhoneira, de ser lésbica caminhoneira. Existe um padrão de ser lésbica caminhoneira? e que padrão é este?”

Jamine Miranda: - “Total ‘assim’, existe um padrão, primeiro que branco ‘né’, e aí pra além deste padrão de ser branco, ‘é’ à heteronormatividade ela está total no nosso ‘role’. Então é um entendimento de que... precisa de ser ativa, durante o sexo, de que precisa de.. de ocupar mesmo esse lugar de um homem da relação ‘né’, então ‘ai’ tem que pagar conta, ‘ta’ nesses lugares assim... E para além das construções que está ‘num’ geral da sociedade, essa questão do corpo, de ser um corpo magro, então por exemplo, eu sei que, se alguma ‘mina’, ela chega em mim ‘né’, é eu entendo que também está nesse lugar de criação de conteúdo, porque tem muitas ‘minas’ que eu sei que elas não chegariam em mim, se eu fosse à Jamine, que está no ‘role, preta’ e que não, ‘tipo, sabe?’ que não tem, acesso à outros lugares, ‘então’ são várias, querendo ou não são várias e várias caixinhas mesmo e à gente está que, infelizmente, ‘tipo, é isso’, quanto mais a gente vai fugindo desse ‘rolê’ das ‘Wesley Sapadrão’, ‘é’, mais difícil é, ‘assim’, mais difícil é à nossa construção...”

José Melo: - “É isso que você falou, no, no lá no ‘Podcastão’, também, eu lembro sobre quanto as lésbicas caminhoneiras são confundidas com homens trans, ‘né’, e ‘assim, como que é isso pra você?”

Jamine Miranda: - “Sim, ‘é’ e ‘aí’ novamente, não é meu lugar de falo, é uma demanda que eu não falo sobre, mas é muito louco ‘assim’, porque são as pessoas o tempo todo falando sobre você, e determinando sobre a sua vida, ‘sabe’ e a gente não conseguir fazer movimentos simples ‘assim’, no sentido de por exemplo, se eu for ‘dar um rolê’ e ir ao banheiro pra mim, ‘tipo’ é uma tarefa que é muito ‘foda sabe’, eu não consigo pura e simplesmente ir ao banheiro, porque alguém, porque alguém, ‘tipo’ segurança, ‘sei lá’, o segurança’ ele tipo, sempre, ja rolou várias vezes tipo, de o segurnça me tirar de dentro do banheiro, de eu precisar de fazer, é, de precisar de mostrar documento. E pra alé, disso ‘assim, é’ esse lugar de ser uma lésbica ‘caminhoneira’, ele é

um lugar muito solitário no sentido de acesso ao meu corpo, eu fiz uma publicação, tem pouco tempo sobre, falando sobre o acesso ao meu corpo que eu nunca me permiti sentir e ser sentida, 'é', eu já transei de roupa, por causa, por essa dificuldade 'é' das mulheres acessarem o meu corpo, de eu entender que eu precisava de ter um papel, que era completamente ativo no sexo, então eu falava assim 'meu corpo não pode ser minimamente tocado, porque não é esse o lugar que eu tenho que estar na relação'."

José Melo: - "É aquela ideia de 'eu preciso só oferecer prazer e não receber prazer' 'né'?"

Caco Baptista: - "É isto que eu iria falar 'né', é um papel de servir, onde você se anula porque você não conhece outra forma de receber amor, porque você só, 'né', está condicionada de dar amor e dar incessantemente, é um papel de uma 'máquina do sexo', que é também colocado 'né', em paralelo, ao papel do homem gay preto, muitas vezes..."

Jamine Miranda: - "Sim... total, totalmente"

Hilário Júnior: - "Há 'é', tem algumas pessoas, algumas mulheres lésbicas que elas falam, já ouvi vários relatos na internet também, 'é' sobre as pessoas hoje em dia dizer assim: 'ah, seu problema é que você é um homem trans, e não uma mulher na verdade'. Isso rola contigo também ou não?"

Jamine Miranda: - "Rola total, e aí eu sempre falo 'assim' no primeiro contato é importante você perguntar como a pessoa quer ser tratada, 'sabe', uma questão de respeito, mesmo, mas tem muita gente que sabe do meu 'role' e continua me tratando no masculino, e 'aí' entendendo, que as pessoas tem 'sei lá' muita facilidade de tratar à Pablo no feminino e não conseguem me tratar no masculino 'sabe tipo'...'ah'... não conseguem me tratar no feminino 'né'(confundi). Ter essa facilidade com à Pablo, mas comigo não tem, ou, ou homens gays que performam mais essa feminilidade, tem muita, tem muita facilidade de tratar eles no feminino e não conseguem... 'é... me tratar no feminino 'assim', é um 'rolê' que é muito de imagem, 'sabe'. E aí vai de encontro, acho que vai de encontro muito, com as trocas que eu penso sobre o role de moda, 'gente tudo que está no meu corpo é feminino 'pô', eu sou uma mulher, não tem nada masculino no meu corpo' 'sabe', pois é, é, são os estereótipos que eles estão tão assim na nossa mente, que, se tudo que foge daquilo, parece que dá um 'bug' na cabeça 'sabe'."

Hilário Júnior: - "Entendo super... 'é' a gente está caminhando, Preta, ao final do nosso papo, mas eu queria muito, muito, muito que você disse é, um ponto de vista e falasse especificamente especificamente sobre uma das siglas do nosso, da nossa comunidade, que é o 'G', 'né'... que a gente sabe que a comunidade gay é à 'caçamba de lixo' do movimento, 'né' (risos). E 'aí' a gente, eu queria que você desse o 'se ligue, assim', botassem o seu dedo nessa ferida, o que é que precisa pros gays, principalmente da nossa audiência aqui no 'Poc de cultura', se ligar para serem mais receptivos e mais acolhedores com, com as lésbicas?"

Jamine Miranda: - "Eu acho que é primeiro é, fazer uma autocrítica, que eu acho que as outras siglas elas fazem essa autocrítica, então essa autocrítica ela é necessária, é entender que o corpo de mulheres não é um corpo público, então não é pelo fato de você se relacionar sexualmente, amorosamente e afetivamente, enfim, com homens que você tem o direito de tocar outras mulheres... que 'se' você falar sobre o órgão genital, se você falar 'ah não gosto de buceta e tal', 'véio' isso é um 'rolê' que é extremamente misógino, você falar que você tem nojo do corpo do outro, 'véio' isso é um rolê que é muito pesado, principalmente né, na sociedade que a gente vive, 'é' que fala muito no corpo das mulheres, que fala sobre 'n' questões, que cria 'n' padrões na nossa cabeça, então 'tipo assim, é' um processo, que é, enfim não tem que acontecer, e é entender gente, o nosso meio, 'né' é um meio que é extremamente racista, ele é extremamente misógino, ele é lesbofóbico, ele é transfóbico, existe uma sigla, tanto que a gente fala de uma parada 'gay' porque o movimento é 'GGGGGG' e ... existe, querendo ou não, existe essa ideia que existem pautas mais importantes que à outra. Nós por exemplo estamos em agosto, que é o mês da visibilidade lésbica, e 'assim' ... as outras siglas, 'né', as outras letras da sigla elas ignoram completamente à existência das mulheres lésbicas, então é iso, tipo, como diria 'Emicida' "né", 'enquanto à terra não for livre, eu também não sou'... então é no movimento de que, se é liberdade só para você eu acho que você tem que pensar essa liberdade, se só você for, você tem que repensar, e nós precisamos de repensar privilégios, e aí quando à gente está falando desse movimento que é "GGGGGG", nós estamos falando de privilégios".

Caco Baptista: - "Sim, 'é', é até como eu já devo ter falado aqui, já no, alguns episódios do "Poc", sobre como à pirâmides do privilégios acaba botando uma disparidade muito grande 'né', que à gente entende no, no lado hétero, o homem branco sendo topo e à mulher preta sendo à base, e todas as opressões que uma mulher preta sofre, 'né', durante toda à vida e toda construção em função disso, do patriarcado 'e tal'. Só que isso também acontece, em paralelo, dentro da comunidade, só que de uma forma muito menos escadinha 'né', como a gente está esperando, e mais um lance onde 'é', à branquitude LGBT dentro do um todo, 'né' ela está num espaço de privilégio muito grande frente às pessoas pretas LGBTs, justamente, porque a forma como à narrativa cresce, em função do racismo e tudo mais, é uma coisa que prejudica muito, e principalmente pra, mulheres trans e mulheres lésbicas pretas, que à gente sabe que estão nessa base 'aí da pirâmide, então cabe muito à nós, enquanto movimento 'né', enquanto comunidade entender isso e começar a se unir cada vez mais, trazer à narrativa mais pra dentro 'sabe', e fazer mais essa acolhida com 'né', com quem faz parte da comunidade, e que

dialoga com lutas muito parecidas com as nossas, e inclusive muitas vezes até piores, em forma de tratamento, de opressão e afins...”

José Melo: - “Bom... pra quem não ouviu da semana passada e está ouvindo de agora é o nosso novo quadro, “O bate bola, jogo rápido” é nosso novo quadro, que são 10 perguntinhas que a gente faz pro convidado da vez, pra entender um pouco mais quem é ele nesse ‘role’. Então vamos começar? ‘É’ à primeira pergunta é, quem subiria no seu trio da parada? Conta pra gente...”

Jamine Miranda: - “Vixe... Mart’nália “pô” vai ela... Caminhoneirona” (Risos)

Hilário Júnior: - “E quem não subiria?”

Jamine Miranda: - “Bolsonaro ‘né’, não sobe em nada...”(risos)

José Melo: - “E se você pudesse ser uma artista por um dia, quem você seria?”

Jamine Miranda: - “ ‘(inaudível) the internet’, crush de todo mundo...”

Caco Baptista: - “E vamos lá, qual momento histórico da cultura pop que você adoraria ter vivido?”

Jamine Miranda: - “Bronks, 1973, início da cultura hip-hop, queria estar lá vivendo esse ‘role’ de mais”(risos)

Hilário Júnior:- “ Quem é sua ‘crush’ ou seu ‘crush’ famoso?”

Jamine Miranda: - “Deixa eu pensar... ai gente, MC Rebecca né, à Mc Rebecca é isso né, deus abençoe ela lá da casa dela nesse momento...” (Risos)

José Melo: - “Agora recomenda uma artista, homem, mulher, não binário...”

Jamine Miranda: - " ‘Mahmundi’, conheci esses dias, minha “arroba” me mandou, e ‘ai’, é isso, só amorzinho ‘né’ essas músicas, ‘é isso’.”

Caco Baptista: - “E qual vilã de novela te representa, conta pra gente...?”

Jamine Miranda: - "Gente eu sou super noveleira, eu amo novela, eu escolheria à “Nazira” do “O Clone”, que aliás é à novela que estou vendo neste momento”

Hilário Júnior: - “Deixa eu te falar, a gente tem aqui nessa lista de perguntas, de criar uma playlist o convidado da semana cria uma playlist, queria uma música pra começar sua ‘playlist’?”

Jamine Miranda: - “Alinega, ‘Só Você Pelada’, música de transar nessa ‘carentona’ aí, que está todo mundo aí sedento”

Hilário Júnior: - “Bom... Acho que a gente chegou,aqui, ao final hoje Preta, eu queria que você desse uma última mensagem para nossos ouvintes, nossa audiência...”

José Melo: - “E já se divulga, fala suas redes, como te achar...”

Jamine Miranda: - “Querida primeiro agradecer, acho que é muito importante, acho que esse ano de 2020 é muita loucura, muita coisa acontecendo, e é muito importante à gente furar nossa bolha, ‘é’ de entender principalmente que é importante à gente falar com os nossos, mas é importante à gente deixar nossa voz também ecoar em outros espaços. Estou muito feliz, muito agradecida pela troca, acho que pra mim é muito, é muito importante, é muito simbólico, principalmente entender o porquê de muitas coisas, o porquê de eu estar aqui, produzindo conteúdo, enfim... é muito louco, quero agradecer muito...’é’ estou muito feliz, quem quiser acompanhar meu role @pretacaminhão no instagram e tenho um podcast chamado “Pretacast Caminhão”, que eu falei que iria atualizar toda semana, mas já desde abril ‘está aí’ mas uma hora vai acontecer” (risos)

Caco Baptista: - “Preta muito, muito, muito obrigado por ter participado junto com a gente, foi realmente pra gente também muito significativo esse episódio, ‘é’ essas fronteiras elas precisam ser reduzidas cada vez mais, então considere esse primeiro convite, um de muitos outros, que a gente quer firmar essa ponte ‘ai’, pra poder, ‘né’ reduzir um pouquinho essas diferenças e tornar nosso meio mais empático, mais justo e mais unido, então obrigado...”